

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

Ps. ERATÓSTENES

CONSTELAÇÕES
DO ZODÍACO
(Ἄστροθεσία
ζωδίων)

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO, NOTAS E ÍNDICES
REINA MARISOL TROCA PEREIRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre a autora

Reina Marisol Troca Pereira. Agregação em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, 2014; Pós-Doutoramento (Literatura e Cultura Latina e Humanista), 2013, Universidade de Coimbra; Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior, 2003; 2º Doutoramento (Literatura Grega), Universidade de Coimbra, 2013; Mestrado em Literaturas Clássicas, Universidade de Coimbra, 2000; Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra, 1997; Professora Auxiliar, com vínculo, na Universidade da Beira Interior (leccionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento); Diretora do Curso de Mestrado em Ciências Documentais; Membro do Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; traduções publicadas (grego-português, latim-português) e artigos.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Daniela Pereira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega
Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

Ps. ERATÓSTENES

CONSTELAÇÕES
DO ZODÍACO
(Ἀστροθεσίαι
ζωδίων)

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO, NOTAS E ÍNDICES

REINA MARISOL TROCA PEREIRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Constelações do Zodíaco

Constellations of the Zodiac

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO, NOTAS E ÍNDICES

INTRODUCTION, GREEK TRANSLATION, NOTES AND INDEXES

Reina Marisol Troca Pereira

<https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Margarida Albino

Projeto CECH-UC:

UIDB/00196/2020 - Centro de
Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 REPÚBLICA
PORTUGUESA

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1947-7

ISBN Digital

978-989-26-1948-4

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1948-4>

Depósito Legal Legal Deposit

© julho 2020

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Unversitatis
Conimbrigenis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

CONSTELAÇÕES DO ZODÍACO (Ἀστροθεσίαι ζωδίων)

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO, NOTAS E ÍNDICES

INTRODUCTION, GREEK TRANSLATION, NOTES AND INDEXES

Reina Marisol Troca Pereira

FILIAÇÃO AFFILIATION

Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior

RESUMO

Constelações do Zodíaco consiste na tradução do original astronómico/astro-lógico da Época Alexandrina *Catasterismos*, atribuído ao grego Eratóstenes. Prosa há muito perdida e sucessivamente objeto de reformulações breves e parciais coligidas tardiamente na forma de um *Epítome*. Em 44 sumários episódios, apresentam-se as constelações, através de imagens do saber comum, radicadas em cenas e aspetos mitológicos. Abordam-se outrossim *topoi* diversificados como *philia*, traição, cólera, justiça, crime e castigo, reverência, eponímia, etiologia, metamorfose, mitologia.

PALAVRAS-CHAVE

Astronomia; Mitologia; Metamorfozes; Constelações

ABSTRACT

Constellations of the Zodiac is the translation of the original astronomical / astrological work *Catasterisms*, from the Alexandrinist Period, attributed to the Greek Eratosthenes. Prose long lost and successively subject to brief and partial reformulations collated years later in the form of an *Epítome*. In 44 small episodes regarding the constellations are displayed through images of common knowledge, based in mythological aspects. Many *topoi* are also discussed, such as *philia*, betrayal, rage, justice, crime and punishment, reverence, eponymy, etiology, metamorphosis, mythology.

KEYWORDS

Astronomy; Mythology; Metamorphoses; Constellations

(Página deixada propositadamente em branco)

AUTORA

Agregação em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, 2014; Pós- Doutoramento (Literatura e Cultura Latina e Humanista), 2013, Universidade de Coimbra; Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior, 2003; 2º Doutoramento (Literatura Grega), Universidade de Coimbra, 2013; Mestrado em Literaturas Clássicas, Universidade de Coimbra, 2000; Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra, 1997; Professora Auxiliar, com vínculo, na Universidade da Beira Interior (leccionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento); Diretora do Curso de Mestrado em Ciências Documentais; Membro do Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; traduções publicadas (grego-português, latim-português) e artigos.

AUTHOR

Aggregation in Classical Studies, University of Coimbra, 2014; Post-doctorate (Latin and humanist literature and culture), University of Coimbra, 2013; PhD in letters (linguistics), at the University of Beira Interior, 2003; 2nd PhD (Greek literature) at the University of Coimbra; Master's degree (MA) in Classical Literatures, University of Coimbra, 2000; B.A. at the University of Coimbra, 1997. Assistant Professor, at the University of Beira Interior (2000 -); Director of the master course in Information Sciences (2011 - 2017); Director of the master course in Iberian Studies (until 2011); Member of the Center of Classical Studies and Humanities of the University of Coimbra (CECH); National and International Peer Reviewed Publications.

(Página deixada propositadamente em branco)

Parentibus meis optimis et D. et
†A. — S.F. — A.†

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE

| | |
|--|--------|
| PREFÁCIO | 13 |
| 1. PROLEGÓMENOS | 15 |
| 2. <i>CONSTELAÇÕES DO ZODÍACO/CATASTERISMOS</i> | 26 |
| 2.1. CÓDICES E EDIÇÕES | 29 |
| 2.2. ICONOGRAFIA | 35 |
| 2.3. FONTES ASSUMIDAS | 42 |
| 2.4. ESTRUTURA | 44 |
| 2.5. METAMORFOSES ESTELARES | 47 |
| 2.6. A OBRA E O TEMPO: APONTAMENTOS POLÍTICO- -RELIGIOSOS | 49 |
| 3. NOTAS DE TRADUÇÃO | 53 |
| <i>CONSTELAÇÕES DO ZODÍACO</i> | 55 |
| PARTE I | 57 |
| 1. DA URSA MAIOR | 59 |
| 2. DA URSA MENOR | 62 |
| 3. DO DRAGÃO | 63 |
| 4. SOBRE 'O DE JOELHOS' | 65 |
| 5. SOBRE A COROA | 66 |
| 6. DE OFIÚCO | 68 |
| 7. DO ESCORPIÃO | 69 |
| 8. O GUARDIÃO DA URSA | 70 |
| 9. DE VIRGEM | 73 |
| 10. DOS GÉMEOS | 75 |
| 11. DO CARANGUEJO | 76 |
| 12. DO LEÃO | 78 |
| 13. DO AURIGA | 79 |
| 14. DO TOURO | 81 |
| 15. DE CEFEU | 83 |
| 16. SOBRE CASSIOPEIA | 84 |
| 17. SOBRE ANDRÓMEDA | 85 |
| 18. DO CAVALO | 86 |
| 19. DO CARNEIRO | 87 |
| 20. DO TRIÂNGULO | 88 |
| 21. DOS PEIXES | 89 |
| 22. SOBRE PERSEU | 90 |

Constelações do Zodíaco

| | |
|-------------------------------------|-----|
| 23. DE PLÊIADE | 91 |
| 24. DA LIRA | 92 |
| 25. DO CISNE | 94 |
| 26. DO AQUÁRIO | 95 |
| 27. DO CAPRICÓRNIO | 97 |
| 28. DO SAGITÁRIO | 98 |
| 29. DA FLECHA | 100 |
| 30. DA ÁGUIA | 101 |
| 31. DO GOLFINHO | 102 |
| 32. DE ÓRION | 103 |
| 33. DO CÃO | 105 |
| 34. DA LEBRE | 106 |
| 35. DE ARGO | 107 |
| 36. DE CETO | 108 |
| 37. DO RIO | 109 |
| 38. DO PEIXE | 110 |
| 39. DO ALTAR | 111 |
| 40. DO CENTAURO | 112 |
| 41. ACERCA DE HIDRA, CRÁTER E CORVO | 113 |
| 42. DE PROCÍON | 114 |
| | |
| PARTE II | 115 |
| 43. OS PLANETAS | 117 |
| | |
| PARTE III | 119 |
| 44. VIA LÁCTEA | 121 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA | 123 |
| <i>INDEX NOMINVM</i> | 127 |

PREFÁCIO

A atual publicação decorre da vã pretensão de não relegar a um óbito de indelével esquecimento a obra *Καταστερισμοί/Ἄστροθεσίαι ζωδίων*, *Catasterismos (Constelações do Zodíaco)*, de Eratóstenes. Ora, preservar a utopia, mas esclarecer a comunidade deverá constituir o verdadeiro e único objetivo a prosseguir. Desde logo, o todo que aqui se explora é um nada de certezas. Com efeito, a obra original em apreço da autoria de Eratóstenes, quiçá apelidada *Κατάλογοι*, ainda que transmitida, como denota Ernst Maass (1883), *Analecta Eratosthenica*, Berlin, Weidmannsche Buchhhandlung: 3, ora sem título, ora sob *Ἄστροθεσίαι ζωδίων*, que serviu de base à primeira edição, desde há muito não subsiste. Restam tão só fragmentos e reformulações breves e parciais coligidos tardiamente na forma de um *Epítome*. Por conseguinte, nem o texto grego de que se apresenta a tradução pertence ao cunho de Eratóstenes, nem a obra mantém a extensão primitiva.

E quanto ao título, não se iluda o leitor desavisado, esperando encontrar neste escrito pseudoeratosténico informação similar à de um qualquer pasquim astrológico da hodiernidade. Primeiramente, o grupo de episódios que configura o libelo não se limita a 12 constelações. Tampouco discorre acerca de influências/condicionalismos deterministas sobre eventualidades e comportamentos diários, mensais ou anuais das criaturas terrenas. Importará, por conseguinte, ponderar acerca dos conceitos de astrologia e astronomia, à luz da Época Alexandrina.

Embora não se trate de um tratado astronómico e o estilo prime por um carácter simples e sucinto, muito há para decodificar nos pouco mais de quarenta episódios. De conotações astronómicas, apresenta-se assim como um exercício de aproximação, ao proporcionar ao recetor explicações de algo visível, mas não atingível – as constelações, através de imagens do saber comum, radicadas em cenas e aspetos mitológicos. Ademais, são vastos os *topoi* desenvolvidos, aos quais se alude nesta publicação *in loco*. Eis pois *philia*, traição, cólera, justiça, crime e castigo, reverência, eponímia, etiologia, metamorfose, mitologia.

Mais se indica que todas as traduções apresentadas são próprias do presente trabalho.

Contando com a bonomia do leitor, assim segue esta tradução.

01 de janeiro de 2019

1. PROLEGÓMENOS

[Ἡφαιστός] ἐν μὲν γαίαν ἔτευξ', ἐν δ' οὐρανόν,
ἐν δὲ θάλασσαν,
ἠέλιόν τ' ἀκάμαντα σελήνην τε πλήθουσας,
ἐν δὲ τὰ τεύχεα πάντα, τὰ τ' οὐρανὸς ἔστεφάνωται,
Πληιάδας θ' Ἰάδας τε τό τε σθένος Ὠρίωνος
Ἄρκτον θ', ἣν καὶ Ἄμαξαν ἐπίκλησιν καλέουσιν,
ἢ τ' αὐτοῦ στρέφεται καὶ τ' Ὠρίωνα δοκεύει,
οἷη δ' ἄμμορός ἐστι λοετρῶν Ὠκεανοῖο.

“[Hefesto] fundiu a¹ terra, céu, mar, o sol incansável,
a lua cheia e também aí todos os astros que coroam o céu,
Pléiades, Híades, a força de Órion, a Ursa, a que também chamam
o nome adicional de Carro, que roda no mesmo sítio e observa Órion,
é a única sem se banhar no Oceano.”
(*Il.* 18.483-9)

O temor dos resistentes gauleses ao domínio romano de que o céu lhes caísse sobre as cabeças denota uma recriação infantil corrente na saga de Goscinny e Uderzo, que expressa, *mutatis mutandis*, o assombro que os corpos celestes iluminativos do breu constituíam nas culturas da Antiguidade². O horizonte noturno iluminado por pontos de luminosidade estelar compõe o espelho de incógnitos com que todas as

¹ Entenda-se ‘escudo de Aquiles’.

² Vd. Lindsay 1971; Pérez Jiménez 1994.

criaturas do planeta são confrontadas e sobre o qual o ser humano se permitiu desde há muito ponderar. Corresponderiam os pontos do firmamento a divindades?³ Quicá a viventes com alma?⁴ Seria inusitado estipular um início temporal para esse ‘há muito’, porquanto se desconhece quem teria emitido os primeiros juízos empíricos, racionalistas, religiosos, históricos, filosóficos ou de outra sorte. Importa, não obstante, avaliar os documentos remanescentes de diferentes civilizações. Com efeito, por um lado, é indiscutível a interferência, na astronomia grega, de olhares egípcios, caldeus, anatólios, babilónios⁵, a perscrutarem, no céu, sol, lua, cinco planetas (cf. #43)⁶. No cômputo geral, a insciência mesclava-se numa

³ Vd. Ps. Epich. fr. 239 Kaibel. Cf. A. Ag. 6-7.

⁴ Cf., no séc. V a.C., quem considerava os corpos celestes como detentores de vida, porque móveis, a exemplo de Alcmeón 24 B 12 DK, *apud* Arist. *De an.* 405 a 19 – b 1. Cf. Cic. *N.D.* 1.11.27. Vd. Ps. Plu. *De Homero* 1098-1106.

⁵ Cf. cinco planetas: Sin, Samash, Nabu, Istar, Nergal, Marduk, Ninurta. Vd. correspondentes gregos dos deuses babilónios: Hermes, Afrodite, Ares, Zeus, Cronos; e latinos: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno. Considere-se, outrossim, a adaptação das constelações babilónicas pelos Gregos, sobretudo a partir do séc. V a.C. (e.g. sumério Gugalana | Touro). Vd. Clarke 1962; Kahn 1970.

⁶ Cf. *Parisinus Graecus* 1310: Fenonte (de Cronos. Cf. φαίνω: ‘aparecer’); Faetonte (de Zeus. Cf. φαέθων, ‘brillante’; Faetonte, filho de Hélio). Em *Epitome* #43, Fenonte também é o primeiro planeta, mas pertence a Zeus. Platão (*Epin.* 987b-c) mostra correspondência de planetas com deuses (ἔπωνυμῖαι divinas) e em *Ti.* 38d2 chega a mencionar o planeta Mercúrio. Cf., de igual forma, epítetos atribuídos a corpos celestes, em obras literárias (e.g. Eudox. *Ars*; posteriormente, entre 193-165 a.C., *Ars Eudoxi* col. V Blass, séc. IV a.C. Vd. Φαίνων/Saturno; Φαέθων/Júpiter, Πυρροειδής/Marte, Ἐσπερος/Vénus, Στίλβων/Mercúrio). Do séc. XIV, cf. *schol. Codex Vindobonensis* 341 (S), na margem f. 1: Φαίνων λέγεται ὁ τοῦ Κρόνου Φαέθων ὁ τοῦ Διὸς Πυρρόεις ὁ τοῦ Ἄρεως, οὐ μέγας τὸ χρῶμα. ὁμοιος δὲ τῷ ἐν τῷ Αἰετῷ Ἐωσφόρος ὁ τῆς Ἀφροδίτης καὶ Ἐσπερος πάντων δὲ μέγιστος ἐστὶ τῶν ἄστροων Στίλβων ὁ τοῦ Ἐρμού· ἐστὶ δὲ λαμπρὸς καὶ μικρὸς. “Diz-se que Fenonte é o de Cronos, Faetonte, o de Zeus, Ardente [Marte], o de Ares, não grande, de cor similar à de

ingénua acumulação de hipóteses relativas à criação, composição, movimento, leis e regulamentação dos corpos celestes. Mais ainda, porque posicionados no alto, urgia ponderar acerca do seu poder e da sua influência (quicá determinismo) sobre as criaturas no plano inferior. Assim, convergem diversos saberes e profissões, a exemplo de religião e sacerdócio, mitologia e etnografia, astronomia, filosofia, geometria, matemática, física natural, sem delimitação estanque e absoluta dos diferentes domínios científicos⁷.

E se a epígrafe apresenta umas linhas iliádicas descritivas do escudo de Aquiles, qual espelho de mutabilidade e tensões sociais, forjado pelo divino Hefesto, seria extremamente erróneo adscrever à nebulosa figura de Homero⁸ a autoria das mais vetustas reflexões acerca do espaço sideral. De facto, pese embora o julgamento de Homero na Antiguidade como ‘o mais sábio’ (cf. Hippol. *Haer.* 9.9.6/B56: ἐγένετο τῶν Ἑλλήνων σοφώτερος πόντων), donde também ‘o educador da Grécia’⁹, os poemas épicos que se lhe atribuem não

Águia; Estrela da Manhã e Estrela da Tarde, o de Afrodite, é o maior de todas as estrelas. Lanterna [Mercúrio], o de Hermes. É luminoso e pequeno.” Cf. *Codex Parisinus Graecus* 1310 ff. 37-37v, com fragmento de *Catasterismos* (viz. parte de #40, #41-44.

⁷ Vd. Raymond 1963.

⁸ Cf. a(s) complexa(s) ‘questão(-ões) homérica(s)’, como conjunto de dúvidas quanto à autoria, datação (Vd. Hdt. 2.53, estimando Homero e Hesíodo c. 400 anos antes de si), forma de composição das obras, existência factual de alguns conteúdos respeitantes a Homero, a quem desde a Antiguidade se atribuíam os poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*. Tais incertezas não pareciam colocar-se na Antiguidade. Contudo, desde os quesitos levantados pelo neoplatónico Porfírio (séc. III), estudiosos adeptos da posição dos analíticos, sucedânea de F. Wolf (séc. XVIII), contrariados pelos unitários muito posteriormente, formulam algumas questões, desde logo, sobre a recensão pistrátea (cf. Pl. *Hipparch.* 228 b6-cl; Cic. *de Orat.* 3.137). Vd. Nagy 1996; Morris – Powell 1997.

⁹ Cf. Pl. *R.* 606e-607a: οὐκοῦν, εἶπον, ὦ Γλαύκων, ὅταν Ὅμηρου ἐπαινέταις ἐντύχῃς λέγουσιν ὡς τὴν Ἑλλάδα

se inscrevem no rol de tratados de astronomia. Tampouco as palavras do racionalista e antimágico Heraclito (séc. V a.C.), a propósito de Homero como ἀστρολόγος (fr. DK B105. Cf. Eust. in *Iliadem* 18.251)¹⁰, ao reportar o nascimento de Heitor e de Polidamante na mesma noite, deverão entender-se à parte das condicionantes apenas a afirmações fragmentárias/descontextualizadas, transmitidas por terceiros e sem a necessária avaliação filológica. Com efeito, desde logo há que considerar ‘astronomia’, um dos ramos da matemática (juntamente com aritmética e música), bem como ‘astrologia’¹¹ (enquanto arte mágica de procrastinação da sorte e do destino, com base na influência das posições de corpos celestiais sobre criaturas terrenas) páreas no século V a.C. Isso embora o vocábulo ἀστρονομία já recolhesse sentido análogo ao auferido na atualidade, em autores como Platão¹². Porém, logo no século

πεπαιδευκεν οὗτος ὁ ποιητῆς καὶ πρὸς διοίκησίν τε καὶ παιδείαν τῶν ἀνθρωπίνων πραγμάτων ἄξιός ἀναλαβόντι μαθάνειν τε καὶ κατὰ τοῦτον τὸν ποιητὴν πάντα τὸν αὐτοῦ βίον κατασκευασάμενον ζῆν, φιλεῖν μὲν χρὴ καὶ ἀσπάζεσθαι ὡς ὄντας βελτίστους εἰς ὅσον δύνανται, καὶ συγχωρεῖν Ὅμηρον ποιητικώτατον εἶναι [...]”De toda a forma – disse [eu] – Gláucou, se encontrares panegiristas de Homero, que afirmem que esse poeta educou a Grécia e que, relativamente à administração e à educação dos homens, merece ser tomado como modelo para aprender com ele e regular toda a vida segundo os aspetos desse poeta, importa mostrar afeto e abraçar como sendo as melhores pessoas que é possível, e concordar que Homero é o maior dos poetas [...].”

¹⁰ Vd. *schol. Il.* 18.251: Ἡράκλειτος ἐντεῦθεν ἀστρολόγον φησὶ τὸν Ὅμηρον, “Heraclito diz que Homero foi astrónomo”.

¹¹ Cf. Já tardiamente, no paradigma judaico-cristão *Is.* 47:13 – στήτωσαν δὴ καὶ σωσάτωσάν σε οἱ ἀστρολόγοι τοῦ οὐρανοῦ, οἱ ὀρώντες τοὺς ἀστέρας ἀναγγειλάτωσάν σοι τί μέλλει ἐπὶ σὲ ἔρχεσθαι, “que se levantem agora os astrólogos, os observadores de estrelas, que fazem previsões mensais e te salvem do que há de vir sobre ti”.

¹² Vd. *Pl. Smp.* 188b. Cf. *Pl. Epin.* 990a, não incluindo Hesíodo e outros escritores de um certo ‘maravilhoso’.

seguinte, Tales de Mileto é integrado por Aristóteles (*Pol.* 1.1259a) no âmbito da ἀστρολογία, pelas suas previsões empreendedoras, apesar de estar correntemente creditado¹³ com a controversa previsão do eclipse solar de c. 585 a.C. De forma que, no séc. III, Diógenes Laércio ainda o considera o primeiro ἀστρολόγος, com sentido de ‘astrónomo’ (fr. 38 D: δοκεῖ δὲ κατὰ τινὰς πρῶτος ἀστρολογῆσαι, “segundo alguns, o primeiro astrónomo”).

Ora, as epopeias atribuídas a Homero contam-se no âmbito da cosmologia rudimentar¹⁴ apresentada na Antiguidade pela civilização Grega, que procura explicações físicas racionais de

¹³ Também Hdt. 1.74.2; D.L. 1.23, a partir de Eudem. fr. 144 Wehrli, com referência a Xenoph. 21B19DK. Vd. testemunho de Heraclit. 22 B 38 DK e Democr. 68 B 115 DK.

¹⁴ Em termos gerais, os astros visíveis eram utilizados para orientação (*Od.* 5.271-7) e para fins oraculares (*Od.* 20.350-5). Cf. alusão a elementos como estrelas e constelações, a exemplo de Boötes (cf. Arat. *Phaen.* 68-9), Órion (*Il.* 18.485, 489), Ursa Maior, Híades e Pléiades (*Od.* 5.272-7), Sírio (ominosa estrela do outono, *Il.* 5.1-5, 22.25-31), *Canis Maior*, ‘Cão Maior’ (*Il.* 22.25-31), *Hesperus*, ‘Estrela da Tarde’, *Il.* 22.317-21) e *Eosphorus*, ‘Estrela da Manhã’ (*Il.* 23.226), correspondendo ambas a Vénus. No respeitante à configuração da plana Terra, emanada do Oceano (cf. arquétipo, *Il.* 14.200, 245-6), juntamente com Tétis, encimada e equilibrada (*Od.* 1.53-4) pelo cuproso (*Il.* 2.458, 5.504, 16.364, 17.424-5, 19.351; *Od.* 3.2) ou quiçá férreo (*Od.* 15.329, 17.565) céu. Entre céu, epitetado ἀστερόεις (*Il.* 6.108, 15.371) e Terra, ar denso (*Il.* 14.288), éter (*Il.* 8.554-9), Olimpo (*Od.* 1.68-9, 6.242-5). Ao redor, Hélio Hiperion (*Od.* 1.8. Cf. ὑπερίων < ὑπὲρ ἰών), astro deveras citado nas epopeias ditas homéricas (*Il.* – 42 vezes; *Od.* – 77 vezes); lua (apenas 3 vezes no *Poema Iliádico* e uma ocasião enquanto Mene, *Il.* 19.374; por duas vezes na *Epopeia Odisseica*). No respeitante a movimentações astrais e conseqüências, importa considerar, na *Odisseia*, solstícios, e também o eclipse solar total (*Od.* 20.356-7), quiçá o de 16 de abril de 1178 a.C., marcando a data do assassinato dos pretendentes de Penélope, o que situaria a queda de Troia 10 anos antes. Todavia, tal exegese poderá ser falaz, porquanto provavelmente apenas a imagem metafórica transmitida por Teoclimeno, no retrato de um autor que poderia ter assistido a um fenómeno similar mais proximamente do que c. 4 séculos antes. Vd. Baikouzis – Magnasco 2008.

fenómenos celestes, aproveitando autoridades precedentes para desenvolver conhecimentos, instrumentos, artefactos¹⁵ e mecanismos¹⁶ na área. Na generalidade, apontamentos astronómicos irrompem amiúde enquanto expressão de um *topos* recorrente em várias épocas e géneros literários¹⁷.

Pese embora muita imprecisão e insciência, também plúrimas falsidades respeitantes aos astros vingaram ao longo dos séculos, equivocadamente supondo o desconhecimento de culturas vetustas quanto aos corpos celestes, na aparência inamovíveis¹⁸. Pela associação religiosa, o terror impeditivo

¹⁵ Cf. planetário de Posidónio (séc. I a.C.), referido por Cícero (*N.D.* 2.88), que também menciona um mecanismo anterior, de Arquimedes (séc. III a.C.), autor de duas esferas com estrelas e constelações, precedido por Tales e Eudoxo (*Cic. Rep.* 1.21); Hiparco (séc. III a.C.).

¹⁶ Cf. mecanismo analógico/relógio astronómico com uso, resgatado, no limiar do séc. XX, de um naufrágio do século I a.C., ao largo de Anticítera (Ἀντικύθηρα), que proporcionava acompanhamento de movimentos, previsões e cálculos sobre corpos celestes, como sol, lua, os cinco planetas, constelações zodiacais.

¹⁷ Cf. elementos astrais, figuras em texto, fórmulas, epítetos (e.g. *Il.* 1.477: ῥοδοδάκτυλος Ἥως, “Aurora rosidáctila”) e símiles. Assim, autores helénicos como Hesíodo (cf. Órion *Op.* 598, 615, 619. Vd. Arcturo); Teógnis (séc. VI/V a.C.) 1039-1040 (constelação Cão); Ésquilo (séc. V a.C.) *Ag.* 4-6 (constelações associadas ao advento de verão e inverno), 967 (Sírio); Apolónio de Rodes (séc. III a.C.) 3.517, 5. 956 (Sírio); latinos, a exemplo de Nono (séc. IV/V), *D.* 5. 275 (Sírio).

¹⁸ Cf., todavia, E. *Ion* 1078-9, fr. 593 N; S. *Ant.* 1146-7, lendo na ‘dança’ das estrelas uma metáfora de unidade e movimento regular. Cf. ‘caos’ e ‘cosmos’ (noção, segundo Aet. *De Placitis* 2.1.1, usada, pela primeira vez, por Pitágoras, séc. VI a.C.). Vd. Anaximandro (séc. VI a.C.), anterior aos Pitagóricos (cf., a propósito, no séc. II/I a.C., Téon de Esmirna *Expositio rerum mathematicarum ad legendum Platonem utilium*). Outrossim, os pitagóricos Hicetas de Siracusa, séc. V/IV a.C. (cf. *Cic. Ac.* 2.39.123) e Éfanto de Siracusa, séc. IV a.C. (cf., no mesmo sentido, *D.* 378; Heraclides, segundo Aet. *De Placitis* 3.13.3), segundo Hipólito *Refutationis Omnium Haeresium* 1.15 (*D.* 566W. 28) e *Philosophoumena* C 897C 14-16, afirmando a mobilidade rotativa da Terra. Além do mais, contavam-se já nos séc. IV-III a.C. obras que admitiam o movimento estelar. Cf. Autólico de Pitane Περί κινουμένης σφαιράς, *A esfera em movimento*. Vd. Aaboe 1974.

da regularidade de tarefas¹⁹ e a confusão da dessacralização (viz. *Pl. Ap.* 26d) e racionalização científica com impiedade²⁰ resulta em condenações e exílios²¹. Eis, pois, a matriz sacra e

¹⁹ A resistência e as numerosas reservas sociais espelham o contraste entre racionalidade/prudência e superstição, ilustrado em episódios como o eclipse solar que suspende o confronto bélico entre Lídios, súbditos de Aliates, filho de Cresos, e Medos, súbditos de Ciaxares, a 28 de maio de 585 a.C., julgando por Hdt. 1.74, 7.37. Outrossim o eclipse lunar ocorrido em 27 de agosto de 413 a.C., no decurso da Guerra do Peloponeso (431–404 a.C. Durante esse período, registaram-se três eclipses: dois solares, em 3 de agosto de 431 a.C. e em 21 de março de 424 a.C.; um lunar total de noite durante uma lua cheia, conforme denota Th. 7.50.4. Cf. D. S. 13.12.6; Plu. *Nic.* 23.1, 5, 6). Embora filósofos como Anaxágoras de Clazómenas tivessem anteriormente apresentado uma explicação científica e racional dos eclipses, a superstição e o medo do líder ateniense (Nícias) impediu-o de retirar as tropas atenienses antes de consultar os profetas, designadamente Filócoro, filho de Cicno, que então substituíra Stilbides, recentemente falecido (*FGrH* 328, F 135a). Além disso, estendeu a espera, não apenas pelo período tradicional de três dias, mas por um ciclo lunar (27 dias). A demora causaria a derrota da expedição ateniense à Sicília e a morte de um considerável número de soldados. Contudo, a situação traduziria quiçá uma vulnerabilidade encenada, porquanto a batalha estaria já perdida e a ocorrência celestial poderá ter constituído um subterfúgio para a glória de Nícias, que teria escolhido entre a fuga e a morte em casa, e a reverência divina e uma morte honrosa (Th. 7.85-6). Vejam-se, no mesmo sentido, as superstições de Péricles, descritas em Plu. *Per.* 38.2. Cf. as reacionárias alusões de Cic. *Div.* 2.24.51, durante a República Romana. Vd. Stephenson-Fatoohi 2001: 249; Beck 2013.

²⁰ Sobre o conflito ciência *vs.* religião, *Pl. Ap.* 26d, onde Sócrates-personagem alega adorar, como os restantes Atenienses, o sol. Cf. *Il.* 26.188; *Pl. R.* 508a, 516a; S. fr. 672 Nauck; *Pi.* fr. 44 Bowra.

²¹ E.g. pitagóricos como Filolau, Arquipo, Lísis sobreviveram à revolta instigada por Cílon, aluno expulso da Escola. De facto, o carácter inovador, místico e aristocrático auferiam múltiplos dissabores dos democratas, contra os Pitagóricos (cf. *Iamb. VP* 248-9). Considerem-se, igualmente, Aristarco, acusado por Cleantes; Anaxágoras, expulso de Atenas, talvez por instigação de opositores de Péricles. Sobre a 'impiedade' de Anaxágoras, X. *Mem.* 4.7.7; S. *OT* 660. Quanto a Aristarco de Samos, recebeu acusações de impiedade, conforme regista Plu. *De facie in orbe lunae* 923A, e recebeu auxílio de Estratão de Lâmpsaco, em Alexandria (*Aet. De Placitis* 7.313b 16-7), para fugir.

o tradicionalismo com reflexos sociais, que condicionam o entendimento de aspetos como eclipses²², heliocentrismo²³,

²² Cf. testemunho do eclipse de 648 a.C., por Anaximandro (fr. 74 Diehl). O fenómeno havia sido alegadamente predito, pela primeira vez entre os Gregos (cf. Plin. *HN* 12.53, considerando o cônsul Sulpício Galo o primeiro de entre os Romanos a explicar o fenómeno), por Tales de Mileto, segundo autores como Cícero, Plínio (*HN* 12.53), para o 4º ano da 48ª Olimpíada (585/4 a..C./170 a.V.c.). Vd. Arquíloco (fr. 74 Diehl); Téon de Esmirna, p.198; Diógenes Laércio 1.24. Sobre Tales, cf. também Arist. *Metaph.* 983b 20-2. Por seu turno, Diógenes Laércio 1.23 refere que Calímaco (fr. 191.54-44 Pfeiffer) consigna a Tales a descoberta da Ursa Menor e de outras estrelas de Carro úteis para a navegação sobretudo dos Fenícios, que, contrariamente aos Gregos, os quais se orientavam pela Ursa Maior, seguiam pela Ursa Menor (Ov. *Tr.* 4.3.1-2). E em 1.27 transmite a notícia comum de que Tales estipulara 365 dias por cada ano e descobriu as estações, entre os Gregos, já que Hdt. 2.4 refere a atribuição dos meses, da duração do ano e as quatro estações aos Egípcios (cf. *Hino Órfico* 34.6, 20). Vd. Miguel Querejeta 2011.

²³ Embora autores como Platão (séc. V a.C.) coloquem a Terra no centro do universo (*Ti.* 22d) e sigam muitos outros ditames de pendor aristotélico (séc. IV a.C.), este acérrimo crítico de alguns pensamentos pitagóricos (*Metaph.* 1091a14) admite o fogo no centro, em torno do qual a Terra é uma estrela circundante, gerando, com essa movimentação, noite e dia (*Cael.* 13.293a, 21-23. Cf. 13.293b1-10). Na realidade, pese embora o geocentrismo de Pitágoras recordado por D.L. 8.25.8-10 ter vingado no seguimento de Cláudio Ptolemeu (séc. II), noções de heliocentrismo veem-se em autores e obras de vanguarda, como os provavelmente de origem monoteísta hinos órficos (e.g. 5.2; 84.2). Considere-se Héstia e princípio único de criação do Universo, segundo Anaximandro (séc. VI a.C.); os Pitagóricos (viz. Philol. frs. 7, 44 A16 DK), com teorias pirocêntricas, tomando o fogo como arquétipo, crendo que Terra, lua, sol e os cinco planetas conhecidos (Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno) circulam em torno de um fogo central, uma Contra-Terra (*Antichthon*). Aristarco de Samos (séc. IV/III a.C.) *Περὶ μεγεθῶν καὶ ἀποστημάτων ἡλίου καὶ σελήνης*, *Sobre as dimensões e distâncias do Sol e da Lua* [cf. Archim. *Aren.* 1.4-6; Plu. 922f-923a. Vd. Plu. *De placitis philosophorum* 2.24] constata, de certa forma, o heliocentrismo que, no Renascimento, Copérnico (séc. XV/XVI) e Galileu afirmam. Já perto do fim de vida, segundo Teofrasto, Platão lamenta ter defendido o geocentrismo (Plut. *Platonicae Quaestiones* H1 915, vol. XIII1, 76-8. Cf. Plu. *Num.* 1, referindo que Platão, nos últimos tempos, atribuiu o centro de universo a um corpo mais nobre do que a Terra). Ainda assim, retirar a Terra do centro, não

arco-íris, meteoritos²⁴, dando azo ao assombro generalizado e espaço para temíveis previsões ominosas.

equivale necessariamente a concordar com Aristarco. Vd., na generalidade, Philol. (séc. V/IV a.C.); Heraclid. Pont. (séc. IV a.C.); Seleuc. (séc. II a.C.); Imperador Juliano de Bizâncio/Apóstato (séc. IV) *Oratio* 4.135bl-6, no âmbito do Neoplatonismo tardio, com as devidas reservas inerentes ao foro filosófico-religioso, julgando, a partir de Iâmblico, Hélio-Mitras o sumo centro; Stob. (séc. V) *Eclogae* I 21 8; Aet. (séc. VI) 1.3.10 (cf. *De Placitis* 2.7.7, 3.11.3).

²⁴ Há que considerar o carácter prodigioso conferido, na Antiguidade, a corpos celestes errantes, designadamente a estrelas cadentes (Verg. *G.* 1.265-6, aludindo a ventos tempestuosos após uma estrela cadente. Cf., no âmbito do credo judaico-cristão, a estrela seguida pelos Reis Magos (cf. cometa no ano 5 a.C., visível de 9 março a 4 maio ou de 13 a 27 de abril. Vd. *Mt.* 2:2,7, 9. Pondere-se inspiração pelo cometa Halley, no ano 66) e o nascimento de Cristo (cf. *Num.* 24:17; Orígenes *Cels.* 1.58); cometas (e.g. 44 a.C. e a deificação de Júlio César, manobra de propaganda política de Augusto sobre o *sidus Iulium*, *Ov. Met.* 15.745-851. Vd. Plin. *HN* 2.23.94 = Aug. *Commentarii de vita sua* fr. 6 Malcovati; Sen. *Quaestiones Naturales* 7.17.2; Suet. *Jul.* 88; D.C. 45.7; Júlio Obsequente 68; Serv. *A.* 1.287, 6.790, 8.681, *Ecl.* 9.47); meteoritos (Arist. *Mete.* 1.7, sobre a queda de um meteorito em pleno dia e um cometa visto à noite). Plin. *HN.* 2.59 menciona a alegada previsão (em seu entender dúbia) da queda de um meteorito, por Anaxágoras, no 2º ano da 78ª Olimpíada, o que ocorreu, na Trácia, durante o dia. Cf., da mitologia e religião, o ὀμφᾶλός, pedra caída do céu, que marcaria o centro do mundo, na região de Delfos. No mesmo passo, Plínio refere a existência, na sua época (séc. I), de uma pequena pedra, venerada no Ginásio de Abidos, que Anaxágoras previra cair do céu e marcar o meio da terra; e indica outros *omphaloi* (viz. em Cassandria; na região dos Vacontios – Gallia Narbonensis). Vd., por um lado, Séneca, que tenta reverter o carácter negativo, em *Quaestiones Naturales*, aquando do cometa do ano 60, procurando relacionar o fenómeno com o nascimento de figuras importantes, mas em vão, já que Nero acaba destronado e Séneca condenado a uma morte suicida (Tac. *Ann.* 15.61 e outro cometa, em 64, causa dúvida sobre a identidade da próxima vítima, segundo Tac. *Ann.* 14.22; seguidamente, Suet. *Nero* 36 e o carácter ominoso dos cometas, retratando o astrólogo Balbilo e a maneira de proteger Nero da morte; também D.C. 29 (54, 61, 79), aludindo a uma *supernoua*, ao referir a estrela-cometa de 12 a.C., sinal de mau augúrio, que pairou vários dias sobre Roma até que se dissolveu em raios que provocaram fogos, antes da morte de Marco Agripa. Cf. cometas como sinal de guerra e morte (Ptol. *Tetr.* 2.9).

Todavia, considerando-se tão só o panorama grego, contam-se diversas considerações racionalizantes, em relação aos astros, retirando-os da esfera mitológico-religiosa, empreendidas por filósofos pré-socráticos²⁵, na época arcaica. Eis assim o rotacismo da Terra em torno de um fogo central, mediante Filolau de Crotona (séc. V a.C.)²⁶; a esfericidade da Terra, conforme Pitágoras (séc. VI/V a.C.)²⁷, e da lua e de outros corpos celestes (cf. Arist. *Cael.* 291b22-23), segundo o Fundador da Escola Eleata, Parménides (séc. VI/V a.C.)²⁸; a rotação da Terra²⁹; levantes/nascimentos e ocasos³⁰; a luz da lua enquanto reflexo do sol (teoria do heliofitismo), referência de Anaxágoras (séc. VI/V a.C.)³¹; ano sideral e tropical³²; Via Láctea³³. Estes e outros conhecimentos, porém sem registrar

Na tradição mitológica, o mito de Tântalo constitui uma expressão metafórica de perigo e medo (Archil. fr. 91 West) face ao destino ou até perante a queda de um meteorito perto de Egospotami, em 467 a. C. (cf. Anaxágoras, ao adotar a teoria de Anaxímenes, mediante a qual a Terra estaria suspensa e suportava o μετέωρον. Neste enquadramento, Tântalo representaria a Terra).

²⁵ Vd. Graham 2013.

²⁶ Cf. D.L. 8.84, 85; Aet. *De Placitis* 3.13 (D. 378).

²⁷ Vd. D.L. 8.1.25, 48.

²⁸ Cf. D.L. 9.3.21.

²⁹ Cf. Orph. fr. 247 v. 24-26.

³⁰ Cf. Autólico de Pitane (séc. IV a.C.), *Περὶ ἐριτολῶν καὶ δύσεων*, *De levantes e Ocasos*. Vd. esfera celeste, σφαιρικὸς λόγος.

³¹ Vd. fr. 18 Diels. Cf. Pl. *Cra.* 409a; Aet. 2.20.2. Téon de Esmirna (c. séc. II), 198.14 Hiller (= Eudem. fr. 145 Wehrli), mediante Eudemo, atribui essa questão a Anaxímenes.

³² Cf. muito antes de Newton, Arato de Solos (séc. III a.C.), *Φαινόμενα*, *Fenómenos* e Eudoxo.

³³ É com didatismo que o poema de Arato de Solos (*Φαινόμενα*, *Fenómenos*) fornece indicações relativas à Via Láctea, aos polos e aos trópicos. Refere-se-lhe Hiparco de Niceia, no séc. II, na obra *Τῶν Ἀράτου καὶ Εὐδόξου φαινόμενων ἐξηγήσεις*, *Explicações dos Fenómenos de Arato e de Eudoxo*. Trata-se de uma catalogação de milhares e estrelas, com respetiva magnitude, luminosidade e reflexões sobre equinócios e solstícios.

grande acolhimento, por falta de confiança e credibilidade dos autores e da matéria (οὔτε ὁ λόγος ἔνδοξος), mantêm algum secretismo (ἀπόρρητος), sendo divulgados lentamente e adotados com cautela (εὐλαβεία) entre um restrito número, conforme denota Plu. *Nic.* 23.2, a propósito das teorias inovadoras Anaxágoras, acerca dos eclipses. E embora alguns desses teorizadores tivessem influenciado outros filósofos³⁴, as suas obras ficariam perdidas no tempo, remanescendo apenas alguns fragmentos ou citações de terceiros. Vingariam por séculos os estudos de Cláudio Ptolomeu/Ptolemeu (e.g. Ὑποθέσεις τῶν πλανωμένων, *Hipóteses dos planetas*; Τετραβιβλος, *Planisfério*), séc. II, magistrais para autores como Papo e Téon de Alexandria.

³⁴ E.g. estudos de Anaximandro, face a Empédocles de Agrigento (séc. V a.C.), Parménides de Eleia (séc. V a. C.), Aristarco de Samos (séc. III/II a.C.), Cleomedes (séc. III/II a. C.).

2. CONSTELAÇÕES DO ZODÍACO/CATASTERISMOS

Obra de autoria incerta, atribuída ao autodenominado filólogo do séc. III/II a.C., Eratóstenes de Cirene (cf. Suet. *Gram.* 10)³⁵, homem de saber e saberes múltiplos³⁶, antecipando, de certa forma, o enciclopedismo humanista, assumiu gosto por Platão, afirmou-se como músico, historiador (Χρονογραφία, *Cronografias*), matemático, geógrafo (Γεωγραφικά, *Geografia*), compositor literário (*Erígone*³⁷, *Hermes*) e literato (Περὶ τῆς ἀρχαίας κωμωδίας, *Sobre a Comédia Antiga*)³⁸.

³⁵ Cf. 'Questão eratosténica'. Quanto à autoria da obra em apreço, Westermann, A. ed. (1843), *Scriptores Poeticae Historiae Graeci*, Sump-tum fecit Gergius Westermann, Brungsvigae: IX refere G. Bernhardt, que, na sua publicação *Eratosthenica*, em Berlim, corria o ano de 1822, atribui os *Catasterismos* não a Eratóstenes, mas a Higinio *Poetica Astro-nomica*, constituindo o texto grego tão só uma tradução a partir do alegado original latino.

³⁶ Cf. catálogo de Fabrício, uma vez que, além do original pre-servado de *Catasterismos* (*Cat.*), apenas fragmentos e duas referências: um escrito de Arquimedes dirigido a Eratóstenes e um epigrama de Dionísio de Cízico, na *Antologia Grega*.

³⁷ Cf. *Cat.* e o poema *Erígone*, acerca da existência das almas antes de incorporarem, descidas do céu (cf. Pl. *Ti.* 41d. Vd., no séc. II a.C., Hipparch., segundo Plin. *HN* 2.36: *animasque nostras partem esse caeli*, "as nossas almas são uma parte do céu"). Vd., no século IV/V, Nonn. *D.* 1.246-54. (Ps.)Longino classifica *Erígone* (*Subl.* 33.5) como um pequeno poema perfeito, influenciado por Calímaco *Hecala*, e redigido provavelmente sob Ptolemeu IV (séc. III a.C.). Vd. Solmsen 1942.

³⁸ Cf. *Suid.* ε 2898 (*FGrH* 241 T1): Ἐρατοσθένης, Ἀγλαοῦ, οἱ δὲ Ἀμβροσίου: Κυθηναῖος, μαθητῆς φιλοσόφου Ἀρίστωνος Χίου, γραμματικοῦ δὲ Λυσανίου τοῦ Κυθηναίου καὶ Καλλιμάχου τοῦ ποιητοῦ. μετεπέμθη δὲ ἐξ Ἀθηνῶν ὑπὸ τοῦ τρίτου Πτολεμαίου καὶ διέτριψε μέχρι τοῦ πέμπτου. διὰ δὲ τὸ δευτερεύει ἐν παντὶ εἶδει παιδείας τοῖς ἄκροις ἐγγίσασι τὰ βήματα ἐπεκλήθη. οἱ δὲ καὶ δεύτερον ἢ νέον Πλάτωνα,

Diretor³⁹ da Biblioteca de Alexandria⁴⁰, no séc. III a.C. (256 a.C.), o Πένταθλος tinha acesso a uma informação diversificada, que lhe facultava o material necessário para compor a propósito de geografia (Γεωγραφικά) e incluindo a cronografia de eventos até à época de Alexandre Magno (Χρονογραφία), que poderiam facilitar a temática desenvolvida em *Constelações do Zodíaco*. Combinam-se *topoi* iconográficos, mitológicos⁴¹ (cf. narração inicial, em cada episódio), astronómicos (descrição da

ἄλλοι Πένταθλον ἐκάλεσαν. ἐτέχθη δὲ οὐκ ὀλυμπιάδι καὶ ἐτελεύτησεν πρὸ ἐτῶν γεγονώς, ἀποσχόμενος τροφῆς διὰ τὸ ἀμβλυώττειν, μαθητὴν ἐπίσημον καταλιπὼν Ἀριστοφάνην τὸν Βυζάντιον: οὐδὲ πάλιν Ἀρίσταρχος μαθητῆς. μαθηταὶ δὲ αὐτοῦ Μνασέας καὶ Μένανδρος καὶ Ἄριστις. ἔγραψε δὲ φιλόσοφα καὶ ποιήματα καὶ ἱστορίας, Ἀστρονομίαν ἢ Καταστηριγμούς, Περὶ τῶν κατὰ φιλοσοφίαν αἰρέσεων, Περὶ ἀλυπίας, διαλόγους πολλοὺς καὶ γραμματικὰ συχνά. “Filho de Aglau (outros dizem Ambrósio): de Cirene. Aluno do filósofo Aríston de Quios, do gramático Lisânia de Cirene, e do poeta Calímaco. Ptolemeu III chamou-o de Atenas e ele viveu até Ptolemeu V. Porque ficou em segundo lugar em todos os ramos de aprendizagem para aqueles que atingiram o nível mais alto, foi apelidado de ‘plataformas’. Outros chamavam-no de segundo ou novo Platão, ou o ‘pentatleta’. Nasceu na 126^a Olimpíada, [4] e morreu aos 80 anos, abstendo-se da comida por causa da sua fraca visão. Deixou um distinto aluno, Aristófanes de Bizâncio, cujo pupilo foi, por seu turno, Aristarco. Foram seus alunos Mnáseas, Menandro e Aristides. Escreveu obras filosóficas, poemas e histórias; *Astronomia* ou *Catasterismos*; *Acerca dos Princípios Filosóficos*; *Sobre a liberdade da dor*; muitos diálogos e numerosos trabalhos gramaticais.”

³⁹ Por Ptolemeu III (séc. III a.C.), até ao óbito do Cirenaico, em 194 a.C.

⁴⁰ Biblioteca e centro de pesquisa fundados em Alexandria, no Egipto, por Ptolemeu I (séc. IV/III a.C.), em florescimento mediante metodologia aristotélica (recolha, classificação, estudo), até Aureliano e o fogo (em 272). Cf. Zenódoto de Éfeso, Apolónio de Rodes.

⁴¹ Não será ocasional o facto de Eratóstenes, à semelhança de autores que desenvolveram, *mutatis mutandis*, trabalhos em área similar, haver apresentado também obras de foro mitológico. Veja-se, pois, no panorama latino, Higinio, autor de *Astronomica* e de *Fabulae*. Na realidade, constata-se uma interpenetração tradicional ante os domínios da astrologia e da mitologia, não obstante os avanços científicos.

constelação), i.e. tradição, à primeira vista, ficcional, religiosa, didática e etiológica (correspondendo ao gosto alexandrinista), e racionalidade científica.

No caso, abordam-se as constelações. Eram 46 as identificadas no séc. IV a.C., conhecidas algumas por designações distintas das da atualidade⁴². Outras, porém, constantes, já desde as obras ditas homéricas e hesiodíacas, como Órion. Ademais, nomes abrangentes, possibilitando concretizações mitológicas, como Cavalo, enquanto Pégaso e a saga de Belerofonte; Lira e Hermes, construtor da primeira lira; Leão, como Leão de Nemeia e um dos trabalhos de Hércules; Carneiro e o animal de velo de ouro; Virgem vista ora como Deméter, na estrela *Stachys (Spica)*, ora como Fortuna; Coroa, enquanto pertença de Ariadne (cf. Apollon. 3.1003).

A obra nada acrescenta ao estudo e conhecimento astronómico da Grécia antiga. Tão só faúlhas de algum interesse, no tocante a diversos *topoi*. Na generalidade, catasterismos são peças comemorativas, instrumentos divinos de lembrança e homenagem para os humanos. Mas serão imagens das coisas elevadas aos céus, ou as coisas? De facto, grassam confusões e dúvidas, desde logo relativamente ao género da obra pseudoe-ratosténica que os contempla⁴³.

A cientificidade assumida no opúsculo prende-se com um exercício literário de correspondência da iconicidade do firmamento a metáforas, unindo por elos de credibilização de um empirismo simbólico, didatismo etiológico fundamentado na mitologia tradicional (não apenas para o leitor generalizado, mas também quiçá enquanto manual para a composição de

⁴² Cf. Cavalo > Pégaso.

⁴³ *Katasterismoi* poderia incluir-se nos catálogos (*κατάλογοις*), a crer numa referência do *codex Venetus B*, séc. XI, após *schol. Il. 22.29* (*ἐν τοῖς ἑαυτοῦ κατάλογοις*).

Arato) e religiosidade. Nada mais além da disposição e do número de estrelas que compõem a constelação, qual preparação para um exercício infantil que posiciona no firmamento pontos estelares que, uma vez unidos, num novo exercício de imaginação criativa, completam a imagem mitológica de base. Por último, acrescenta-se mais uma constatação empírica, qual tentativa de aproximação do desconhecido a realidades usuais, nem sempre fornecida e nunca explicada, relativa à luminosidade desses corpos celestes. Nessa lógica de ensinamento constante e evidente não se vislumbram medições, premonições nem tampouco distâncias, movimentos, reflexões sobre diferentes tipos de astros nem quaisquer outros *topoi* astronómicos. Ou seja, a grande distância do tom crítico de Hiparco de Niceia (séc. II a.C.), Τῶν Ἀράτου καὶ Εὐδόξου φαινομένων ἐξηγήσεις, ou do desenvolvimento que espelham os estudos de Ptolemeu.

2.1. CÓDIGOS E EDIÇÕES

A obra começa por ser transmitida pelo *codex* parcialmente autógrafo, ms. BAV *Vat. Gr.* 1087 (Constantinopla, 1ª metade séc. XIV, c. 1320-1330), sob orientação e traço gregoranos⁴⁴, talvez no Mosteiro de Cora, maioritariamente pelo escriba Ioannes, copiado da edição Φ de Arato (séc. II/III), que contém o texto da Época Imperial (séc. II/III), o qual acompanhava *Fenómenos* de Arato, depois integrado no ms. *Par. Lat.* 5543. No total, 320 fólios (singular, f.; plural, ff.)⁴⁵,

⁴⁴ Cf. Nicéforo Gregoras, com conhecimentos matemáticos e astrológicos, muito por influência do tio, Arcebispo João.

⁴⁵ Vd. f. 1r-v: Carta de Gregoras a Teodoro Metóquites, sobre astronomia; Metóquites, *Stoicheiosis Astronomike* (ff. 2r-221v) ff. 2r-v: passagem omitida em f. 150r; ff. 3r-v: conteúdos; ff. 4v-122v: Teodoro

correspondendo a obra pseudoeratosténica aos ff. 300-312v. Apenas 25 episódios (ff. 300r, 311r-312r) interrompidos por desenhos, nos ff. 300v-308r, espaço branco (ff. 308r-309r), e a imagem de três globos (ff. 309v-310v). Não é seguida a ordem do códice *Oxoniensis inter Baroccianos* 119 (O), aqui utilizada. De facto, o texto não se faz preceder, no f. 300r, de autor, nem de título. Tão só é encabeçado por *περὶ τοῦ ἰχθύος*, “sobre o peixe” (#38), sucedendo-se os demais episódios sem título, em parágrafos separados introduzidos com inicial capitulada.

Assim, por esta ordem e entre parêntesis o número em *Építome*, 1) *Περὶ τοῦ μεγάλου Ἰχθύος* (#38), 2) *Περὶ τοῦ Θυτηρίου* (#39), 3) *Περὶ τοῦ Κενταύρου* (#40), 4) *Περὶ τοῦ Ὑδροῦ, ἐγ’ ᾧ Κρατῆρ καὶ Κόραξ* (#41), 5) *Περὶ τοῦ Προκυνός* (#42), 6) *Περὶ τῶν Ὀνῶν καὶ τῆς Φάτνης* (#11). Nos restantes fólhos destacados, após a indicação do nome do autor (f. 311r), centrado, apenas na sétima linha, os episódios sucedem-se sem parágrafos separatórios nem iniciais capituladas. No f. 311r: 7) *Περὶ τοῦ Κυνός* (#33), 8) *Περὶ τοῦ Δελτωτοῦ* (#20), 9) *Περὶ τῶν Ἰχθύων* (#21), 10) *Περὶ τοῦ Περσέως* (#22), 11) *Περὶ τῆς Λύρας* (#24). No f. 311v: 12) *Περὶ τοῦ Ὀρνιθος* (#25), 13) *Περὶ τοῦ Στεφάνου* (#5), 14) *Περὶ τοῦ Ὀφιούχου* (#6), 15) *Περὶ τοῦ Βοώτου* (#8), 16) *Περὶ τοῦ Ὀιστοῦ* (#29), 17) *Περὶ τοῦ Ἄετοῦ* (#30), 18)

Logoteto sobre *opera Ptolemaei*; ff. 123r-147r: Téon de Alexandria, *Comentário do Almagest*, 8r-13r (lacunas); ff. 148r-221v: continuação da obra de Metóquites; f. 222r/v, 308v-309r: fólio branco; ff. 223r-299v: resumo/comentário de Metóquites sobre *Almagest*; ff. 300r-312v: notas sobre as constelações; ff. 312r-320v: Nicéforo Gregoras, *Acerca do Astrolábio*. Gregoras escreve como construir um astrolábio (*Περὶ κατασκευαζῆς καὶ γενέσεως ἀστρολάβου*, “Acerca da construção e origem do astrolábio”), com influência do seu escritor favorito, Sinésio de Cirene, João de Alexandria (Filópono, séc. VI); *Fragmenta Vaticana* ou *recensio Vaticana* deste escrito, ff. 300r e 311r-312r); ilustrações das constelações (ff. 300v-308r); 3 mapas celestes (ff. 309v-310v).

Περὶ τοῦ Δελφίνου – *prior pars* (#31). No f.312r: 18) Περὶ τοῦ Δελφίνου – *posterior pars* (#31), 19) Περὶ τοῦ Λαγωῦ (#34), 20) Περὶ τοῦ Κήτους (#36), 21) Περὶ τοῦ Ποταμοῦ (#37), 22) Περὶ τοῦ Ἠνιόχου (#13), 23) Περὶ τοῦ Ἴππου (#18), 24) Περὶ τοῦ Κριοῦ (#19), 25) Περὶ τοῦ Ταύρου (#14). Não se reduz ao epitome do *Epitome* atualmente vulgarizado, mas apresenta por vezes acrescentos e outras versões, o que leva a questionar se, perante as diferenças entre os textos de *Epitome* e dos *Fragmenta Vaticana*⁴⁶, a edição Φ seria única⁴⁷.

Do séc XIV, intervelando o poema de Arato apenas com as estrelas de cada constelação, *Vindobonensis phil. philol.* 341. Os demais *codices* pertencem ao séc. XV: *Londinensis Mus. Brit. Add.* 11886 (*Butlerianus*) (B); *Laurentianus medicus* 87 plut. 28 (L), ff. 5-18v, por João Tessalo Scutariota, a. 1464, Florença, comprado por Ângelo Politiano, dos herdeiros de Paulo Medici e de astrónomos florentinos; a sua cópia também no mesmo século, por Iohannes Rhosos (ff. 1447-1497), *Harvard University Library Typ.* 18 (H). De igual modo, *Matritensis* 4629 (M), 211 ff., por Constantino Lascaris, ff. 188-205; *Oxonienis Baroccianus* 119 (O), 144 ff., ff.117-130; *Vindobonensis* 196 (142), (V), 188 ff., adquirido por João Sambuco Tirnaviense; *Vindobonensis* 341 *apud Nesselium*, 127 *ap. Lambecium* (S), 48 sq. Excertos, em *Venetus Marcianus* 444 (R), séc. XV, edição de Morélio, ff. 109-111 (f.109: περὶ τοῦ Ἰχθύος,

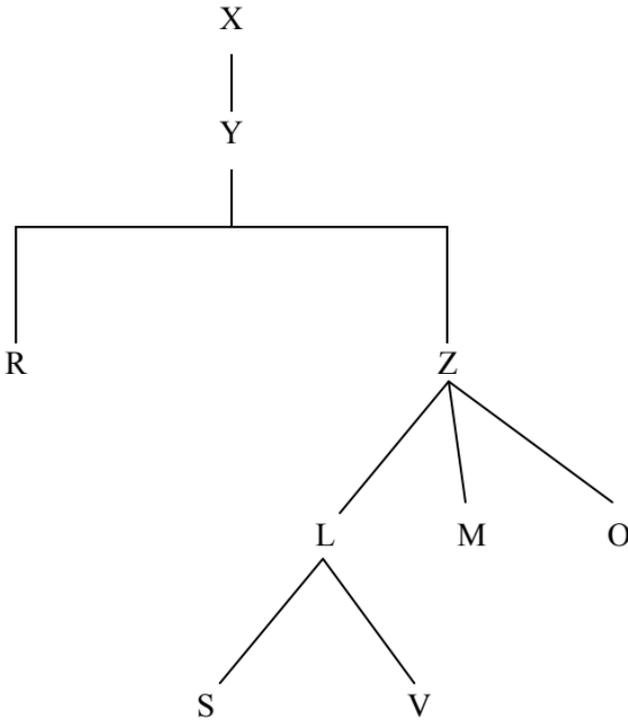
⁴⁶ Texto de *Catasterismi* do Ms. *Vat. Gr.* 1087, *Editio princeps* Rehm, A. (1899), *Eratosthenis Catasterismorum Fragmenta Vaticana*, Ansbach, Druck von C. Bri.igcl & Sohn. Menos completo do que *Epitome*. Contrariamente ao seguido em *Epitome*, Arato opta por seguir proximamente os *Fragmenta Vaticana*, a ponto de praticamente traduzir, claro está, sem a latinidade dos *Scholia Basileensia*, que reduz o texto. Cf. Pâmias Massana – Zucker 2013.

⁴⁷ Vd. Keydell 1958: 580.

<π>ερί τοῦ Θυτηρίου, <π>ερί τοῦ Κενταύρου, <π>ερί τοῦ Ἵδρου ἐφ' ᾧ Κρατῆ καὶ Κόραξ; f. 109v: <π>ερί τοῦ Προκυνός, <π>ερί τῶν ὄνων καὶ τῆς Φάτνης, <περὶ τοῦ Προτρογητήρος καὶ τοῦ Πλοκάμου Βερενίκησ>, <π>ερί τοῦ Κυνός; f.110: <π>ερί τοῦ Δελτωτοῦ, <π>ερί τοῦ Ἰχθύων, <π>ερί τοῦ Περσέως; f. 110v: <π>ερί τῆς λύρας, <π>ερί τοῦ Ὀρνιθος, <π>ερί τοῦ Στεφάνου; f. 111: <π>ερί τοῦ Ὀφιούχου, <π>ερί τοῦ Βοωτου τοῦ καὶ Ἀρκτοφύλακος). Existe ainda um fragmento (65 linhas) no Ms. *Parisinus Graecus* 1310, Biblioteca Nacional Paris (ff. 37-37v), com últimos episódios do *Epítome de Catasterismos* (#40-44). A cópia de *Catasterismos* em BAV *Cod.* 199 (séc. XV), sob o título Ἀστέρες, no f. 16r, introduz o assunto assim: Περί τινων ἀστέρων ἱστορία: οὗτος δόκει εἶναι ὁ Φοῖξον. No f. 16v, Περὶ τοῦ βορείου Στεφάνου e Περὶ ὧν τῆς σελήνης σημείων πρόγνωσις, f. 17r (#1-4), f. 17v (#4-8), f. 18r (= Ms. 1087, f. 301v-308r), f. 18v (#9-11 – *pars prima*), f. 19r (#11 *posterior pars* – 17 *prior pars*), f. 19v (#17 *posterior pars* – 23). Outrossim, *Vaticanus Graecus* 199 (W), séc. XV. Do mesmo século, também fragmentários, *Parisinus Graecus* 1310 (P), com um excerto de *Epítome*, viz. parte de #40 e #41-44 (ff. 37r-37v); *Scorialensis* Σ III 3 (S) e *Salmanticensis* 233 (Q). Já no séc. XVII, *Caen Bibliothèque Municipale* 22 (C), cópia de (O); *Codex* de Omôncio 444, apógrafo de (O), na Biblioteca Cadomo, ff.113-130.

Olivieri⁴⁸ apresenta o seguinte *stemma codicum*, a partir da obra inicial (X), e da recensão acumulada (Y):

⁴⁸ Olivieri 1897: XIII. Cf. Rehm 1899: XXIV, com o *Epítome* proveniente de y. Deste último, z, donde *Vat. Gr.* e *Aratus Latinus*.



* Z – *archetipus Catasterismorum iam editorum*

Segundo o *codex* O, o primeiro a editar a obra foi Io. Fellus, Oxonia (Oxford), a. 1672, a partir de um manuscrito oxoniense de Arato, emanado do *Edimburgensis Adv.* 18.7.15 (E), arquétipo da tradição planudeana (copiado, c. 1290, pelo bizantino Maximus Planudes, corrigido por Demetrius Triclianus), com anotações.

A partir da *editio princeps*, com versão latina e sem as anotações de Fellus, Th. Galeus (1688), *Opusculorum mytholog. physic. et ethic.*, Amstelaedami; depois, com versão latina, *epistola critica* de C. G. Heynius, na edição de Io. Conradus Schaubachius (1795), *Eratosthenis Catasterismi*

cum interpretatione latina et commentario Gottingae, apud Vandenhoeck et Ruprecht; F. C. Matthiaeus (1817), Francofurti ad Moenum; Baima (1821), Parisiis; A. Westermannus (1843), *Μυθογράφοι*, Brunsvigae; C. Robertus (1878), *Καταστερισμοί* (a partir do original extenso *Κατάλογου*), Berolini; E. Maass (1883), *Analecta Eratosthenica*, Berlin, Weidmannsche Buchhandlung; A. Olivieri (1897), *Pseudo-Eratosthenis Catasterismi*, Leipzig, Teubner; Anna Santoni (2009), *Eratostene, Epítome dei Catasterismi*, Pisa; J. Pàmias I Massana e A. Zucker (2013), *Ératosthène de Cyrène: Catastérismes*, Paris, Les Belles Lettres.

Olivieri (1897) e Maass (1898) editaram os *Fragmenta Vaticana* do Ms. *Marcianus Gr. 444*, apógrafo do *Vat. Gr. 1087*, apenas com 16 dos 25 episódios. Seguidamente, A. Rehm (1899), *Eratosthenes Catasterismorum fragmenta Vaticana* (publicando *Vat. Gr. 1087*)⁴⁹.

De referir também edições ilustradas: Erhard Ratdolt (1482), Veneza; Johann Schaubach (1791), Meiningen; Johann Buhle, 2 volumes (1793-1801).

Em suma, perdido o original alexandrino, o libelo copiado por Planudes – *Epítome* é uma versão resumida do original eratóstenico difundido pela edição de 1878. Outras versões existem dos *Catasterismi*, que acompanhavam Arato, *Fenómenos*, interrompendo algumas vezes o texto do poema, na edição

⁴⁹ As pequenas diferenças vocabulares face ao texto de *Epítome* são referidas por Olivieri, em aparato crítico de R (*Venetus Marcianus 444*). Apenas os episódios #5, 6, 8, 24, 25, 38, 39, 41, 42 contemplam, numa coluna própria, o texto completo de R, com alguma extensão na parte mitológica, porém sem alusão às estrelas (número, localização nas figuras, luminosidade). Com inclusão de alguns segmentos textuais na secção mitológica, os *Fragmenta Vaticana* reunidos por Rehm reportam 25 episódios (viz. # 5, 6, 8, 11, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42).

Φ, de J. Martins (1956). Os episódios da prosa pseudográfica *Catasterismos* (Καταστερισμοί), denotando um percurso desde o zodíaco mesopotâmico, às interpretações pérsicas e assimilação pela cultura mitológica grega, sobrevivem apenas enquanto *Epítome* (versão *facilior*), do século I. Por certo, os catasterismos são utilizados por autores contemporâneos de Eratóstenes, como Arato, *Fenómenos*, partindo do hemisfério boreal, e subsequentes⁵⁰, designadamente por latinos, a exemplo de Higino, *De Astronomia* (cf. livros 2 e 3); Ptolemeu.

2.2. ICONOGRAFIA

Poderão acompanhar a leitura do libelo pseudoeratosténico sobre catasterismos documentos iconográficos, pese embora tal informação não acompanhar o escrito original⁵¹.

O manuscrito do século XV, *Vat. Gr.* 1087 ff. 301v-308r⁵² comporta catorze desenhos sem complexidade, interrompendo a obra que atribui a Eratóstenes (ff. 301r, 311r-312r), com poucas inscrições, que basicamente identificam as figuras. O panorama etéreo completa-se com ambos os hemisférios, nos ff. 309v-310r. Sem texto a acompanhar, nem catálogo de estrelas, nem coordenadas matemáticas de localização, desconhece-se que episódio ilustrariam tais ilustrações, não mantidas em cópias e traduções seguintes, sabendo-se que não eram originais nem se destinariam especificamente aos *Catasterismos*. Hoje disponibilizadas em diapositivos de 35mm, a preto e branco, digitalmente, no endereço <<https://digi>.

⁵⁰ Cf. Pàmias Massana 2016.

⁵¹ Vd. Tsamakda 2017.

⁵² Cf. outros manuscritos ilustrados sobre constelações, BAV *Vat. Gr.* 1291.

vatlib.it/view/MSS_Vat.gr.1087>. O estado de divulgação do documento facultado pela BAV dificulta e maioritariamente impede a leitura das inscrições e glosas que acompanham as iluminuras.

Os desenhos, na globalidade, correspondem, num número diminuto, em traços consistentes com a anatomia que ditavam os códigos estéticos de então, anticlássicos e antinaturais, contudo mais toscos⁵³, ao conjunto de ilustração revista das constelações, por Leiden *Aratea*⁵⁴ latina (VLQ) – *Codex 83II (Aratus latinus recensio interpolata*. Vd. cópia carolíngia, ano 818: ilustrações f. 3v *Ursa Maior, Ursa Minor, Draco*; f. 6v *Hercules*; f. 8v *Corona Borealis*; f. 10v *Serpens, Serpentarius, Scorpio*; f. 22v *Auriga*; f. 12v *Bootes*; f. 16v *Gemini*; f. 18v *Cancer*; f. 20v *Leo*; f. 22v *Auriga*; f. 24v *Taurus*; f. 26v *Cepheus*; f. 28v *Cassiopea*; f. 30v *Andromeda*; f. 32v *Pegasus*; f. 34v *Aries*; f. 36v *Triangulum*; f. 38v *Pisces*; f. 40v *Perseus*; f. 42v *Pleiade*, f. 44v *Lyra*; f. 46v *Cygnus*; f. 48v *Aquarius*; f. 50v *Capricórnio*; f. 52v *Sagittarius*; f. 54v *Aquila, Sagitta*; f. 56v *Delphinus*; f. 58v *Orion*; f. 60v *Canis Maior*; f. 62v *Lepus*; f. 64v *Argo Navis*; f. 66v *Cetus*; f. 68v *Eridanus*; f. 70v *Piscis Austrinus*; f. 72v *Ara*; f. 76v *Hydra, Crater, Corvus*; f. 78v *Canis Minor*; f. 80v *Estrelas errantes*; f. 82v *Quatro estações personificadas*; f. 93v *Configuração dos planetas*.

A representação mais próxima das descrições literárias atribuídas a Eratóstenes encontra-se na tradução latina medieval,

⁵³ Cf. traços iconográficos e decorativos de Cora, séc. XIV (mosteiro constantinopolitano). Vd. *Vat. Gr. 1087* f. 302v.

⁵⁴ Arato foi sobretudo conhecido através dos tradutores. Um, que efetuou inclusivamente correções na astronomia, foi o latino Germânico *Caesar*. Dúvidas, porém, atribuem a autoria do poema (apenas 857 versos, na versão latina) ao seu tio Tibério, por vezes também apelidado Germânico. A versão Leiden *Aratea* comportava outrossim adaptações do poema por outros autores, como Avieno (séc. IV).

empreendida em c. 1000 por Germânico, sobre Arato de Solos (séc. IV/ III a.C.) *Phaenomena*⁵⁵, no Ms. NL.W. 735C f. 10v. A versão da obra por Germânico incluía mais duas ilustrações do que a de Leiden, designadamente Virgem e Centauro. Atualmente falta também a inicial, de Júpiter. O ilustrador (Fúrio Dionísio Filocalo, c. 354) terá consultado várias fontes para elaborar 11, a partir de diagramas do globo terrestre e as demais, do aspeto, vistas da Terra. Eram 39 ilustrações no total. As 3 últimas de Leiden *Aratea* incluir-se-ão numa tradição distinta, tardia e quiçá pouco relacionada com o poema. Outra cópia carolíngia perdeu-se.

Alguns desenhos do ms. *Vat. Gr.* 1087 são encabeçados por vocábulos que funcionam como títulos (e.g. f. 300v – περὶ τοῦ Ἰχθύος, #38; f. 301r – ἵπποξενταυρος, #40), ou com vocábulos posicionados em cima de figuras (e.g. f. 301r: κρατήρ, κόραξ, #41), o que permite ao leitor hodierno dispô-los por episódios eratósténicos e (ou) aratanos. Tais inscrições pertencem, em parte, à mão do ilustrador, mas outras constituem interpolações⁵⁶. Assim, f. 300v, só com o Peixe Austral elevado sobre o Altar (#38 | VLQ 79 f. 38v, com dois peixes; VLQ 79 f. 72v, *Ara*); f. 301r, hipocentauro/Sagitário, com rede e lança, no braço esquerdo e uma fera (inscrição lateral: Θηρίον?) dependurada pela mão direita (#40 | VLQ 79 f. 52v, com arco e flecha e sem fera). No f.303r superior, ao centro, um herói (Órion, #32 | VLQ 79 f. 58v?) que aparenta andar lesto, com espada numa das mãos e punhal à cintura;

⁵⁵ Resultado do poema épico sobre constelações incumbido a Arato pelo suserano da Macedónia, Antígono Gónatas, em 276/275 a.C.

⁵⁶ E.g. f. 301v, (serpente, corvo e cráter): τοῦτον τὸν ὄφιν οἱ μὲν Ἕλληνες – Νεῖλον. Vd. *Schol. Ar.* p.424, 22.23. Sobre o planeta Mercúrio, κηρύκειον, ὃ καὶ εἰώθασιν (φέρειν) οἱ περὶ (σπον)δῶν καὶ διαλλαγῶν *** ποιούμενοι.

em baixo, à direita, um urso; à esquerda, um cão com a estrela Sírio (#33 | VLQ 79 f. 60v?). No f. 305r, ursa maior e menor – uma em cima outra em baixo do dragão/serpente ao centro (ursa maior #1, ursa menor #2 | VLQ 79 f. 3v).

Alguns fólhos contemplam várias imagens em diversos níveis. Eis, pois, f. 301v, com figuras legendadas no cimo, com grande extensão horizontal, com a cabeça no lado esquerdo, Hidra (Ἰδρυς), a meio do dorso, Cráter (Κρατήρ), no dorso, mais próximo da cauda, Corvo (Κόραξ) (#41 | VLQ 79 f. 76v), encontrando-se o quadro das figuras voltado para a direita); num nível mais baixo, um cão – *Canis Minor* (inscrição ao cimo esquerdo: Κυνός) virado para a esquerda (#33 | VLQ 79 f. 78v); no nível mais baixo do fólio, os cinco planetas/estrelas errantes: em círculos, cimo, esquerda, com coroa, barba e cetro; à direita, cimo – Júpiter, figura de aparência mais idosa, com foice; ao centro, com coroa, Vénus, com um pau fino; à esquerda, baixo – Marte, barba curta negra, com capacete, elmo e lança; à direita, baixo – Mercúrio, com coroa, barba e caduceu. A imagem não segue a ordem factual dos planetas, mas uma certa hierarquia divina. Suprimindo a falta de inscrição identificativa, cada figura detém a seu lado pequenos símbolos (#43 | VLQ 79 f. 80v), qual quadro, apenas com um círculo a rodear a cara e os ombros de Júpiter, esquerda, cimo, com barba rasa negra, friso na cabeleira, cetro; Mercúrio, cimo direita, com caduceu; Saturno, figura mais velha, barba clara, centro, com foice; Vénus, baixo, esquerda, com pena de pavão – ave de Juno; Marte, baixo, direita, com capacete e lança. Por seu turno, o f. 302r, no cimo, parece pretender apresentar, em vários círculos, uma configuração dos planetas (cf. VLQ 79 f. 93v) ou pelo menos a indicação de órbitas circulares, embora não indique nenhum. Na metade inferior, o planisfério dos 12 signos. Rodando o círculo para a direita, carneiro (#19), touro

(#14), gémeos (#10), caranguejo (#11), leão (#12), virgem (#9), balança⁵⁷, escorpião (#7), sagitário (#28), capricórnio (#27), aquário (#26), peixes (#21). No centro, duas figuras – uma masculina e uma feminina, por certo sol e lua. Em termos gerais, a Via Láctea (#44) e Zodíaco. Fólio sem equivalente iconográfico VLQ 79. Na metade superior do f. 302v, dois burros (*Asini*) em redor de um comedouro, não constelação, mas asterismo – padrão de estrelas em Caranguejo; por baixo, conforme a inscrição, Ζεύς, ‘Zeus’, vestido, barba rasa preta, diadema na cabeça, sentado voltado para a sua direita, manto a cobrir costas e braço esquerdo, que segura uma tocha, com pernas cobertas, peito desnudo, descalço e cetro, sobre uma águia de grandes dimensões, com as patas sobre uma coroa/diadema (?)⁵⁸ similar ao de Zeus, porém muito maior (cf. #30 e VLQ 79 f. 54v). O f. 303v contempla, no nível superior, a metade frontal de um cavalo alado – Pégaso (#18 | VLQ 79 f. 32v); por baixo, virado para a esquerda, Áries (#19 | VLQ 79 f. 34v). O f. 304r é um composto, em cima, ao centro, por Triângulo (#20 | VLQ 79 f. 36v), em baixo, ao centro, por Peixes (#21 | VLQ 79 f. 38v), mais abaixo, à esquerda, por Perseu, parado, com espada numa das mãos, a cabeça de Górgona noutra (#22 | VLQ 79 f. 40v, a correr), nesse mesmo nível à direita, Lira (#24 | VLQ 79 f. 44v). Seguidamente, surgem no f. 304v o cisne (#25 | VLQ 79 f. 46v), à direita, Aquário (#26 | VLQ 79 f. 48v), de elmo na cabeça, nu, com uma capa e uma das mãos apoiada. Por baixo, à

⁵⁷ Constelação não distinguida. Cf. Virgem e Δίκη, ‘Justiça’.

⁵⁸ Cf. semelhança de traço das imagens de *Var. Gr.* 1087 e objetos de arte de Cora. Vd. coroa de espinhos de Cristo (Basílica do Monte Sião, Jerusalém, até 1053, depois Constantinopla) e representação do diadema de Zeus; ou Zeus e Cristo *Pantocrator*, mosaico na Igreja de Cora. Vd. Guidetti 2013: 114.

esquerda, Capricórnio (#27, à direita, um urso. Quanto ao f. 305v, em cima um herói desnudado a correr, com as mãos ocupadas, para matar uma serpente enrolada numa árvore (11º trabalho, jardim das Hespérides?) – #4 | VLQ 79). No f. 305v, em baixo, centralmente, Corona, ‘Coroa’ – fazendo lembrar as imperiais de louro, com inscrição no centro (#5 | VLQ 79 f. 8v). Já no f. 306r, Ofiúco (#6 | VLQ 79 f. 10v), em cima, à esquerda, sobre um escorpião (#7), com uma serpente segura por ambas as mãos, pela cintura, nas costas; também um herói vestido (com *exomis*), de sandálias, cajado de caça (*logobolon*) numa mão e gorro na cabeça (Boötes⁵⁹, VLQ 79 f. 12v), à direita. Na metade de baixo, Sagitário (#28 | VLQ 79 f. 52v), à direita, figura masculina barbada, nua, com uma peça de roupa a esvoaçar a partir do pescoço, com pés de cabra, cauda, arco e flecha e uma seta caída à esquerda.

Muito preenchido é o f. 306v, com as seguintes ilustrações, em três níveis: águia, à esquerda (#30 | VLQ 79 f. 54v), golfinho, à direita (#31 | VLQ 79 f. 56v); mais abaixo, lebre, à esquerda (#34 | VLQ 79 f. 62v), com o barco à direita e o animal em baixo, Argo (#35 | VLQ 79 f. 64v). No f. 307r, a figura do tronco superior de um homem barbado, com uma grinalda de flores e frutos na cabeça e uma espiga (Ceto, #36 | VLQ 79 f. 66v); uma figura feminina vestida com um *peplos*, com asas e balança, à direita (Virgem, #9); em baixo, no centro, Leão (#12 | VLQ 79 f. 20v). Relativamente ao f. 307v, Auriga (#13 | VLQ 79 f. 22v), figura de homem, barba rasa, no ar, com coroa na cabeça, cajado na mão direita, com duas pequenas cabras na mão esquerda, uma cabra maior ao lado, com a inscrição αἴξ, ‘cabra’ por cima; e à esquerda uma

⁵⁹ Cf. Arcas, caçador, filho de Calíope, metamorfoseada em ursa.

figura alada; em baixo, touro (#14 | VLQ 79 f. 24v) – metade dianteira do animal. No f. 308r, três imagens – uma em cima, de homem barbado, trajado, com capa, chapéu alto, braços abertos, com inscrição titular Κηφεύς, ‘Cefeu’ (#15 | VLQ 79 f. 26v); duas femininas, na metade inferior. À esquerda, com inscrição identificativa, sentada numa cadeira, vestida – traje requintado, pulseiras e brincos, braços abertos, coroa, Cassiopeia (#16 | VLQ 79 f. 28v). Do lado direito, elevada no ar, com coroa, pulseiras, brincos, traje com transparência, um objeto pendente em cada braço, aprisionada a uma rocha (?) com grilhões que prendem braços abertos e a rodeiam debaixo do peito, 3 objetos representados em cada lado, conforme inscrição, Andrómeda (#17 | VLQ 79 f. 30v). O nu de algumas figuras dificulta a certeza.

A ordenação das 46 imagens não parece obedecer a nenhum critério, nem ao *Epítome* alegadamente eratósténico, nem ao *corpus* aráteo. Faltam algumas constelações, designadamente Caranguejo, Plêiade e Gémeos. Ilustram-se outrossim corpos celestes que não são constelações (38 são, as restantes não, viz. dois burros; cinco planetas personificados; Via Láctea; Zodíaco; hemisférios; Zeus sobre águia – ilustração introdutória).

Decerto úteis para acompanhar a leitura eratósténica, mostram-se os mapas celestes (*Hemisphaerium Boreale*; *Hemisphaerium Australe*), presentes no final de Schaubach, J. (1795), *Eratosthenis Catasterismi cum interpretatione latina et commentario*, Gottingae, Vandenhoece et Ruprecht. Cf. Mapas de Doppelmayer, I. – *Hemisphaerium Coeli Australe*, *Hemisphaerium Coeli Boreale* –, inicialmente publicados por Homann, B. (1720?/1730?), Nuremberga, in Matthia, F. (1817), *Arati Phaenomena et Diosemea, quibus subjigiuntur Eratosthenis Catasterismi Aratus*, Francofurti ad Moenum, Lib.

Hermanniana: num apêndice, após ilustração de *Eratosthenis Systema Geographicum* e antes de *Orbis Tabula secundum Dionysium*.

2.3. FONTES ASSUMIDAS

Os catasterismos ditos eratósténicos denunciam uma técnica de acumulação erudita de informação, compilação alexandrina. São vinte e quatro os vários autores citados⁶⁰ em 44 episódios dos múltiplos que poderiam ter sido seguidos para as várias cenas mitológicas.

Embora por vezes se constate um discurso que pretende apenas transmitir uma realidade objetiva e visível por todos, sem necessidade de abonamentos literários ou correntes (e.g. #42), na generalidade, todos os episódios escudam-se em opiniões abalizadas pela vulgarização e (ou) pela distinção de alguns estudiosos/cientistas (*viz.* astrónomos, filósofos, literatos). Isto redundará na utilização da forma verbal impessoal λέγεται, “conta-se, diz-se” (e.g. #4, 5, 6,7,8). Esta indicação concretiza-se, em muitos casos, com alguns nomes na parte mitológica (e nunca relativamente ao número de estrelas) de alguns episódios. As informações deficitárias poderão suprir-se por estudos atuais sobre os *corpora* preservados. a saber, do séc. VII a.C. (?), Hesíodo – #1⁶¹, 9⁶², 19⁶³, 32. Do séc. VI/V a.C., Museu – #13⁶⁴. Do séc. V a.C., Ctésias – #38; Eurípidés

⁶⁰ Cf. alusões a Hiparo (#23) e Artemidoro (#31), enquanto interpolações posteriores.

⁶¹ *Op.* fr. 181 Rzak; *Catálogo de Mulheres* fr. 163 M-W. Cf. *Astronomia** fr. 181 Rzach.

⁶² *Th.* 901-2.

⁶³ Fr. 188 Markscheffel.

⁶⁴ Fr. 7 Kinkel.

– #13⁶⁵; Ferécides – #3⁶⁶, 19⁶⁷. Pertencem ao séc. IV a.C. Ânfis (#1); Pisandro – #12⁶⁸. Remonta ao séc. IV/III a.C. Aglaóstenes – #2⁶⁹. Do séc. III a.C., Sositeu – #28; Arato – #2⁷⁰, 9⁷¹, 18⁷², 37.

Ocasões há em que os antropónimos se seguem do nome de uma obra, sem prosseguir com a referência ao passo, designadamente, Epiménides (séc. VI a.C.) *Cretica** – #27; Cratino (séc. V a.C.) *Némesis** – #25; Ésquilo (séc. V a.C.) *Fórcides** – #22, *Bacchae**(?) – #24; Sófocles (séc. V a.C.) *Andrómeda* – #16, 36; Eurípides (séc. V a.C.) *Frixo** – #14⁷³, *Andrómeda** – #15, 17, *Melanipe** – #18⁷⁴, *Alceste* – #29; Antístenes (séc. VI/IV a.C.) *Héracles* – #40; Aristóteles (séc. IV a.C.) *Acerca dos Animais* (#34, 41); Heraclides Pôntico (séc. IV a.C.) *Sobre a Justiça* – #29; Paníasis (séc. IV a.C.) *Heracleia* – #11⁷⁵; Aglaóstenes *Naxica* (#30). Certos autores apenas são contemplados nos *Fragmenta Vaticana*. Assim, do séc. V a.C., Ferécides *Kretika* (#5).

Catasterismos (κατά – ἀστερισμός) definem uma obra de mitologia astral, normalmente apensa a reconhecidos mitos tradicionais. Desenvolvidos sobretudo a partir V a.C., há dúvida quanto à sua origem (teria *Astronomia* de Hesíodo⁷⁶

⁶⁵ Fr. 925 N.

⁶⁶ Cf. *ἰερὸς γάμος/ἰερογαμία*, *Casamento Sagrado* 2, *apud schol.* A.R. 4.1396/*FGrH* 3F16-17.

⁶⁷ Fr. 58/*FGrH* I p. 86.

⁶⁸ Fr. 1 Kinkel.

⁶⁹ *FGrH* 499F1.

⁷⁰ *Phaen.* 49-54

⁷¹ *Phaen.* 99-136, a partir de Hes. *Op.* 784-821.

⁷² *Phaen.* 216 sq.

⁷³ Fr. 820 N.

⁷⁴ Fr. 488 N.

⁷⁵ Fr. 3 Kinkel = fr. 11 Bernabé. Vd. fr. 6 Bernabé.

⁷⁶ Vd. Plêiades, filha de Atlas, Hes. *Op.* 383-4; Arcturo, *Op.* 564-70; Arcturo, Plêiades, Órion, sd. *Op.* 609-22.

já catasterismos?). De facto, constam-se obras anteriores de astronomia, perdidas para a atualidade, como Cleóstrato de Ténedo (séc. VI a.C.), Semintes (séc. IV a.C.), Alexandre Étolo (séc. IV/III a.C.). Seguidamente, *Phaenomena*⁷⁷ de Arato (1150 versos), recordando apenas três: Lira, elevada por Hermes, seu inventor; Coroa, colocada por Diónisos, como memorial da esposa; duas Ursas, por Zeus, na medida em que cuidaram de si na infância (cf. Órion, Cavalo e Virgem). De igual modo, Eudoxo de Cnido (em prosa).

As referências não são muito diversificadas. Há autores e obras mais repetidos, o que denuncia uma certa coesão da obra, ainda que espartilhada por vários episódios, e também a distinção conferida a determinados autores, bem como o conhecimento de obras atualmente perdidas, comportando-se os *Catasterismos* como fonte terceira de informação para a hodiernidade. As fontes aludidas situam-se entre Hesíodo e o século IV a.C. Ainda assim, confirmam o arranjo tardio do *Epítome* ou interposições posteriores a Eratóstenes⁷⁸ referências ao astrónomo Hiparco (séc. II a.C.) – #23; a Artemidoro (séc. II), *Elegias Amorosas* – #31.

2.4. ESTRUTURA

*Katasterismoi*⁷⁹ denunciam um percurso de ascensão, não propriamente evolutivo, pois não se ilustra a progressão anímica, mas são colocadas no espaço formas, figuras inanimadas, de certa forma materializando Ar. *Pax* 832-3, mediante o qual os mortos se tornam estrelas (ἀστέρεις).

⁷⁷ Cf. Hard 2015.

⁷⁸ Cf. Maass 1883: 139.

⁷⁹ Cf. καταστερίζω: ‘posicionamento dos astros’.

Mas não só. São vastos os *topoi* desenvolvidos na obra no seu todo, tomando o processo catasterísmico como expediente de base, passando por *philia*; *eros*; relacionamentos extraconjugais; traição; insolência; inveja; mixoscopia; cultos; estupro; abdução; impiedade (ἀσέβεια); cólera; justiça; crime e castigo; reverência; eponímia; etiologia; mitologia; metamorfose.

Linguisticamente simples, a prosa descritiva é breve e condensada. Normalmente a exposição é impessoal. Com raridade, surge a 1ª pessoa do plural – ἀποδώσομεν, ‘daremos’, ἔλθωμεν, “chegarmos” (#21, sugerindo a existência de uma ordenação dos episódios pré-definida).

Em termos estruturais, a obra é repartida, na edição de Olivieri, por três secções, comportando 44 episódios (parte I: #1-42; parte 2: #43; parte III: #44). As duas últimas secções, monoepisódicas, desenrolam-se através de um esquema mais simplificado, conforme os episódios finais da primeira parte. De início, os episódios começam com eventos mitológicos explicativos de uma forma assumida pelas estrelas da constelação, no espaço. A questão assume propensões etiológicas e de certo modo racionalizantes, ao procurar a conjugação de matéria mitológica com a factualidade empírica, aproximando a disposição visível de formas terrenas de objetos, pessoas ou animais.

A falta de grande desenvolvimento dos mitos denuncia um público certamente fluente quanto às personagens e ações aludidas, ainda que em raras ocasiões com laivos de inovação/mudança. Sucedendo-se a uma primeira parte mitológica, regra geral, a versão D (*recensio codd.* LMOS) na edição de Olivieri descreve as estrelas da constelação, apenas em número, por vezes mencionando tamanho, iluminação e posicionamento na figura final. A estrutura de #23 afasta-se da estrutura padrão, apresentando primeiro a localização, depois

o número de estrelas, a secção mitológica e de novo descrição do número. Também o episódio #43 segue um modelo ligeiramente distinto, porque adaptado ao conteúdo de 5 ‘estrelas’ diferentes. Começa por definir-se a noção de ‘planeta’. Sucede-se a atribuição de cada planeta a uma divindade, em certos casos com indicações dispersas, de tamanho e cor. Linear e sem desenvolvimento mitológico, é ao 5º que se consignam mais informações. Por último (#44), uma galáxia, onde se leem apenas explanações mitológicas.

Os pequenos segmentos referem várias figuras divinas, a saber Zeus (#1, 2, 8, 9, 10, 13, 14, 22, 25, 26, 27, 30, 33, 39), Asclépio e Apolo (#6, 29, 41); Posídon (#31, 32, 35); Hermes (#34); Cf. planetas, pertencentes a Zeus/Júpiter, Faetonte/Saturno, Ares/Marte, Afrodite/Vénus e Hermes/Mercúrio (#43). Contemplam-se, outrossim, diversas figuras do panorama mitológico, como Perseu e Andrómeda (#15, 16, 17, 22), Atlas (# 23), Argonautas (#19, 20); Musas e Orfeu (#24, 28); heróis, designadamente Hércules (#3, 4, 11, 12, 40, 44), por vezes conjugados com divindades. Assim, Diónisos e Teseu (#5, 11); Atena e o rei Ericciónio (#13, 35); Pégaso os centauros (#18).

Há episódios que se relacionam entre si por terem algum elemento mitológico comum, designadamente proximidade no firmamento (#6, 7), mitologia (#7, 32), grupo mitológico de constelações (e.g. Perseu; Hércules; Andrómeda; Órion; Diónisos).

Provavelmente devido a omissões e (ou) interpolações alheias ao original, constatam-se alguns episódios com erros no somatório do número de estrelas elencado (e.g. #7, 9, 17⁸⁰).

⁸⁰ Cf. O total, na realidade, é de 23, segundo Ptolemeu. ‘Vinte’ seguirá Higino e Hiparco.

Também #41, para menos). Casos há em que a contabilização está certa, na admissão de outras lições indicadas []. Assim, em #16, 32, 37 há que retirar as estrelas do banco. O episódio #22 a contabilização está certa, se porventura se retirar a da cabeça da Górgona.

A disposição dos episódios não reúne consenso. De facto, a ordenação original dos episódios seria distinta de *Epítome*⁸¹. Tampouco a ordem das constelações do Ms. *Vat. Gr.* 1087 adota a sequência dos *Aratea*⁸², e a de *Epítome*.

2.5. METAMORFOSES ESTELARES

O libelo *Constelações do Zodíaco/Catasterismos* participa da mitologia tradicional e serve de base a múltiplos autores (e.g. Catul. 66; Hyg. e quatro livros *Astr.* (séc. II); Nigid. *De Sphaera*). Comporta explicações do zodíaco, planetas e de algumas constelações, com base em metamorfoses. Pese embora o génio criativo do autor sobre a tradição mitológica, por vezes seguida, noutros casos discutível (cf. #1, 24), constata-se o recurso a fontes anteriores, decerto uma tradição mitológica pitagórica envolta em enigmas de metáforas, símbolos e alegorias transmitidos de forma oral e recolhidos por sábios (σοφοί) pitagóricos (ἀκούσματα/σύμβολα), que Aristóteles retrata (Arist. fr. 159 Gigon = Porph. *VP* 41)⁸³.

⁸¹ E.g. episódio original #4 (De Cefeu) ocupa, em *Epítome*, o 15º lugar; 'Da Lira' é o #9, no original, mas o 24º, em *Epítome*. Relativamente a *Vat. Gr.*, vd., na presente publicação, o capítulo 2.1. Cf. Pàmias I Massana 2004: 30.

⁸² Versão carolíngia, Ms. *Voss. Lat. Q.* 79, Biblioteca de Leiden, 99 ff. Cópia do séc. IX sobre os *Fenómenos* de Arato (séc. IV/III a.C.). Cf. Dolan 2017.

⁸³ Vd. Arist. fr. 159 Gigon (Porph. *VP* 41), acerca das metáforas utilizadas para denominar astros: ἔλεγε δέ τινα καὶ μυστικῶ τρόπῳ

Trata-se de fixar num local de eterna preservação visível, como memória/lembrança⁸⁴ para as gerações vindouras, quais recompensas divinas imortalizadoras de circunstâncias, castigos, deferência (e.g. #7 – Zeus, por deferência a Apolo; #15 – Atena, por favor a Andrómeda; #18 – Ártemis, respondendo a súplica; #24 – Zeus, a pedido das Musas), reverência. Porém, não se trata estritamente de uma obra de metamorfoses. A subida aos céus nem sempre implica que se processem esses fenômenos nas figuras retratadas nos episódios – umas divinas (cf. #2), outras humanas, em alguns casos animais (e.g. #25, 38), noutros objetos (cf. #5, 29, 35), símbolos (cf. #20). Além disso, a elevação estelar não implica a metamorfose, mas apenas permite visualizar uma transformação anteriormente perpetrada (e.g. #2).

O didatismo mnemónico das transformações de consagração heroica é assumido pelo autor, tomando como instrumento divindades enquanto agentes de metamorfose e desenvolvendo o *topos* da colocação no céu por motivos vários. O ato de posicionar nos astros pertence maioritariamente a Zeus (#1, 3, 4, 6-8, 7; 10, 12-14, 24-28. Cf. #26 – Zeus é responsável ao abduzir; #30, 32, 33, 40), mas também a Ártemis (#2); Hera (#11); Apolo (#29, 41); Atena (#15, 17, 22, 35); Posídon (? #31);

συμβολικῶς, ἃ δὴ ἐπὶ πλείον Ἀριστοτέλης ἀνέγραψεν· οἷον ὅτι τὴν θάλατταν μὲν ἐκάλει εἶναι δάκρυον, τὰς δ' ἄρκτους ῥέας χεῖρας, τὴν δὲ πλειάδα μουσῶν λύραν, τοὺς δὲ πλανήτας κύνας τῆς Φερσεφόνης, “Mas ele [Pitágoras] também afirmou determinadas coisas de modo misterioso, simbólico, que Aristóteles grafou bastante. Por exemplo, apelidou o mar de ‘lágrimas [de Cronos]’, e as Ursas, de ‘mãos de Reia’, as Pléiades, de ‘lira das Musas’, e os planetas, de ‘cães de Perséfone’.”

⁸⁴ Cf. o recurso a vocábulos como ὑπόμνημα (#3, 17, 29, 36), μνήμη (#4), μνήμην (#10), μνημονευσθῆναι (#12), μνημόσυνον (#19, 24, 32, 39), μνημόνευμα (#41). Considere-se *hypomnema* como *breuiarium*, forma de anotação peripatética seguida na poesia helénistica.

Diónisos (#5, 11); Hermes (#20, 34); deuses na generalidade (#32, 39). Cf. também Derceto, filha de Afrodite (#38). Por vezes parece até existir uma certa autonomia e voluntarismo (e.g. #9, 19). E casos há sem indicação ou dúbios (#16, 23, 36, 37. Cf. em #21, a descrição é já no céu).

As razões que explicam as metamorfoses passam por gratificação (#1, 2, 4, 6-8, 10-14, 17, 22, 24, 28, 30, 31, 34, 35, 38, 40). De igual modo, como lembrete (#3). Na generalidade, as metamorfoses estelares constituem sinais honoríficos, para memória futura. Contudo, por vezes dão conta de castigos (#16, 32, 35, 41). Simultaneamente, enquanto prémio e castigo (#7, 11, 32). Como imortalização (#5, 23); para proteção humana (#10, 39); por iniciativa própria (#9, 18, 25, 29); por associação mitológica (#21, 38, face a #1, 33, 37, 38, 42). Como tal, não retratam fugas, nem impedem a presença das personagens noutros planos mitológicos (e.g. Ulisses vê Órion nos Infernos; Hércules sobe ao Olimpo). Com efeito, poderia até indagar-se as constelações eram as figuras divinizadas ou tão só as suas imagens, porquanto a sua elevação ao firmamento não finda os seus périplos mitológicos noutros cenários.

2.6. A OBRA E O TEMPO: APONTAMENTOS POLÍTICO-RELIGIOSOS

Embora sob um primeiro olhar arredado do plano terrestre (e naturalmente social), constata-se, no opúsculo, atualidade contemporânea à época. Designadamente, um confronto entre ideologias ptolemaicas de foro religioso e a tradição mitológica dionisíaca a serviço de Alexandre Magno, com incursões alexandrinas na Índia (séc. IV

a.C.), alegadamente instigadas por Diónisos⁸⁵. O racionalista Eratóstenes, segundo revela Arriano (*Ann.* 5.3.1-4), terá levantado algumas dúvidas quanto a factos relativos a Alexandre, aproximado pelos apoiantes da expedição diónisiaca entre o Egeu e Índia (cf. D.S. 3.73.7. Cf. pintura de chão de procissão triunfal de Diónisos⁸⁶, na casa de Marcus Lucretius Fronto, período Claudiano, em Pompeios, zona V 4, a PPM III 1010-13), na sua opinião (fr. I B, 24 ed. Berger = *FGrH* 721 F 3b), envoltos num exagero encomiasta, proporcionado no âmbito de uma campanha política da corte ptolemaica:

καὶ ταῦτα ὅπως τις ἐθέλει ὑπολαβὼν ἀπιστεῖτω ἢ πιστευέτω. οὐ γὰρ ἔγωγε Ἑρατοσθένει τῷ Κυρηναίῳ πάντῃ ξυμφέρομαι, ὃς λέγει πάντα ὅσα ἐς τὸ θεῖον ἀναφέρεται ἐκ Μακεδόνων πρὸς χάριν τὴν Ἀλεξάνδρου ἐς τὸ ὑπέρογκον ἐπιφημισθῆναι. καὶ γὰρ καὶ σπῆλαιον λέγει ἰδόντας ἐν Παραπαμισάδαις τοὺς Μακεδόνας καὶ τινα μῦθον ἐπιχώριον ἀκούσαντας ἢ καὶ αὐτοὺς ξυνθέντας φημίσαι, ὅτι τοῦτο ἄρα ἦν τοῦ Προμηθέως τὸ ἄντρον ἵνα ἐδέδετο, καὶ ὁ αἰετὸς ὅτι ἐκεῖσε ἐφοίτα δαισόμενος τῶν σπλάγχων τοῦ Προμηθέως, καὶ ὁ Ἡρακλῆς ὅτι ἐκεῖσε ἀφικόμενος τὸν τε αἰετὸν ἀπέκτεινε καὶ τὸν Προμηθεά τῶν δεσμῶν

⁸⁵ Aparentemente arredado de cenários políticos terrenos, o *topos* astronómico é colocado em contacto com aspetos políticos e sociais pelos autores que sobre ele constroem as suas obras que não são simplesmente tratados técnicos. Constata-se isso mesmo com *Catasterismos*, que terá influenciado obras a exemplo de Ovídio, *Fasti*, com conotações filosóficas de caos e incerteza. Vd. Pâmias Massana 2004.

⁸⁶ Compare-se ideologia dinástica alexandrina, aquando da procissão militar triunfal (a 1ª por Ptolemeu II) em Alexandria, em honra de Diónisos (cf. Sátiros e Silenos, estátua de Diónisos, ouro e prata, Ath. 5.200e).

ἀπέλυσε. τὸν δὲ Καύκασον τὸ ὄρος ἐκ τοῦ Πόντου ἐς τὰ πρὸς ἕω μέρη τῆς γῆς καὶ τὴν Παραπαμισαδῶν χώραν ὡς ἐπὶ Ἰνδοῦς μετάγειν τῷ λόγῳ τοὺς Μακεδόνας, Παραπάμισον ὄντα τὸ ὄρος αὐτοῦς καλοῦντας Καύκασον τῆς Ἀλεξάνδρου ἕνεκα δόξης, ὡς ὑπὲρ τὸν Καύκασον ἄρα ἐλθόντα Ἀλέξανδρον. ἐν τε αὐτῇ τῇ Ἰνδῶν γῆ βουῖς ἰδόντας ἐγκεκαυμένας ῥόπαλον τεκμηριουῖσθαι ἐπὶ τῷδε, ὅτι Ἡρακλῆς ἐς Ἰνδοῦς ἀφίκετο. ὅμοια δὲ καὶ ὑπὲρ Διονύσου τῆς πλάνης ἀπιστεῖ Ἐρατοσθένης

“Quem recebe estas histórias pode acreditar ou desacreditar, como quiser. Contudo, eu não concordo inteiramente com Eratóstenes de Cirene, que afirma que tudo o que foi atribuído ao divino pelos Macedónios foi de facto afirmado para elogiar Alexandre, pelo seu elogio excessivo. É que ele afirma que os Macedónios, vendo uma caverna na região dos Parapamisadanos, e ouvindo uma lenda corrente entre os nativos, ou eles mesmos supondo, espalham a notícia de que esta foi a caverna onde Prometeu foi preso, que uma águia a frequentou para alimentar-se dos seus órgãos internos, que quando Hércules aí chegou matou a águia e soltou Prometeu das suas amarras. Também refere que pelo seu testemunho os Macedónios transferiram o Monte Cáucaso do Mar Euxino para as regiões orientais, e o território dos Parapamisadanos para o dos Indianos, designando o que era Monte Parapamisado, pelo nome de Cáucaso, para aumentar a glória de Alexandre, uma vez que ultrapassou o Cáucaso. Adiciona que, quando viram na Índia alguns bois marcados com o símbolo de um bastão, concluíram que Hércules tinha entrado na Índia. Eratóstenes também desacredita o conto similar da errância de Díónisos.”

Com efeito, pretende-se uma divinização ptolemaica da figura de Alexandre (desconhece-se se em vida ou *a posteriori*. Cf. autonomações como νέος Διόνυσος, ‘novo Dionísio’ e ‘filho de Amon’ – Zeus, sobretudo a partir da visita ao oráculo de Siwah, 331 a.C.), identificando-o com Diónisos. Aliás, seria alegadamente um bastardo divino, pese embora o pai biológico, Filipe, resultante da ligação da mãe, Olímpia de Molosso⁸⁷ com Zeus, como serpente (Plu. *Alex* 2.1-4, que inicialmente refere a ascendência de Alexandre, de Hércules através de Cerano e do lado materno, de Éaco através de Neoptólemo). A divinização de Alexandre por nascimento prossegue com Plutarco (*Alex*. 3.3-5), ao relatá-lo filho de Ártemis, cujo templo ardeu (cf. Hegésias), alegadamente no 6º dia de Hecatombaeon (de 356 a.C.), facto tomado como ominoso pelos Magos, porém logo de seguida interpretando os profetas o dia como um auspício positivo, perante notícias venturosas reveladas a Filipe por três mensageiros. O retrato do Alexandrino sobre Diónisos resulta burlesco e irónico. Em *Catasterismos*, procuraria manter-se neutro, já que não posiciona o local de nascimento e infância de Diónisos em Nisa (cf. *h.Bacch.* 1), região conectada com a campanha de Alexandre.

⁸⁷ Cf. Olimpíada e o culto, Hyp. *Eux.* 25. Em #14, a versão de Eratóstenes ao mencionar as Híades como amas de Diónisos parece transformar Olímpia, cujo antropónimo inicial era Políxena, numa τροφός de um nado divino. Aliás o nome de uma das ninfas era Políxena. Sobre o nascimento de Alexandre, vd. culto da serpente, segundo Plu. 2-3, referindo Eratóstenes *FGrH* 241 F28. Cf. Greenbaum 2015.

3. NOTAS DE TRADUÇÃO

A tradução procura seguir o original grego, em Olivieri, A. ed. (1897), *Mythographi Graeci: Pseudo-Eratosthenes Catasterismi*, vol. 3, fasc. 1, Lipsiae, in aedibus B. G. Teubneri. A edição teubneriense baseia-se no Manuscrito (O), *Oxonienensis*, e a obra é dividida pelo editor em três partes. Ainda assim, em certos episódios (#5, 6, 8, 24, 25, 38, 39, 41, 42), Olivieri apresenta o texto de (R), *Venetus Marcianus* 444, à esquerda, e (D), *recensio codd.* L(*aurentianus medicus* 87 *plut.* 28)M(*atritensis* 67)O(*xoniensis inter Baroccianos* 119)S(*Vindobonensis* 841 *apud Nesselium*, 127 *ap. Lambecium*), na coluna da direita, apesar de manter o aparato crítico que denota pequenas diferenças de outras lições. Na realidade, as versões de (R) e (D) regra geral não se contradizem em termos de conteúdo. Somente o texto de (R), correspondente ao reproduzido pelos *Fragmenta Vaticana*, é mais alargado e um pouco mais pormenorizado no respeitante à matéria mitológica, omitindo a seção relativa à descrição da constelação e número de estrelas.

A tradução segue o texto de (D), para conservar a estrutura habitual dos demais episódios da obra. Transparece, por isso, um estilo simples, com repetição vocabular. Outrossim, preservam-se símbolos numéricos sempre que o texto grego não desenvolva linguisticamente os numerais. Alguns comentários a propósito de aspetos particulares de cada episódio, porque esclarecedores e potencialmente facilitadores do entendimento constam em nota de rodapé. Acompanham, de igual modo, cada cena outras versões de referência de Ps. – Eratóstenes, *Catasterismos*.

Porque esta tradução segue o texto de Olivieri (cf. Pàmias – Zucker 2013), ultrapassa as diferentes lições dos vários manuscritos e também dos *Fragmenta Vaticana* que apoiam o *Vat. Gr. 1087*⁸⁸.

Nem sempre a contabilidade das estrelas se encontra correta, o que aponta para questões editoriais: texto perdido ou acrescentos.

⁸⁸ Rehm 1899.

**CONSTELAÇÕES
DO ZODÍACO**

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE I

(Página deixada propositadamente em branco)

1. DA URSA MAIOR

Hesíodo refere que essa filha de Licáon⁸⁹ habitava na Arcádia, e procura ir caçar feras nos montes, na companhia de Ártemis. Tendo sido seduzida por Zeus, conseguiu escapar à divindade, porém depois, quando estava prestes a dar à luz, foi descoberta, ao ser vista por aquela⁹⁰ desnudada. Por esse

⁸⁹ Ou Arcádio. Vd. Calisto, ninfa (*Schol. ad E. Or.* 1642; Apollod. 3.8.2), uma das apaixonadas de Zeus. Embora a sua filiação seja distinta (e.g. Nicteu, segundo Ásio, fr. 9 Bernabé; Ceteu, conforme Pherecyd. *FGrH* 3F157; era Megisto, neta de Licáon, segundo Areto *FGrH* 316F2). Eratóstenes terá seguido Hesíodo, retratando-a como filha de Licáon, primeiramente transformada em ursa e depois elevada a constelação (cf. Paus. 1.25.1, 8.3.6; Lib. 34; Tz. *ad Lyc.* 481; no panorama latino, Ov. *Met.* 2.409-507; Hyg. *Fab.* 155, 176, 177; Lactânio sobre Stat., *Theb.* 3.685; Serv. G. 1.138; *Schol.* Germ. *Arat.* p. 381). Vd. outrossim Eumel. *apud* Apollod. 3.8.2. Hesíodo, *Op.* fr. 163 M-W., ou quiçá em **Astronomia* fr. 181 Rzach é selecionado como fonte deste episódio. Os contornos tradicionais mantêm-se até ao ponto em que Hesíodo avança com informações relativas à manifestação incontida de ἐπιθυμία, ‘desejo’ antropófago (Apollod. 3.8; Ov. *Met.* 1.220 sq.) inerente à curiosidade que marcava a humanidade desde o episódio paradigmático de Pandora e se transmitia geracionalmente enquanto propensão concretizada por Licáon, na falsa hospitalidade de um manjar ímpio oferecido a Zeus, segundo relata Hesíodo, a propósito de Arcas (Boötes). O episódio constitui etiologia dos episódios #1 e #8, que completam entre si a informação hesiodíaca.

⁹⁰ Ártemis. Cf. atitudes *voyeuristas* do caçador cretense Siproites; de Actéon da Beócia, um belo jovem, aficionado pela caça, que teria avistado a deusa virgem Ártemis a banhar-se desnuda; Cálidon, permitindo tomar a curiosidade incontida como uma atitude de insolência e ἀσέβεια, ‘impiedade’, desencadeando atos de justiça punitiva e reparadora, no caso, associada ao *topos* do ‘desmembramento’, (*dias paragmos*) (vd. Culto Dionísíaco e Penteu e as Bacantes. Cf. E. *Ba.* 64-169, 660-713), pela transformação do caçador em peça de caça dos seus cinquenta cães, que o despedaçaram (e.g. Apollod. 3.4.4; Ov. *Met.* 3. 131 sq.; Hyg. *Fab.* 181; Paus. 1.44.8, 9.2.3).

motivo, a deusa encolerizou-se, metamorfoseando-a numa fera. E assim, sob a forma de urso, deu à luz Arcas⁹¹. Foi caçada no monte por uns pastores e ofereceram-na, juntamente com o seu rebento, a Licáon. Após algum tempo, atreveu-se a entrar no recinto [sagrado] de Zeus, contrariando a lei. Foi perseguida pelo seu próprio filho e pelos Arcadianos, e esteve para morrer pela aplicação da lei. Todavia, Zeus livrou-a, em virtude da sua relação e elevou-a no firmamento⁹². Denominou esta constelação de Ursa⁹³, devido àquela ocorrência.

⁹¹ Cf. ἄρκτος, ‘urso’, quiçá uma liigação aos Arcadianos enquanto totémicos. Vd. *Schol. ad Lyc.* 481. Cl. Alex. *Protr.* 2.36.5; Nonn. *D.* 18.20 sq. A conjugação das figuras de Licáon, Calisto e Arcas no mesmo mito poderá constituir uma tentativa de Eratóstenes inovar, aproximando historicorreligiosamente tradições do Monte Liceu com outras mais a norte, relativas a Arcas, segundo Borgeaud 1938: 30. O desenvolvimento da insolência de Licáon para com Zeus surge contemplado em *Schol. Arat. Latinus e Vaticanus Graecus* 1087, com alusão à prova do repasto enganador do semidivino Arcas, que conduziria à metamorfose castigadora de Licáon e à reconstituição e elevação astral de Arcas enquanto constelação Arctofilax (vd., a partir do original perdido, Hyg. 2.1). Cf. Heinrichs 1987: 261-262. Neste ponto, os *Fragmenta Vaticana* oferecem uma versão a partir de nova fonte. Embora o resultado final fique alterado, justapõem-se *topoi* relativos a relacionamentos extraconjugais; à sedução/abdução/violação recorrente de Zeus; ao disfarce divino para a comunicação entre o divino e o humano; à paternidade não assumida e ao desconhecimento desencadeador de uma insolência inata. Assim, Ἄμφις δὲ ὁ τῶν κωμωδιῶν ποιητῆς φησὶν τὸν Δία Ἀρτέμιδι ὁμοιωθέντα ἔλθειν εἰς τὸ ὄρος καὶ συγκυνηγετοῦσαν φθεῖραι αὐτήν· μετὰ δὲ τὸν χρόνον τῆς γαστροῦ μετεώρου γενομένου, ἐταξομένην εἰπεῖν μηδὲν αἴτιον εἶναι τοῦ συμπτώματος πλὴν Ἄρτεμιν· ἐφ’ ᾧ ὄργισθεισαν τὴν θεὸν θηριώσαι αὐτήν. “Porém o poeta cómico Ἄμφις refere que Zeus, disfarçado de Ártemis, foi até à montanha e, ao caçar com ela, seduziu-a. Depois, quando a barriga dela aumentou, ao ser questionada, disse que não havia explicação para a ocorrência, a não ser Ártemis, o que motivou a ira da deusa e a metamorfoseou numa fera.”

⁹² As fontes não coincidem quanto à autoria da metamorfose: se Zeus (Apollod. 3.8.2), Hera (Juno, Ov. *Met.* 2.410) ou Ártemis (Diana, Hyg. *Astr.* 2.1).

⁹³ Entenda-se ‘Ursa Maior’.

Possui 7 estrelas escurecidas na cabeça, 2 sobre cada um dos ombros, 1 brilhante <sobre> as omoplatas, sobre o peito <1, sobre a pata dianteira> 2, sobre a base da coluna 1 brilhante, <1 brilhante no abdómen>, nas partes detrás das pernas 2, na extremidade da pata 2, sobre a cauda 3. Na totalidade 24.

2. DA URSA MENOR⁹⁴

Chama-se Ursa Menor, mas foi chamada Fenícia pela maioria. Contudo, foi honrada por Ártemis. Mas, ao saber que Zeus a seduziu, metamorfoseou-a numa fera. Conta-se que depois a perdoou, e que lhe atribuiu uma forma diferente nas estrelas, pelo que obteve uma dupla recompensa⁹⁵.

Aglaóstenes, em *Naxica*, relata que se trata da ama de Zeus, Cinosura⁹⁶, uma ninfa dos Idas⁹⁷. A partir dela chamou-se à cidade Histos, assim denominada a que Nicóstrato fundou. Nela existe um porto e um local chamado Cinosura.

Arato⁹⁸ denomina-a Hélice, existente a partir de Creta, e que foi ama de Zeus. Como recompensa por isso, ficou nos céus.

Apresenta 1 estrela brilhante em cada ângulo do quadrilátero, e 3 também brilhantes sobre a cauda, num total de 7. Debaixo das que seguem, destas, outra estrela muito abaixo, que se chama Polar, à volta da qual se crê que gira toda a esfera celeste.

⁹⁴ Cf. Tales de Mileto, séc. VI a.C.

⁹⁵ *Schol.* Germ. G. p. 114, 19 aproxima esta constelação de Calisto, pela cauda de cão que representa (seu animal de caça) e a que deve o nome Cinosura: κύων, 'cão'. Vd. *Arctophylax*. Cf. *Arctus* (*Hyg. Astr.* 2.2).

⁹⁶ Cf. Aglaóstenes, *FGrH* 499F1. Vd. #1 e tradição pitagórica.

⁹⁷ Vd. Monte Ida, Frígia, na Ásia Menor.

⁹⁸ Vd. *Phaen.* 49-54. Cf. Hélice (Ursa Maior), Cinosura (Ursa Menor).

3. DO DRAGÃO

Trata-se desse grande⁹⁹ [dragão] situado entre as duas Ursas. Diz-se que guardava o jardim das maçãs de ouro e que morreu vítima de Hércules. Em compensação, foi-lhe atribuído um lugar entre as estrelas graças a Hera, que o colocou como guardião das maçãs das Hespérides¹⁰⁰. Ora, Ferécides¹⁰¹ conta que, aquando das bodas de Hera e Zeus, se apresentaram as divindades com presentes e que Gaia lhes ofereceu maçãs de ouro. Quando Hera viu, ficou admirada e ordenou que as plantassem no jardim dos deuses, que ficava junto a Atlas. Como as filhas de Atlas roubavam sempre as maçãs, designou¹⁰² como guarda a Serpente descomunal.

Tem um sinal enorme: projeta-se nele a imagem de Hércules – obviamente uma recordação do combate, que Zeus dispôs com visibilidade com a constelação.

⁹⁹ Entenda-se ‘grande dragão/serpente’.

¹⁰⁰ O carácter etiológico deste episódio liga-se à tradição mitológica relativa às ‘maçãs das Hespérides’, a um trabalho de Hércules e ao matrimónio de Zeus com Hera. O texto, todavia, não avança com a serpente e a Gigantomaquia, a inscrição da maçã, nem tampouco com o ‘julgamento de Páris’, menos ainda, com uma metamorfose de Zeus para evitar o pai, em Creta (vd. *schol. Od.* 5.272), ou com a serpente que guardava a fonte de Ares em Tebas, morta por Cadmo (Apollod. 3.4.1); ou com a serpente Píton, guardadora do oráculo de Delfos, até Apolo a matar (*b.Ap.*; Apollod. 1.4.1).

¹⁰¹ Séc. VI/V a.C. Cf. Pherecyd. *ἱερὸς γάμος/ἱερογαμία*, *Casamento Sagrado* 2, *apud schol.* A.R. 4.1396 e *FGrH* 3F16-17. Embora não admitidos enquanto fontes diretas, vd. Hes. *Th.* 333 sq.; Apollod. 2.5.2.

¹⁰² Entenda-se ‘Hera enviou’.

Constelações do Zodíaco

Possui 3 estrelas brilhantes sobre a cabeça, 12 ao longo do corpo até à cauda, próximas das outras. < 15 na totalidade> [Em separado das Ursas].

4. SOBRE ‘O DE JOELHOS’

Conta-se que esse é Hércules¹⁰³, o que se encontra com o Dragão. É visível, em virtude de mostrar-se ajoelhado a brandir a sua maçã e com a pele do leão enrolada. Diz-se que, quando foi em busca das maçãs de ouro¹⁰⁴, matou o ofídio que montava guarda. Estava ali colocado por Hera de modo a ter que lutar com Hércules. Tendo executado¹⁰⁵ o trabalho, com <tremendo> risco, Zeus, considerando-o digno de memória, posicionou a sua imagem nas estrelas. Por um lado, está a serpente, tendo a cabeça no ar; de outro, o agressor pressionando no joelho, enquanto com o outro pé pisa a cabeça; estendendo a mão direita, nela a maçã para golpear, ao passo que, na mão esquerda, a pele do leão enrolada.

Possui 1 estrela brilhante sobre a cabeça, 1 brilhante sobre o braço direito, sobre cada um dos ombros 1 brilhante, <na dobra do braço esquerdo 1, na> extremidade da mão 1, em cada flanco 1 – mais luminosa do lado esquerdo –, 2 <sobre> a coxa direita, 1 sobre a curva do joelho, 2 sobre a perna, 1 sobre o pé, 1 sobre a mão direita, que se chama Maça; sobre a pele do leão, 4. Somam 19.

¹⁰³ Este episódio confere, de certa forma, continuidade ao ciclo hercúleo (vd. trabalho 11 de Hércules: ‘maçãs de ouro das Hespérides’) iniciado no anterior, bem como ao episódio precedente. Como tal, em termos de fontes, poder-se-á ponderar acerca de uma também possível manutenção, embora o texto apenas recorde a generalista forma impessoal ‘conta-se’.

¹⁰⁴ Entenda-se ‘maçãs de ouro das Hespérides’.

¹⁰⁵ Entenda-se ‘Hércules’.

5. SOBRE A COROA

Conta-se isto a respeito da [coroa] de Ariadne: Díónisos colocou-a nas estrelas. Quando os deuses celebraram os esponsais¹⁰⁶, na chamada Dia¹⁰⁷, a ninfa, tendo[-a] antes recebido da parte das Horas e de Afrodite, coroou-se¹⁰⁸.

¹⁰⁶ [de Díónisos e Ariadne].

¹⁰⁷ Entenda-se ‘ilha de’. Vd. Dia ou Naxos, na versão R.

¹⁰⁸ Neste ponto, *Eptome* não conserva um excerto presente nos *Fragmenta Vaticana*: ὁ δὲ τὰ Κρητικὰ γεγραφῶς λέγει, ὅτι, ὅτε ἦλτε Διόνυσος πρὸς Μίνω φθειραὶ βουλόμενος αὐτήν, δῶρον αὐτῇ τοῦτον δέδωκεν· ᾧ ἠπατήθη ἡ Ἀριάδνη. Ἡφαίστου δὲ ἔργον εἶναι φασιν ἐκ χρυσοῦ πυρώδους καὶ λίθων ἰνδικῶν· ἱστορεῖται δὲ διὰ τούτου καὶ τοῦ Θησέα σωθῆναι ἐκ τοῦ λαβυρίνθου ποιούντος τοῦ στεφάνου φέγγος. Ἐν δὲ τοῖς ἄστροις ὑστερον αὐτὸν τεθῆναι, ὅτε εἰς Νάξον ἦλθον ἀμφοτέρω, σημείον τῆς αἰρέσεως· συνεδόκει δὲ καὶ τοῖς θεοῖς. “O autor de *Cretica*, diz que, quando Díónisos foi até Minos, pretendendo seduzi-la, ofereceu-lhe este presente. Com ele, Ariadne foi enganada. Porém, dizem que era obra de Hefesto, em ouro fundido e com pedras índicas. Conta-se outrossim que, devido a isso, Teseu escapou do labirinto, dado o brilho que refulgia. Depois, foi colocada entre as estrelas, quando ambos foram para Naxos, como sinal da sua escolha. E assim também aparece entre os deuses”. Ora, na realidade, trata-se de um episódio de contornos burlescos e irônicos, porquanto denota a deificação de um objeto simultaneamente símbolo de amor e de traição e ultraje. A ordem destas circunstâncias, contudo, poderá não ser a tradicional (i.e. traição de Teseu – matrimónio com Díónisos). Com o excerto dos *Fragmenta Vaticana*, Ariadne assume-se como ímpia traidora, ao trocar um relacionamento divino por um humano, utilizando o presente de um imortal crédulo e ingênuo para possibilitar a concretização do outro. Neste caso, o tradicional fio/corda, é substituído pela luminosidade de uma coroa. Por seu turno, a simbologia não se queda pela recordação elogiosa, mas assinala antes a escolha de Ariadne, que, em último caso, representa a propensão danosa da raça humana (cf., neste sentido, *Od.* 1.26-43).

Porém, dizem que era obra de Hefesto, em ouro fundido e com pedras índicas. Conta-se outrossim que, devido a isso, Teseu escapou do labirinto, dado o brilho que refulgia. Conta-se igualmente que o que se avista sobre a cauda do leão é o cacho de cabelos dela.

A Coroa possui 9 estrelas dispostas em círculo. Entre elas, são brilhantes as <3> que se encontram à frente da cabeça da Serpente, entre as Ursas.

6. DE OFIÚCO

Este encontra-se de pé em cima de Escorpião, a segurar, em ambas as mãos, [a] serpente. Conta-se que é Asclépio, que Zeus fez subir às estrelas, como agradecimento a Apolo. Ele praticava medicina com tal mestria, que até ressuscitava os mortos, entre os quais, o último foi Hipólito, filho de Teseu. Contudo, tendo os deuses suportado isto com dificuldade – se as honras deles seriam destruídas, uma vez tendo Asclépio completado esses trabalhos –, conta-se que Zeus, encolerizado¹⁰⁹, fulminou, com o raio, a casa dele¹¹⁰, mas, por deferência a Apolo, o elevou-o no firmamento.

Distingue-se perfeitamente em cima da constelação maior – refiro-me à de Escorpião, que aparece como sinal de bom augúrio.

Tem 1 estrela luminosa na cabeça, 1 brilhante sobre cada um dos ombros, 3 na mão esquerda, 4 sobre a direita, 1 em cada coxa, 1 sobre cada joelho, < na perna direita 1, sobre cada um dos pés, 1>, a brilhante sobre o direito. Todas, 17. Também 2 sobre a parte superior da cabeça da serpente ***

¹⁰⁹ De facto, este é um episódio onde se constata a justiça divina. Diferença básica entre a raça dos humanos mortais (θάνατοι/βρότοι) e a dos divinos imortais (ἀθάνατοι), na aparência similares a humanos num expoente hiperbolizado, prende-se com a extensão da vida. Ora, atentar contra um imperativo da ordem natural, comum a todos os humanos (cf. Pi. O. 1.82) implicaria cometer um ato insolente e hubrístico, ao tentar emular os deuses, ultrapassando os limites (cf. μηδὲν ἄγαν, “nada em excesso”, A. Ag. 177). Ainda assim, constata-se uma duplicidade de Zeus, ao promover a morte de Asclépio, mas, simultaneamente, divinizá-lo.

¹¹⁰ Entenda-se ‘Asclépio’.

7. DO ESCORPIÃO

Este¹¹¹, devido às grandes proporções, divide-se por duas zonas do zodíaco: as pinças encontram-se fechadas numa zona, e o corpo e aguilhão na outra. Diz-se que Ártemis o fez surgir <a partir da> colina da ilha de Quios, para picar Órion e assim morrer, porquanto ele tinha ousado violá-la numa caçada. Zeus colocou-o entre as estrelas brilhantes¹¹², para que os homens vindouros conhecessem a força e o poder dele.

Em cada pinça possui 2 estrelas, sendo as dianteiras grandes, as traseiras escuras. Sobre a frente <3 brilhantes, sendo a do meio a mais brilhante, sobre a base das costas> 3 cintilantes, no abdómen 2, na cauda 5, no aguilhão 2. De entre todas, sobressai, sendo mais cintilante, a estrela sobre a pinça orientada para norte. <Todas, 19>.

¹¹¹ O elemento ‘escorpião’ é retomado para assegurar uma suposta regra na ordenação dos episódios. De novo, o *topos* do estupro da ‘deusa virgem’, desta feita, consumado por Órion.

¹¹² Poder-se-ia, neste passo indagar se as constelações eram as figuras divinizadas ou apenas as suas imagens, já que Órion surge também no Hades noutras versões (*Od.* 11.572-5).

8. O GUARDIÃO DA URSA¹¹³

Conta-se que Arcas era filho de Calisto e Zeus e que Licáon, tendo-o feito em pedaços, o serviu à mesa¹¹⁴ consa-

¹¹³ Versão de R (*Venetus Marcius* 444, século XV): <[I]>εἰς τοῦ Βοώτου τοῦ καὶ Ἀρκτοφύλακος, “Acerca de Boötes e da Constelação”. A lição de R revela-se mais completa, na parte inicial, do que outras, como evidência D (*recensio codd.* LMOs), que apresenta, na parte final, a informação relativa às estrelas que compõem a constelação.

¹¹⁴ O motivo literário do ímpio repasto na casa de Licáon continua a matéria anunciada em #1. A necessária justiça reparadora seguir-se-ia através do raio de Zeus. Importa considerar, de igual modo, a propósito do ímpio repasto canibal, o paralelismo considerado por Farenga, V. 2006: 235-239, entre Tântalo e os hubrísticos Títio (*Od.* 7.324, 11.309 (Oríon); *Pi. P.* 4.81; *Apollod.* 1.4.1). Também um desejo incontrollável aproxima-o, por um lado, dos companheiros de Ulisses que degustaram os bois do sol, por outro, dos pretendentes que delapidavam o seu reino. Licáon manifesta o prosseguimento de uma culpa ancestral adveniente do exemplo de Tântalo. Este parte de um estado privilegiado de elevação, pois, na medida em que se trata de um descendente de Zeus, goza do convívio divino (à semelhança de outros – e.g. Ganimedes *in Pi. O.* 1.44 –, Tântalo fora agraciado pelos deuses, quicá mesmo contemplado por Posídon, em virtude da sua beleza, com o acesso à convivência divina. Vd. *Pi. O.* 1.46 *sq.*; *E. IT* 387; *Lyc.* 1.31-69; *Apollod. Epit.* 2.3; *Philostr. Im.* 1.17, 1.30; *schol. Pi. O.* 1.69) e alimenta-se à sua mesa, num ambiente pleno de alegria e espiritualização, rico de elementos sublimes, que lhe haviam assegurado a imortalidade: néctar e ambrosia (*Pi. O.* 1.54-5). Todavia, Tântalo não se contentou em privar da companhia divina e, cheio de um empolgamento meramente fictício – vaidade, inicia um percurso descendente. Esquecido das limitações do seu estatuto mortal, começa a desejar o mesmo que os deuses tinham e a emular a sua condição (deificação). Retribui, por um lado, na versão tradicional do mito, o convite para um repasto entre os Olímpicos (*Apollod. Epit.* 2.3), com o serviço do mais hediondo dos manjares terrenos: a ‘carne de seu filho’, alegadamente para testar a amplitude dos conhecimentos divinos. O banquete proporcionado por Tântalo caracteriza-se pela perversão, ao dar largas ao seu vão desejo de igualar

grada a Zeus. Quando [Zeus] derruba aquela, desde então a cidade chama-se Mesa¹¹⁵. Encolerizado com a inexperiência daquele, fulminou¹¹⁶ a casa. De seguida, recompôs Arcas, colocou-o adequadamente e elevou-o às estrelas.

as divindades, através de um ato abominável de cariz insolente, infanticida, canibal e doloso. Mais do que pretender averiguar a omnisciência divina, ao despedaçar Pélops, Tântalo retalhou (κρεουργία) desejos terrenos reprimidos, representados no seu descendente. Se, de uma forma, aguardava, com o seu ato, libertar-se da culpa que esse amor pelos desejos físicos representados pelo filho lhe trazia; de outra, esperaria transformar o prazer terreno em alegria sublime e que os deuses aderissem ao seu projeto. Mas tratava-se apenas de uma ânsia inútil, que partia de convicções de uma mente perturbada, paradigmática das vaidades e ambições humanas. Além de ser infrutífero pretender ascender ao nível dos deuses, o alimento que lhes servia fazia descer as divindades ao seu estatuto. De facto, embora perpetrado por Tântalo, o infanticídio suscitaria o horror entre os deuses, os quais, ainda que involuntariamente, estavam a tornar-se cúmplices do ato, ao degustar a vítima. Através da morte de Pélops, teoricamente, Tântalo louvaria os deuses com a realização de um sacrifício purificativo e libertar-se-ia da sua culpa pelo apego aos elementos carnis. Mas, na realidade, tudo o que oferece é a 'carne do filho', i.e., os seus desejos corporais, não a sua alma redimida e purificada. O dito sacrifício de Pélops não elevava, assim, Tântalo, porque se tratava, enquanto representação simbólica dos desejos físicos, da morte de algo natural e próprio da sua condição humana. Ademais, o desejo de tornar-se igual aos deuses não correspondia a um anseio pela elevação e sublimação, mas antes a uma subversão espiritual, uma vaidade insolente, porquanto a deificação ultrapassa os limites da condição humana. Cf. contrariamente ao mito de Tântalo, no credo judaico-cristão, não é o homem que sacrifica o filho único à divindade, mas Deus que o faz, para salvação da humanidade. Ademais, a carne torna-se espírito e o Homem deus, o que corresponde ao objetivo de Tântalo, que pretende tornar-se igual à divindade. Todavia, como Satanás, verifica-se a sua queda, i.e., a expulsão do Céu/Olimpo. Perde a alegria celestial e confina-se ao Inferno/Hades, onde se submete a tormentos. Retornando ao episódio de Licáon, este adorna a situação com a raiva que o faz ver em Arcas o fruto da invasão da propriedade que era a sua filha, retaliando, de modo algo taliónico, com a invasão do domínio divino.

¹¹⁵ Cf. τράπεζα: 'mesa'. Vd. Τραπεζώ.

¹¹⁶ Vd. justiça de Zeus e fulminação, em vários episódios (viz. #6,8). Cf. #29. Na generalidade, o raio fulminante de Zeus, enquanto

Possui 4 estrelas na mão direita, que não imergem, 1 de brilho intenso na cabeça, 1 brilhante sobre cada um dos ombros, 1 sobre cada um dos peitos – aquela sobre o da direita, cintilante, e sob essa 1 escura, e também 1 brilhante sobre o cotovelo <direito>. Acima, a meio dos joelhos, 1 mais luminosa, que se denomina Arcturo. Em cada pé 1 brilhante. <Todas elas, 14>.

instrumento de justiça e, para os humanos, também um elemento fundamental para alumiar a escuridão da noite, inibindo medos e, acima de tudo, civilizacional, porquanto proporciona, desde logo, diferenças em hábitos, usos, na alimentação, distinguindo do hábito dos restantes animais selvagens degustarem alimentos (carne, peixe, outros) crus. Cf. roubo de Prometeu.

9. DE VIRGEM

Hesíodo, em *Teogonia*, menciona a filha de Zeus e de Témis e denomina-a Dike. Arato também refere isso¹¹⁷, apresentando a história de que, antes de ser imortal, [Dike] vivia na Terra com os homens, que a chamavam Justiça¹¹⁸. Porém, como eles se perverteram e deixaram de respeitar a justiça, não ficou mais com eles e retirou-se para as montanhas. Depois, como se enfrentaram e guerrearam entre si, ela abominou-os em definitivo pelo seu desprezo da justiça e subiu aos céus¹¹⁹.

Contam-se, outrossim, diversas histórias sobre ela. Uns afirmam que era Deméter, porque possui uma espiga; outros que era Ísis; outros, Atargatis; e outros Tique¹²⁰, pelo que a representam sem cabeça.

Tem 1 estrela sem brilho sobre a cabeça, 1 <sobre> cada um dos ombros, 2 cada asa: a da asa direita, <entre>

¹¹⁷ Todavia, Arato transforma as 5 Idades hesiodíacas em 3, desde os *Saturnia regna* à Idade do Bronze, com um pendor notoriamente feminista, no sentido de influência e determinação da vida humana, desde Deméter θεσμοφόρος, ‘justiceira’ (agricultura introduzida já na Idade do Ouro, anunciando uma atividade em conformidade com a lei) a Dike. Vd. Tesmofórias – cf. Ar. *Th.*, Paus. 7.27.10; culto a Deméter-Dike na Alexandria ptolemaica. Considerem-se, outrossim, com as devidas reservas, nesta versão, mesmo em sociedades misóginas (vd. Arist. *GA* 775a. Cf. Hp. *Virg.*), uma tentativa social de paridade de géneros, de certa forma veiculada por estónicos (e.g. Zenão; Chrysipp. Stoic. *SVF* 3.253-4). Cf. Call. *Cer.* 6.17-20. E afinal Dike manteve-se junto das mulheres. Vd. Clinton 1996; Pàmias Massana 2009.

¹¹⁸ Δίκη, ‘Justiça’.

¹¹⁹ O abandono da Justiça coloca os homens, com o seu espírito agónico e de raça faltosa (cf. propensão ancestral de índole crónida e titânica. Vd. Pl. *Lg.* 701c) na 5ª Idade (do ferro) hesiodíaca (*Op.* 14 sq.).

¹²⁰ Cf. τύχη.

o ombro e a extremidade da asa, denomina-se *Protrigeter*¹²¹, 1 <sobre> cada cotovelo, sobre as extremidades de cada mão 1, a do lado favorável¹²² é brilhante e chama-se Espiga. No fundo da túnica < 6, com pouca luminosidade>, *** 1 pouco cintilante em cada pé 1. No total, 20.

¹²¹ Acerca de *Protrigeter* (Προτρουγητήρ), ‘Vindimadora’, terceira estrela mais brilhante da constelação Virgem, percecionada pelo menos desde o século V a.C.; matutina, associada ao início da época das vindimas (setembro), vd. Arat. 138; Hipparch. 2.5.5, 3.1.4; Hyg. *Astr.* 3.24. Cf., desde a Época de Augusto, *Vindemitor* (*Vindemiatrix*).

¹²² Entenda-se ‘esquerdo’.

10. DOS GÉMEOS

Conta-se que se trata dos Dióscoros. Nasceram e criaram-se na Lacónia, superando todos em amor fraternal. Com efeito, nunca disputaram entre si sobre o poder, nem por nenhum outro motivo. Zeus quis marcar a lembrança dessa comunhão maior. Denominou-os Gémeos e colocou ambos no mesmo lugar nas estrelas.

O que se encontra a seguir a Câncer tem <sobre> a cabeça <1> estrela <luminosa, sobre cada ombro 1, sobre o cotovelo direito 1, na mão direita 1, em> cada joelho 1, <sobre cada pé 1. Um total de 9>. O outro [irmão] possui 1 estrela brilhante sobre a cabeça, 1 brilhante <sobre> o ombro esquerdo, 1 em cada peito, 1 <sobre> o cotovelo esquerdo, 1 <na> extremidade da mão, 1 <sobre> o joelho esquerdo, 1 cada pé, 1 sobre o pé esquerdo, designada Antepé¹²³. <Perfazem um total de 10>.

¹²³ Πρόπους <Πρόοδος>.

11. DO CARANGUEJO

Parece que foi colocado nas estrelas através de Hera, em virtude de Hércules ter enveredado numa luta com a hidra¹²⁴. Tendo saído¹²⁵ da lagoa, sozinho, sem recurso a outros, mordeu-o no pé, conforme refere Paníasis, em *Heracleia*. Hércules; furioso, parece que o pisou com o pé. Desde então, reúne¹²⁶ uma grande fama, contando-se entre os doze signos do zodíaco.

Algumas dessas estrelas recebem o nome de Asnos¹²⁷, que Díónisos elevou às estrelas. Entre elas encontra-se a Manjedoura¹²⁸. Eis a história deles:

Dos Burros e da Manjedoura

Quando os deuses entraram em guerra com os Gigantes, conta-se que Díónisos, Hefesto e os Sátiros subiram para cima de uns asnos. Enquanto ainda não tinham sido avistados pelos Gigantes, os asnos, encontrando-se a pouca distância, começaram a zurrar. Por seu turno, os Gigantes, ao ouvirem o

¹²⁴ Cf. trabalho de Hércules, na cidade de Lerna. Vd. *Ov. Met.* 4.285-388.

¹²⁵ Entenda-se [o caranguejo].

¹²⁶ Entenda-se [o caranguejo].

¹²⁷ ὄνοι. Em termos estruturais, o episódio comporta duas partes distintas, aparentemente sem conexão: primeiramente, a constelação caranguejo, e depois os asterismos (Asno e Manjedoura), com espaço de tratamento similar ao da constelação. No tocante à diegese, verifica-se enaltecimento dos asnos, cujos zurrus ultrapassam a tradição dionisíaca. Cf. asnos na Gigantomaquia (vd. *E. Cyc.*). Vd. asno enquanto animal ridicularizado por ignorância, obstinação, conduta sexual libertina. Cf. ideologia dinástica ptolemaica.

¹²⁸ Φάτνη.

som, fugiram. Por isso, passaram a fazer parte da [constelação] Caranguejo, na zona poente.

Caranguejo comporta 2 estrelas brilhantes sobre a carapaça, que são os Asnos. Outrossim, a nebulosa, que se encontra nele, vê a Manjedoura, por parecer estar ladeada entre isso. Sobre cada uma das patas direitas, 1 pouco brilhante, 2 escuras nas esquerdas da dianteira e sobre a segunda <2>, e na terceira <1>, similarmente, <1> na extremidade da quarta, <1> sobre a boca, e no casco da direita 3, <iguais não muito grandes>, similarmente não grandes, sobre a pinça direita <2>. No total, dezoito.

12. DO LEÃO

Esta pertence às estrelas visíveis. Ao que parece, foi colocado por Zeus enquanto signo do Zodíaco, por ser líder dos quadrúpedes. Todavia, alguns referem que representa o primeiro trabalho de Hércules, como testemunho da sua memória.

Ora, procurando este obter fama, unicamente matou um [leão], sem armas, mas asfixiou com os braços. Fala acerca disto o ródio Pisandro. Desde então, tem a pele dele, como representação do estimado trabalho. Aquele¹²⁹ está em Nemeia, morto por ele.

Tem 3 estrelas na cabeça, sobre o peito <1, sob o peito> 2, no pé direito 1 brilhante, 1 ao meio <do ventre>, sob o ventre 1, na coxa 1, no joelho traseiro 1, na ponta do pé 1 brilhante, sobre o pescoço 2, sobre a coluna 3, no meio da cauda 1, na extremidade 1 brilhante, [1 sobre o ventre]. <No total, dezanove>. Distinguem-se também por cima dele, no triângulo por baixo da cauda, 7 pouco brilhantes. Chamam-se Cabeleira de Berenice, a Benfeitora¹³⁰.

¹²⁹ Entenda-se 'leão'.

¹³⁰ Πλόκαμος Βερενίκης Εὐεργέτιδος. Cf. Cónon de Samos (séc. III a.C.), Βερενίκης πλόκαμος, 'Cabeleira de Berenice' e a esposa do rei Ptolemeu Evergetes. Vd. Catul. *Carm.* 66.

13. DO AURIGA

Conta-se isto: que Zeus, vendo o primeiro mortal que emparelhou um grupo de [cavalos], o qual é Ericciónio, nascido de Hefesto e Gaia, e, tendo-se e admirado que ele imitasse Hélio¹³¹, ao conduzir cavalos brancos atrelados, <elevou-o até às estrelas>. Foi também o primeiro que organizou uma procissão até à Acrópole, em honra de Atena, conferiu notabilidade ao sacrifício ritual perante <a imagem> dela¹³².

Eurípides relata assim o nascimento dele: Hefesto, apaixonado por Atena, pretendeu relacionar-se com ela, porém esta recusou-o e, preferindo continuar virgem, refugiou-se num local da Ática, o qual dizem que, a partir daquele, se chama Hefesteio¹³³. Tendo ele¹³⁴ pensado forçá-la e atirar-se sobre ela, ela viu-se obrigada a refrear o desejo com uma lança, atirando o sémen para a terra. Daí dizem que nasceu uma criança, que apelidam, a partir disso, Ericciónio. Ao crescer, fez descobertas e foi admirado pelas suas qualidades bélicas.

Ora, celebrava, com esmero, as Panatenaicas¹³⁵, segurando, como auriga, as rédeas de uma carruagem, tendo um pequeno

¹³¹ A justiça de Zeus face à inabilidade de respeitar os limites verifica-se também nos nascidos dos imortais, com a impiedade e insolência de Ericciónio relativamente a Hélio. Todavia, o posicionamento nas estrelas parece ser sobretudo um ato profilático, de modo a prevenir eventuais revoltas. De facto, não resulta de ira, mas antes da surpresa (θανυμάσας). De facto, Ericciónio até havia demonstrado bastante reverência no tocante a Atena.

¹³² Entenda-se 'Atena'.

¹³³ Ἡφαίστειος.

¹³⁴ Entenda-se 'o deus'.

¹³⁵ Festival. O ritual celebrativo de Atena incluía sacrifícios, ofertas, jogos (a cada 4 anos, desde séc. VI a.C. ao III). Cf. anualmente, Grandes Panateneias.

escudo e um elmo de três penachos na cabeça. Daí, com a imitação, o chamado apear¹³⁶.

Nisto estão também representados a Cabra e os Cabritos. De facto, Museu refere que Zeus, nascido, foi entregue em mãos por Reia a Témis, e Témis deu o infante a Amalteia, a qual o colocou com uma cabra, que se encarregou da criação de Zeus com o leite daquela. Cabra era filha de Hélios, de tal modo temerosa, que os deuses, junto a Cronos, abominando a forma da criança, pediram <a> Gaia que a ocultasse numa caverna de Creta. Tendo ficado oculta, confia o cuidado dela a Amalteia, que se encarregou da criação de Zeus com leite daquela. Assim que a criança alcançou a idade, a ponto de lutar contra os Titãs, não tendo armas, foi-lhe vaticinado que usasse a pele da cabra, já que era invulnerável e temível, por possuir no meio das costas a cabeça da Górgona. Tendo feito essas coisas, Zeus adquiriu um poderio duplo. Escondeu os ossos da cabra com outra pele, vitalizou-a e dotou-a de imortalidade. Dizem que esta [se estabeleceu] como estrela celestial***.

Alguns referem que se chama Mírtilo o auriga de <Enó-mao>, nascido de Hermes.

Possui estrelas na cabeça, 1; e 1 sobre cada ombro, sendo brilhante a da esquerda, que se denomina Cabra, 1 sobre cada cotovelo, < na mão direita 1, na> mão esquerda 2, os chamados Cabritos. Totalizam 8.

¹³⁶ Saltar sobre os cavalos, ἀποβάτης.

14. DO TOURO

Conta-se que se fixou nas estrelas por ter levado Europa desde Fenícia até Creta¹³⁷, através do mar, conforme atesta Eurípides, em *Frixo*. Devido a isso, está entre as mais visíveis, tendo sido agraciado por Zeus. Outros afirmam que se trata de um bovino, uma réplica de Ío. Por causa dela, [a constelação] foi reverenciada por Zeus.

As chamadas Híades rodeiam com a sua figura a testa de Touro. Junto ao fundo da coluna, encontram-se as Plêiades, formadas por sete estrelas, pelo que também se chamam Heptásteras¹³⁸. Não se veem senão seis, porquanto a sétima é ténue¹³⁹.

Possui 7 estrelas a constelação Touro, que se arrastam por si mesmas, tendo a cabeça para trás. Sobre a base de cada um dos chifres 1, sendo a do lado esquerdo mais brilhante, 1 em cima de cada olho, 1 sobre a narina, 1 em cada um dos ombros.

¹³⁷ Episódio que regista um envolvimento amoroso transgressivo, porque extraconjugal e não recíproco, envolvendo a metamorfose teriomórfica da divindade (Zeus) imbuída de um desejo erótico (*eros* vulgar, violento e arrebatador princípio divino alegórico que se estende a todos, humanos ou divinos – Pl. *Smp.* 186b), e a abdução da jovem Europa.

¹³⁸ ἐπτάστερος.

¹³⁹ *Fragmenta Vaticana*: Τοῦ δὲ Ταύρου τὸ μὲν μέτωπον αἱ Ἰάδες καλούμεναι περιέχουσιν, ἅς φησι Φερεκύδης Ἀθηναῖος τιθηνοὺς εἶναι τοῦ Διονύσου, αἵτινες Δωδωνίδες νύμφαι ἐκαλοῦντο... “Circundam a frente do Touro as estrelas chamadas Híades. O ateniense Ferécides refere que eram amas de Díonisos, as quais eram chamadas ninfas Dodónidas.” Cf. Eratóstenes *Cataterismos* e política propagandística de Alexandre Magno.

Constelações do Zodíaco

Estas chamam-se Híades. Também sobre o joelho esquerdo, na zona dianteira 1, em <cada> casco 1, sobre o joelho direito 1, no pescoço 2, na coluna 3, sendo a extremidade luminosa, 1 debaixo do ventre, 1 brilhante no peito. Perfazem 18.

15. DE CEFEU

Ocupa o quarto lugar na ordem [das constelações]. O Círculo Ártico ocupa desde os pés até ao seu peito; o restante pende para o meio do Ártico e do trópico do solstício¹⁴⁰. Conforme afirma Eurípides, foi rei dos Etíopes e pai de Andrómeda. Parece que expôs a um monstro marinho com voracidade a sua filha, a qual preservou Perseu, filho de Zeus. Graças a ela¹⁴¹, foi colocado nas estrelas, por decisão de Atena.

Possui 2 estrelas brilhantes sobre a cabeça, 1 em cada um dos ombros, 1 <sobre> cada mão, cada cotovelo 1 <pouco brilhante, na> cintura 3 oblíquas [pouco brilhantes], cintilante <sobre> o meio do abdómen¹⁴², 1 <sobre> o flanco direito, 2 <no> joelho <esquerdo>, <4 sobre o pé, na> extremidade do pé 1. <Todas elas, 19>.

¹⁴⁰ ‘de verão’.

¹⁴¹ Em termos gerais, trata-se de um episódio de nobilitação feminina. Com efeito, pese embora o comportamento de Cefeu, Andrómeda responde, não com ressentimento ou raiva, mas solicitando a Atena a elevação do pai, nas estrelas.

¹⁴² Falta numeração de estrelas neste segmento textual: <ἐπι> κοιλίας μέσες λαμπρούς.

16. SOBRE CASSIOPEIA

O tragediógrafo¹⁴³ Sófocles conta, em *Andrómeda*, que tendo [Cassiopeia] rivalizado com as Nereidas a propósito da beleza, entrou em desgraça, e que Posídon fez surgir um monstro marinho que devastava a terra. Devido a ¹⁴⁴ela, a filha¹⁴⁵ é exposta ao monstro marinho. [Cassiopeia] Aparece representada perto, sentada sobre um banco.

Possui 1 estrela brilhante sobre a cabeça, < 1 brilhante sobre cada ombro, 1 no peito direito, sobre o cotovelo direito < 1, na mão direita > 1 cintilante, sobre a mão <esquerda 1 brilhante, no umbigo > 1, [<sobre o> joelho 1, <na> extremidade do pé 1, <sobre o> peito 1 ténue], sobre a coxa esquerda 2 brilhantes, 1 brilhante no joelho, <sobre> cada ângulo do assento 1. <Todas 15>.

¹⁴³ No original, ποιητής, 'poeta'.

¹⁴⁴ Cinquenta Ninfas filhas de Nereu.

¹⁴⁵ *Andrómeda*. Este episódio situa-se na continuidade mitológica do anterior, proporcionando mais informação. Nenhum dos cenários aborda *Andrómeda* como figura principal. Esta, contudo, emerge como vítima dos pais, reconhecida pelos deuses. A culpa fica por fim desvendada, ao constatar-se o monstro marinho como castigo, face à impiedosa arrogância de Cassiopeia.

17. SOBRE ANDRÓMEDA

Ela¹⁴⁶ consta nas estrelas graças a Atena, como lembrança dos feitos de Perseu, estendendo as mãos, como foi exposta ao monstro marinho. Uma vez salva por Perseu, não aceitou manter-se junto com o pai, nem com a mãe, mas escolheu ir para Argos com aquele¹⁴⁷, como sinal de prudência. E Eurípidas refere claramente, no drama que escreveu sobre ela.

Possui 1 estrela luminosa na sua cabeça, em cada ombro 1, [<sobre> o pé direito 2, <sobre> o esquerdo 1], no cotovelo direito 1, na extremidade da mão 1 brilhante, sobre o cotovelo esquerdo [1, sobre o direito] 1 brilhante; < 1 no braço, 1 na mão>, 3 na cintura, 4 acima da cintura, 1 brilhante em cada joelho, 2 no pé direito, 1 no esquerdo. <No total, vinte>.

¹⁴⁶ Cf. fenício Adamath. Completa-se um ciclo de três episódios. Desta feita, Andrómeda é figura central, apresentada como vítima, conforme a imagem estelar preserva. Não é exposta a culpa parental, mas antes veiculado um fim romanceado de uma vítima salva por um herói e com capacidade de escolha. Mesmo nesta circunstância, destaca-se o carácter racional e prudente da jovem, sem indicação de desejo libidinoso. Três figuras da mesma família nos céus, por motivos distintos.

¹⁴⁷ Perseu.

18. DO CAVALO

Dele¹⁴⁸ surgem apenas as partes dianteiras até ao umbigo. Arato conta que fez com o casco a fonte de Hélicon, que a partir disso se chama Fonte do Cavalo¹⁴⁹. Outros, porém, afirmam que se trata de Pégaso, que subiu às estrelas após a queda de Belerofonte¹⁵⁰. Parece-lhes um facto inacreditável, porque não possui asas. Eurípides, todavia, expõe, em *Melanipa*, que se trata de Hipe¹⁵¹, filha de Quíron¹⁵², que, ludibriada, foi seduzida por Éolo, e, porque o tamanho do ventre aumentava, fugiu para o monte, onde permaneceu até às dores de parto. O seu pai colocou-se no seu encalço e, prestes a ser encontrada, pediu para ser metamorfoseada para que não a reconhecessem, pelo que ficou transformada num cavalo. Como reverência pela súplica dela e do pai, foi colocada por Ártemis nas estrelas, onde não era vista pelo Centauro. Na realidade, conta-se que aquele é Quíron. Apenas a parte debaixo dela permanece invisível, para que não se saiba que é fêmea.

Tem 2 estrelas ténues no focinho, 1 sobre a cabeça, 1 sobre o maxilar, 1 escura em cada orelha, 4 no pescoço – estando a de maior brilho junto da cabeça –, 1 no ombro, 1 <no> peito, 1 nas costas, 1 brilhante na extremidade do umbigo, 2 nos joelhos dianteiros, 1 em cada casco. <Todas, 18>.

¹⁴⁸ Pégaso.

¹⁴⁹ Ἴππου κρήνη.

¹⁵⁰ Seu cavaleiro.

¹⁵¹ Ἴππη, “Égua”.

¹⁵² Centauro.

19. DO CARNEIRO

Foi este¹⁵³ que transportou Frixo e Hele. Tratava-se de um imortal, que lhes foi oferecido pela sua mãe Néfele. Segundo relatam Hesíodo e Ferécides, tinha pele de ouro. Ao transportá-los, lançou-a¹⁵⁴ [e perdeu o chifre] sobre a zona mais estreita do mar, denominado, a partir dela, Helesponto – Posídon salvou Hele e, tendo-se relacionado, nasceu dela uma criança chamada Péon – e [levou] Frixo a salvo até ao Ponto Euxino, a casa de Eetes; e a quem, tendo retirado, ofertou o velo de ouro. Ele¹⁵⁵ partiu então para as estrelas, de onde surge com brilho ténue.

Tem 1 estrela sobre a cabeça, 3 no focinho, 2 no pescoço, 1 brilhante <na> extremidade da pata dianteira, 4 <na> coluna, 1 <na> cauda, 3 sob o abdómen, 1 no quadril, 1 na extremidade da pata traseira. No total, 17.

¹⁵³ Carneiro.

¹⁵⁴ Hele.

¹⁵⁵ Entenda-se ‘o carneiro’.

20. DO TRIÂNGULO

Encontra-se isto situado em cima da cabeça de Carneiro¹⁵⁶. Conta-se que por aquele ser mais escuro, Hermes, que fez a ordenação das estrelas, colocou situada sobre isso a letra inicial do nome Zeus¹⁵⁷.

Não obstante, alguns julgam a figura do Egito, a partir do Δ que está nas estrelas, e que o Nilo fez a região com essa forma, e que simultaneamente traz estabilidade com ela, para produzir uma sementeira fácil e obter uma colheita de frutos favorável em cada ano.

Possui 3 estrelas, 1 em cada um dos vértices, as 3 brilhantes.

¹⁵⁶ Áries. O episódio anterior serve de motivo para dispor este episódio no corrente local.

¹⁵⁷ Cf. ἀπὸ Διός.

21. DOS PEIXES

Estes são os descendentes do grande Peixe, acerca de quem daremos um tratamento mais distinto quando chegarmos a ele. Ora, cada um destes dois peixes encontra-se numa zona diferente¹⁵⁸. Com efeito, um chamado boreal e o outro austral, ainda que tenham união na pata dianteira de Carneiro.

Possuem, o boreal, por um lado, 12 estrelas; [e junto à linha, 12]; o austral, por outro, 15. A linha que os une tem 3 estrelas no boreal, 3 no austral, 3 no levante, 3 na união. Perfazem um total de 12. Todas as estrelas dos dois Peixes e da união, 39.

¹⁵⁸ Entenda-se ‘diferente da eclíptica’.

22. SOBRE PERSEU

Conta-se acerca dele¹⁵⁹ que figura nas estrelas pela fama. Com efeito, Zeus concebeu-o ao unir-se com Danae, enquanto ouro¹⁶⁰. Foi enviado por Polideuctes contra as Górgonas e tomou o capacete de Hermes e as sandálias, nos quais fez a viagem pelo ar. E julga-se que recebeu de Hefesto uma foice de aço indestrutível. Ésquilo refere, em *Fórcides*, uma das tragédias, que as Górgonas tinham a proteção das Graças¹⁶¹ como guardas. Elas possuíam um olho e passavam-no entre si em conformidade com a guarda¹⁶². Ora Perseu, tendo aproveitado o instante em que mudaram a guarda, arrebatando, atirou-o ao lago Tritónida e assim foi até às sonolentas Górgonas e cortou a cabeça da Medusa. Atena colocou-a em redor do peito, e posicionou Perseu nas estrelas, onde se vê, possuindo a cabeça da Górgona.

Tem [sobre a cabeça 1] estrela, em cima de cada ombro 1 brilhante, na extremidade da mão direita 1 luminosa, 1 <no> cotovelo, 1 <na> ponta da mão esquerda, na qual parece sustentar a cabeça da Górgona, <1 sobre a cabeça da Górgona, 1 sobre o ventre, 1 cintilante no quadril direito, sobre> a coxa direita 1 luminosa, <sobre> o joelho 1, 1 <na> tíbia, <1 ténue sobre o pé, na coxa esquerda 1, sobre o joelho 1, 2 sobre a tíbia>, 3 em redor da cabeleira da Górgona. <No total 19>. A cabeça [8], e a foice [possui 5], vê-se sem estrelas, mas devido ao conjunto nebuloso, parece que se veem.

¹⁵⁹ Perseu.

¹⁶⁰ Entenda-se 'chuva de ouro'.

¹⁶¹ Três.

¹⁶² Entenda-se 'turno de guarda'.

23. DE PLÊIADE

Na parte do Touro chamada corte encontra-se a Plêiade. Reunida com 7 estrelas, dizem que são as filhas de Atlas e, por isso, designam-se 'heptaestrelas'. Todavia, as setes não são visíveis, apenas seis. Dá-se a seguinte explicação a respeito disso: diz-se que seis se uniram com deuses, e uma a um mortal. Três uniram-se a Zeus (Eletra, da qual Dárdano; Maia, da qual Hermes, Taígete, da qual Lacedemónio). Duas uniram-se a Posídon (Alcíone, da qual Hiereu, Celeno, da qual Lico). Diz-se que Estérope, de quem nasceu Enómao, se uniu a Ares. E Mérope, ao mortal Sísifo, motivo pelo qual é toda invisível.

Entre os homens, têm grande fama, pois indicam a chegada do verão. A sua disposição no firmamento é muito boa, conformando um triângulo, mediante Hiparco.

24. DA LIRA

Esta¹⁶³ ocupa o nono lugar nas estrelas, e é das Musas. Isto foi primeiramente fabricado por Hermes, a partir da carapaça de uma tartaruga e [dos cornos] das vacas de Apolo. Tinha sete cordas, pelas Atlântides¹⁶⁴. Apolo transformou-a e, tendo adaptado à música, ofereceu a Orfeu¹⁶⁵, filho de Calíope, uma das Musas, que fez nove cordas, pelo número das Musas e avançou a lira para o seu todo, sendo honrado entre os homens, ao ponto de se suspeitar que ela tinha em redor dele <árvores>, pedras e feras, que encantava com a música. Ele¹⁶⁶ não honrava Diόνισος e considerava que Hélio era o maior dos deuses, o qual também se tratava por Apolo. E tendo ficado acordado de noite, ao amanhecer, subiu o monte apelidado Pangeu, aguardou o levante, para ver primeiramente Hélio¹⁶⁷. Eis quando

¹⁶³ Episódio de mitologia órfica. A versão R em Olivieri é mais extensa, com ligação entre o carácter ctónico de Diόνισος e a experiência infernal de Orfeu. Cf. apostasia de Orfeu. Vd. Ésquilo, *Bacantes*. *Fragmenta Vaticana*: διὰ δὲ τὴν γυναῖκα εἰς Ἄιδου καταβὰς καὶ ἰδὼν τὰ ἐκεῖ οἷα ἦν, τὸν μὲν Διόνυσον οὐκέτι ἐτίμα, ὑφ' οὗ ἦν δεδοξασμένος, τὸν δὲ Ἥλιον μέγιστον τῶν θεῶν ἐνόμισεν, ὃν καὶ Ἀπόλλωνα προσηγόρευσεν. “Tendo descido ao Hades por amor pela mulher e tendo visto como estavam as coisas no mundo dos mortos, deixou de venerar Diόνισος, do qual havia recebido grande glória, mas considera Hélio, também chamado Apolo, o maior entre os deuses.” Em suma insolência e impiedade de Orfeu. Sobre o culto de Diόνισος e de Orfeu, Vd. Bernabé *et al.* 2013.

¹⁶⁴ Filhas de Atlas.

¹⁶⁵ No Ms. *Vat. Gr.* 1087 constata-se, face a *Epitome*, a omissão de dionísio (Diόνισος) ctónico e a apresentação de um Orfeu apóstata.

¹⁶⁶ Orfeu.

¹⁶⁷ Cf. heliolatria, adoração e culto do sol, Paus. 2.1.6, em Corinto. Vd. S. fr. 752 Radt, no tocante à heliolatria entre os sábios

Diónisos¹⁶⁸, irritado, lhe enviou as Bacantes, conforme refere Ésquilo, poeta tragediógrafo. Algumas despedaçaram-no e atiraram separadamente cada um dos membros. Depois, as Musas recolheram e sepultaram no chamado Libetros¹⁶⁹. Não tendo a quem dar a lira, julgaram digno que Zeus as colocasse entre as estrelas, de modo que, permanecendo nas estrelas, houvesse lembrança daquele e delas. Tendo acedido, foi assim disposto. Possui a marca do que sucedeu àquele, ocultando-se segundo a estação.

Tem 1 estrela sobre cada um dos cornos¹⁷⁰, similarmente 1 em cada uma das extremidades do antebraço, 1 sobre cada um dos ombros, 1 sobre a união, 1 no fundo, branca e cintilante. Todas, 8.

(οἱ σοφοί). Versão arcaica (pré-socrática), que compreende Apolo e Hélios enquanto figuras distintas vd. Cleantes *SVF* 1.542). Heraclit. *All.* 6.6, racionalizando, refere Apolo como ἥλιος, adorado sob dois nomes (cf. Parménides *FVS* 28A20; Empédocles *FVS* 31A23). Cf. sincretismo Fanes-Hélios; Fanes-Mitras (*OF* 678). No mesmo sentido, vd. *OF* 538-45, *Hymn. Orph.* 5; *OF* 60 I (D.S. 1.11.2); Orfeu a adorar Apolo-sol, A. Bassarai, *OF* 536; inscrição (c. 300 a.C.) em vaso ático do séc. V a.C., fr. 537 Bernabé. Cf. alegoria em Papiro Derveni col.23.9, 14.3.

¹⁶⁸ Cf. Diónisos num confronto triádico com Apolo e Orfeu. Vd. visão ctónica e escatológica de Diónisos em época alexandrina.

¹⁶⁹ Cf. cidade perto do Monte Olimpo.

¹⁷⁰ Da lira.

25. DO CISNE

Este é chamado grande, o qual representa um cisne. Diz-se que Zeus se assemelhou a este animal quando se apaixonou por Némesis¹⁷¹, já que ela tinha mudado toda a forma, para guardar a donzelice, e ficou um cisne. Assim, similar àquele pássaro, ele¹⁷² voou até Ramnunte¹⁷³ da Ática, onde seduziu Némesis. Ela pôs um ovo, do qual eclodiu Helena, segundo denota o poeta Cratino. E porque ele¹⁷⁴ não se metamorfoseou, mas voou assim para o céu, colocou a marca do cisne nas estrelas. Está a voar, como então aconteceu.

Possui 1 estrela brilhante na cabeça, 1 brilhante no pescoço, 5 na asa direita, <5 na esquerda>, 1 sobre o corpo, 1 na cauda, que é a maior. No total, 14.

¹⁷¹ A tradição reconhece Leda (cf. E. *Hel.* 16 sq.) ou Némesis, que alterava a sua forma para fugir às investidas amorosas de Zeus. Versões mais recuadas, como *Cypria* fr. 10 PEG, recorda a forma de ganso. Ao invés, Eratóstenes opta por cisne.

¹⁷² Zeus.

¹⁷³ Costa este africana.

¹⁷⁴ Zeus.

26. DO AQUÁRIO

Julga-se que este se apelida pelo trabalho de Aquário¹⁷⁵. Com efeito, encontra-se de pé, segurando um recipiente e faz derramar grande quantidade de água. Outros afirmam tratar-se de Ganimedes¹⁷⁶, entendendo que é o sinal adequado a assumir a figura da imagem, deste modo, como se derramasse o recipiente. É trazido testemunho poético, através do que dizem como aquele foi abduzido¹⁷⁷, tendo sido levado para junto de Zeus pela beleza, para que servisse vinho. E por isso teve a imortalidade que era desconhecida para os homens. O derramado assemelha-se a néctar, e é bebido pelos deuses, isto é para prova da referida bebida dos deuses considerados.

Tem 2 estrelas ténues sobre a cabeça, 1 sobre cada um dos ombros, ambas de grande tamanho, 1 em cada cotovelo, 1 cintilante na extremidade da mão direita, 1 em cada peito, sob

¹⁷⁵ No original, ὕδροχόος, ‘o que verte água’.

¹⁷⁶ Paráfrase de *Il.* 20.231-5. Cf. além de Ganimedes, também Deucalião e Cérops se associam a esta reputação considerada aquosa, em virtude do solstício de inverno. O rapto de Ganimedes denota um padrão comportamental também seguido na esfera divina em essência uma aproximação pederástica similar a um ritual de iniciação, marcando o término de uma fase da vida, num determinado contexto familiar, sendo por isso, em termos materiais, necessário o afastamento espacial do neófito (ἐρόμενος), a compensação pela subtração (e.g. *schol.* E. *Tr.* 822) e a sua orientação por um tutor mais experiente (ἐράστης). O convívio divino assegura a imortalidade, desde logo por via do plano alimentar com base em néctar e ambrosia. Vd. culto órfico e o vegetarianismo.

¹⁷⁷ Vd. Zeus, Tântalo, Minos.

Constelações do Zodíaco

cada peito 1, 1 <na> anca esquerda, cada joelho 1,<na> perna direita 1, em cada pé 1. <Todas, 17>. O derrame de água conta com 31 estrelas, tendo 2 estrelas que são brilhantes.

27. DO CAPRICÓRNIO

Este é similar quanto à forma ao Cabra-Pan. Descende dele. Tem a parte inferior de fera e chifres na cabeça. Foi venerado por ter sido criado com Zeus, segundo dizem as histórias *Créticas* de Epiménides, porque esteve com ele no Ida, quando lutou contra os Titás. Este parece que encontrou a concha quando venceu os aliados graças ao som do seu eco chamado pânico, diante do qual fugiram os Titás. Recuperando <Zeus> o poder, colocou-o nas estrelas, assim como à sua mãe cabra. Porque também <encontrou> a concha no mar, mantém cauda de peixe.

Tem 1 estrela em cada chifre, <1 brilhante na narina>, 2 sobre a cabeça, 1 sob o pescoço, 2 <nos> peitos, 1 <na> pata dianteira, <1 sobre a extremidade da pata, nas> costas 7, 5 no abdómen, 2 brilhantes na cauda. Todas, 24.

28. DO SAGITÁRIO

Trata-se de Sagitário, que muitos dizem ser Centauro, embora outros não afirmem, em virtude de não verem que tenha quatro patas, a menos que se encontre erguido de pé e a disparar o arco. Nenhum centauro usou o arco. Sendo ele homem, tem patas de cavalo e cauda como os Sátiros. Daí que fosse julgado improvável que pertencesse àqueles, mas fosse antes Croto, filho de Eufeme, ama das Musas, o qual habitava e vivia no Hélicon. As Musas fizeram-no ter o arco para encontrar o alimento a partir das criaturas selvagens, conforme refere Sosíteu. Misturava-se com as Musas e, ouvindo-as, aclamando-as, aplaude-as, fazendo barulho. De facto, isso era um som indistinto, marcado por um aplauso. Quando viram isto, os outros continuaram-no. Então, as Musas, encontrando a graciosidade da opinião, pretenderam que, por isso Zeus, considerando digno, o fizesse aparecer, sendo glorificado, e assim, foi colocado nas estrelas, usando o bater das mãos e brandindo como sinal o arco. O gesto daquele permaneceu assim entre os homens. Também a sua embarcação é testemunha, para não ser o único distinto com aqueles em terra, mas também com aqueles no pélagos. Deste modo, os que afirmam que ele é um Centauro¹⁷⁸, enganam-se.

¹⁷⁸ Para a racionalização do mito dos Centauros (Hipocentauros), criaturas híbridas impossíveis (cf. Lucr. 5.878-91) enquanto cavaleiros, vd. D.S. 4.70.1, contemplando a versão que dá conta dos Centauros criados por Ninfas no Monte Pélion e progenitores dos Hipocentauros, criaturas metade homens, metade equinas (ἀνδρωθέντας δὲ καὶ μιγέντας ἵπποις), na sequência do relacionamento com éguas. Outra tradição concerne aos (Hipo)Centauros, filhos de Ixíon e Néfele.

Possui 2 estrelas na cabeça, 2 no arco, 2 na flecha, 1 sobre o cotovelo direito, 1 <na> extremidade da mão, 1 brilhante no abdómen, 2 <sobre> as costas, 1 <sobre> a cauda, 1 no joelho dianteiro, 1 no casco, <1 no joelho traseiro>. Todas, 15. Restam 7 estrelas debaixo da perna. As das traseiras são similares, porém não brilham completamente.

Heraclit. *Incred.* 5; Xenoph. *Cyropaedia* 4.3.19-20, denotando a dificuldade de os Centauros poderem usufruir de muitas benesses criadas para os homens (ἄγαθῶν); Plín. *HN* 7.202 (7.81). Cf. Palaeph. 1.

29. DA FLECHA

Esta é a arma relativa ao arco que dizem ser de Apolo, com a qual matou os Ciclopes que tinham fabricado o raio de Zeus, por causa de Asclépio. Então escondeu¹⁷⁹ isso nos Hiperbóreos, onde se encontra um templo de penas. Diz-se que levou primeiro, quando Zeus o absolveu do assassinato e realizou serviços junto de Admeto. Acerca disso trata Eurípides, em *Alceste*. Parece que, então, a flecha ascendeu aos céus, transportando frutos de Deméter através do ar. Era uma flecha descomunal, segundo Heraclides Pôntico afirma, em *Sobre a Justiça*. Desde então, Apolo colocou a arma entre as estrelas, para recordação do seu combate.

Tem 1 estrela na ponta, 1 ténue no meio, 2 na pena, uma das quais é muito nítida. Somam 4.

¹⁷⁹ Entenda-se 'o deus Apolo'.

30. DA ÁGUIA

Esta é a que arrebatou Ganimedes para o céu, para Zeus, de modo a servir de escansão. Encontra-se nas estrelas, desde que correspondeu por sorte a Zeus¹⁸⁰ quando os deuses repararam as criaturas aladas. Por isso, primeiramente, quando os deuses dividiram as aves, Zeus ficou com isso. O único dos animais que pode voar contra o sol, sem se arredar dos raios. Possui, ademais, hegemonia sobre todas. Representa-se com as asas abertas em pleno voo, como se planasse. Afirma Aglaóstenes, em *Naxica*, que, quando Zeus nasceu em Creta, escondido do potente¹⁸¹, escondeu-se duplamente: Foi escondido aí¹⁸² e conduzido a Naxos, e que foi então que, depois de alcançar o vigor da juventude, afirmou o poder sobre os deuses. Quando empreendeu a expedição desde Naxos contra os Titás, apareceu-lhe uma águia no momento do sacrifício, e que a interpretou como bom augúrio e qui-la consagrar a si próprio. Por causa disso, considerou-a digna de figurar no céu.

Possui 4 estrelas, das quais a que se encontra ao centro é brilhante.

¹⁸⁰ Cf. *Il.* 20.231 sq.

¹⁸¹ Entenda-se 'seu pai, Cronos'.

¹⁸² Entenda-se 'na ilha'.

31. DO GOLFINHO

Conta-se que está nas estrelas por esta razão: tendo Posídon querido tomar Afrodite por esposa, aquela, tendo temido, fugiu até Atlas, tendo procurado preservar a sua donzelice. E quando muitas Nereides ocultavam aquela que se escondeu, Posídon enviou muitos procuradores, entre os quais um golfinho. Errando pelas ilhas de Atlas, encontrou-a, anuncia e leva a Posídon. Este desposou-a e apresentou-lhe grande reverência no mar, tendo dito que é sagrado e posicionou o seu todo nas estrelas. Aqueles que desejam com ele agradar a Posídon, fazem-no tendo o golfinho na mão, adscrevendo-lhe grande fama, pelo bom feito. Também fala acerca dele Artemidoro, nos livros *Elegias Amorasas*, compostas para ele.

Possui 1 estrela na boca, 2 na barbatana, 3 nas alas ventrais, 1 <no> dorso, 2 <na> cauda. No total, 9. Conta-se, igualmente, que é um animal amigo das Musas, a partir das quais tem o número de estrelas.

32. DE ÓRION

Hesíodo relata que este¹⁸³ é filho de Euríale, filha de Minos e de Posídon, que gozava do dom de caminhar sobre as ondas de igual forma que sobre o solo. Tendo ele ido para Quios¹⁸⁴, embriagado, violou Mérope, filha de Enópio. Enópio constatou isso e, sofrendo penosamente a insolência, encegueceu-o e expulsou-o do reino. Indo desterrado para Lemnos, uniu-se a Hefesto, que, tendo-se apiedado dele, designou como guia o seu próprio escravo, Cedálion [e conduziu-o]. Carregando-o aos ombros, levou[-o], indicando os caminhos. Dirigiu-se para oriente e esteve com Hélio, que, ao aparecer, restabeleceu a saúde e, sem demora, retornou a Enópio para vingar-se dele. Porém, foi escondido pelos cidadãos debaixo do solo. Sem esperança de conseguir encontrá-lo, seguiu para Creta e dedicava-se a ir à caça com Ártemis e Leto. Parece que ameaçou que mataria toda a fera que existisse na terra. Furiosa, a Terra enviou-lhe um escorpião gigantesco, que, tendo-o picado com o aguilhão, o matou. Por isso, Zeus colocou esse homem nas estrelas, julgando-o digno, por Ártemis e Leto, e de igual modo a fera¹⁸⁵, como lembrança do seu feito.

Outros contam que quando ele¹⁸⁶ estava na sua plenitude apaixonou-se por Ártemis e foi esta que fez surgir o escorpião contra ele e que, ao ser atacado, morreu. Compadecidos dele,

¹⁸³ Cf. Órion e o mitraísmo. Vd. Speidel 1980.

¹⁸⁴ Ilha.

¹⁸⁵ Escorpião.

¹⁸⁶ Órion.

os deuses elevaram-no e à fera, no céu, para recordação do sucedido.

Enverga 3 estrelas ténues na cabeça, 1 brilhante sobre cada ombro, 1 <ténue> no cotovelo direito, 1 <igualmente ténue> na extremidade da mão, [2 ténues], 3 na cintura, 3 brilhantes na punho, 1 brilhante em cada joelho, 1 igualmente brilhante em cada pé. Todas, 17.

33. DO CÃO

Conta-se, acerca desse cão, que é o guardião consignado a Europa, com uma lança. Minos tomou ambas as coisas e depois de curado da enfermidade por Prócris, ofertou-lhos. Após um tempo, Céfalo apossou-se de ambos, ao ser esposo de Prócris. Ele foi para Tebas, rumo à raposa amaldiçoada, sobre a qual existia um vaticínio de que ninguém a matava. Não sabendo o que fazer, Zeus petrificou-a e levou o cão, mercedor, para as estrelas.

Outros dizem que ele é o cão de Órion, que o acompanhava ao estar com as feras. E segundo parece, o animal afasta as feras, ao caçar com todos. Ele subiu às estrelas depois da ascensão de Órion, isto muito razoável, uma vez que nunca deixava de estar com Órion.

Tem 1 estrela sobre a cabeça [ou língua], <que se apelida de Ísis>, que chamam Sírio. É grande e brilhante. Os astrónogos denominam essas estrelas de Sírios, por se moverem através da chama. <Na língua, 1 brilhante, que se chama Cão, no pescoço 2, 1 de pouco brilho em cada ombro, 2 <no> peito, 3 sobre a pata dianteira, <3 no dorso, no> ventre 2, 1 na coxa esquerda, 1 na ponta de uma pata, 1 sobre a pata direita, 1 na cauda. Todas, 20.

34. DA LEBRE

Esta encontra-se na designada caça. Parece que Hermes a posicionou no firmamento, pois parece o único quadrúpede que concebe um grande número de crias, algumas das quais pare e outras retém no ventre, conforme denota o filósofo Aristóteles, em *Acerca dos Animais*.

Tem 1 estrela sobre cada uma das orelhas, 3 no corpo, sendo brilhante a que se encontra sobre o dorso, 1 em cada pata traseira. Todas, 7.

35. DE ARGO

Esta está colocada nas estrelas através de Atena. De facto, esta foi a primeira embarcação que se construiu [e desde cedo foi posicionada]. Era dotada de voz e foi a primeira a sulcar o mar impenetrável, para servir de padrão muito distinto para as gerações futuras. Porém, nas estrelas, não aparece a figura da embarcação completa, mas apenas do leme ao mastro com os remos. Assim, os marinheiros sentem-se confortados no seu labor e a fama dela permanece imarcescível entre os deuses.

Tem 4 estrelas na popa, sobre um remo 5, e <no> outro 4, 3 <na> extremidade da popa, 5 <sobre> a ponte, 6 debaixo da quilha, muito juntas entre si. No total, 27.

36. DE CETO

Este é o que Posídon enviou contra Cefeu, porque Cassiopeia tinha competido em beleza com as Nereides. Destruiu Perseu, mas foi colocado no firmamento como recordação do sucedido. Isto relata o trágico Sófocles, em *Andrómeda*.

Comporta 2 estrelas brilhantes na cauda, desde a cauda até à saliência do flanco 5, sob o ventre 6. No total 13.

37. DO RIO

Este¹⁸⁷ tem início a partir do pé esquerdo de Órion. Designa-se, segundo Arato, Erídano, ainda que não apresente explicação nenhuma a respeito dele. Outros, por seu turno, sustêm como mais verosímil tratar-se de Nilo, com efeito o único que tem fontes a partir do sul.

Está situado entre um grande número de estrelas. Debaixo dele encontra-se a estrela denominada *Canopus*, próxima dos remos de Argo¹⁸⁸. Mais abaixo desta estrela não se distingue nenhuma outra, pelo que se chama também Perigeu.

Possui [na cabeça 1] estrela, 3 na primeira curvatura, 3 na segunda, desde a terceira até à extremidade 7, que dizem serem as saídas do Nilo. 13, no total.

¹⁸⁷ Erídano.

¹⁸⁸ Embarcação. Cf. Jasão e nau Argo.

38. DO PEIXE

Este é o chamado grande Peixe¹⁸⁹, o qual dizem que se estende até ao jorro de água de Aquário. Acerca dele conta-se, como diz Ctésias, que no princípio existia uma lagoa perto de Bâmbice. De noite, Dérceto¹⁹⁰, que os habitantes da região designaram de deusa Síria, caiu, tendo-a ele salvado. Conta-se igualmente que os dois Peixes são netos dele. Todos eles [através daquela filha de Afrodite]¹⁹¹ foram reverenciados e colocados nas estrelas.

Possui 12 estrelas, 3 das quais, que se encontram no foci-nho, são brilhantes.

¹⁸⁹ Austral.

¹⁹⁰ Filha de Afrodite. Cf. *Fragmenta Vaticana*. A versão R transcrita por Olivieri faz aquela região colonizada com peixes de ouro e prata.

¹⁹¹ Olivieri apresenta as lições R e D, similares em muitos aspetos, ainda que com ligeiras discrepâncias, como ilustra este segmento de R.

39. DO ALTAR

É aquele sobre o qual os deuses firmaram o juramento, quando Zeus lutou contra Cronos. Atingido o objetivo, elevaram-no no céu, para lembrança. E os homens levaram-no para os simpósios, realizaram sacrifícios como garantia das alianças com outros, juramentos, e sobre ele erguem a mão direita e tomam-no como testemunho da sua boa vontade.

Possui 2 estrelas sobre o braseiro, 2 na base. Perfazem um total de 4.

40. DO CENTAURO

Este parece ser Quíron, que habitou no Pélion¹⁹². Superava todos os homens em justiça e foi preceptor de Asclépio e de Aquiles. Ao que se crê, também Hércules travou amizade com ele¹⁹³, com quem conviveu na sua gruta, a honrar Pá. Foi o único centauro que não matou, mas ouvia-o, conforme refere Antístenes, o socrático, em *Hércules*. Conviveram durante muito tempo. Tendo caído uma flecha dele, cravou-se no pé de Quíron, e assim matou-o. Zeus colocou-o nas estrelas, como prémio pela piedade e pelo ocorrido. Perto de Altar, tem, nas mãos, Terion¹⁹⁴, que Quíron parece estar a levar como sacrifício.

Possui 3 estrelas ténues por cima da cabeça, 1 cintilante por cima de cada ombro, 1 <sobre> o cotovelo esquerdo, 1 <na> extremidade da mão, 1 no meio do peito equino, 1 em cada um dos cascos dianteiros, 4 <nas> costas, 2 brilhantes <sobre> o ventre, 3 <na> cauda, 1 brilhante na coxa de equino, 1 em cada um dos joelhos traseiros, 1 em cada casco traseiro. Todas, 24. Como referido, tem, nas mãos, Terion, cuja forma é de um quadrilátero. Contam alguns que se trata de um odre de vinho, a partir do qual se oferece aos deuses sobre o Altar. Possui isso na sua mão direita; na esquerda, um tirsó¹⁹⁵. Terion tem 2 estrelas sobre a cauda, 1 brilhante na pata dianteira, <1 no meio de ambas as patas, 1 brilhante nas costas>, 1 cintilante na pata dianteira, e mais debaixo dela 1; sobre a cabeça, 3. Todas, 10.

¹⁹² Monte.

¹⁹³ Entenda-se 'Quíron'.

¹⁹⁴ Cf. Θηρίον – 'pequeno animal selvagem'.

¹⁹⁵ Bastão envolto em hera e ramos de videira.

41. ACERCA DE HIDRA, CRÁTER E CORVO

Isto é uma constelação comum, criada com base num feito notável. Com efeito, o corvo goza do favorecimento de Apolo. De facto, como é sabido, cada um é dedicado a uma divindade. Ora, os deuses celebraram um sacrifício e enviaram um [corvo] para trazer água de uma fonte. Vendo que ao lado da fonte crescia uma figueira que tinha [figos silvestres] pequenos, permaneceu até madurarem. Passados os dias adequados, ingeriu-os. Percebendo a falta, agarrou uma hidra numa fonte e levou-a, juntamente com um cráter, afirmando que a hidra tinha bebido todos os dias no cráter a água gerada. Contudo, Apolo, sabendo do sucedido ao corvo entre os homens, estipulou-lhe uma sede prolongada, segundo relata Aristóteles, em *Acerca dos Animais*. E para deixar lembrança da falta evidente cometida para com os deuses, colocou-o nas estrelas. São Hidra e <Cráter e o Corvo>, embora não pudesse beber, nem aproximar-se.

Hidra possui 4 estrelas brilhantes na extremidade da cabeça, 6 sobre a primeira curvatura, 1 brilhante na extremidade, 3 sobre a segunda curvatura, 4 sobre a terceira, 2 sobre a quarta, na 5ª curvatura até à cauda 9 ténues. Todas, 27.

Por seu turno, o Corvo está posicionado na cauda, a ver. Possui 1 estrela ténue sobre o bico, 2 na asa, 2 sobre a cauda, 1 na extremidade de cada uma das patas. Todas, 7.

A considerável distância da curvatura, Cráter, inclinado sobre os joelhos de Virgo. Cráter tem 2 estrelas sobre a orla, <sob cada ouvido 2> ténues, 2 no centro, 2 junto da base. Todas, 10.

42. DE PROCÍON

Este encontra-se diante do Cão Maior. Assim, Proción¹⁹⁶, diz-se como ‘diante do cão’. Trata-se do cão de Órion. Ora, diz-se que, porque ele gostava de caçar, fazia-se acompanhar com ele. De facto, junto a ele vêem-se a Lebre e outaras feras.

Tem 3 estrelas, a primeira das quais é brilhante. Assemelha-se à de Cão. Chama-se Proción porque o seu levante e o seu ocaso antecedem os daquele.

¹⁹⁶ Cf. Προκύων: Προ-κύων.

PARTE II

As constelações que vêm a seguir encontram-se no ciclo Zodiaco, que circunda o Sol nos 12 meses, motivo pelo qual o número de signos do zodiaco também é esse.

(Página deixada propositadamente em branco)

43. OS PLANETAS

As cinco estrelas apelidadas Planetas possuem movimento próprio.

Diz-se que pertencem a cinco deuses: o primeiro, a Zeus, Fenonte, grande. O segundo, não grande, chama-se Faetonte. Este denominado a partir de Hélio. O terceiro, de Ares. Chama-se Piroente. Não possui um grande tamanho; a cor assemelha-se à na Águia. O quarto, Fósforo, de Afrodite, com tonalidade branca. É a maior de todas as estrelas. E apelidam-no tanto como Vésper, como Fósforo. O quinto é de Hermes, Estilbonte, brilhante e pequeno. Foi dado a Hermes por ter sido este o primeiro a delimitar o céu, a dispor a ordem do céu e as estações em que as estrelas são visíveis, e a indicar os signos favoráveis. Chama-se Estilbonte, porque foi aquele que a fez visível.

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE III

(Página deixada propositadamente em branco)

44. VIA LÁCTEA

Esta torna-se visível nos círculos do céu e dizem que se chama Galáxia. Com efeito, os filhos de Zeus não tinham direito a participar da honra do céu, se não tivessem mamado do peito de Hera. Conta-se que por isso Hermes pegou em Hércules recém-nascido, colocou-o no peito de Hera e que ele mamou. Todavia, ao aperceber-se, Hera afastou-o bruscamente e o jorro de leite que continuou a fluir abundantemente formou a Via Láctea¹⁹⁷.

¹⁹⁷ Cf. ἄστρον πόλον, A. *Pr.* 429; E. *Or.* 1685; Ar. *Av.* 179.

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA

- Aaboe, A. (1974), "Scientific Astronomy in Antiquity", *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, 276.1257: 21-42.
- Baikouzis, C., Magnasco, M. (2008), "Is an eclipse described in the Odyssey?", *Proceedings of the National Academy of Sciences* 105.26: 8823-8828.
- Beck, M. (2013), *A Companion to Plutarch*, Hoboken: John Wiley & Sons.
- Bernabé Pajares, A., Herrero de Jáuregui, M., Jiménez San Cristóbal, A., Martín Hernández, R. eds. (2013), *Redefining Dionysos*, Berlin/Boston, De Gruyter.
- Clarke, L. (1962), "Greek Astronomy and Its Debt to the Babylonians", *BJHS* 1.1.: 65-77.
- Clinton, K. (1996) "The 'Thesmophorion' in Central Athens and the Celebration of the 'Thesmophoria' in Attica", in Hägg, R. ed., *The Role of Religion in the Early Greek Polis: Proceedings of the Third International Seminar on Ancient Greek Cult, Organized by the Swedish Institute at Athens, 16-18 October 1992*, Stockholm, Svenska Institutet I Athen: 111-125.
- Dolan, M. (2017), *Astronomical Knowledge Transmission Through Illustrated Aratea Manuscripts*, Cham, Springer.
- Farenga, V. (2006), *Citizen and self in ancient Greece: individuals performing justice and the law*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Graham, D. (2013), *Science before Socrates: Parmenides, Anaxagoras, and the New Astronomy*, Oxford, Oxford University Press.

- Greenbaum, D. (2015), *The Daimon in Hellenistic Astrology: Origins and Influence*, Leiden/Boston, BRILL.
- Guidetti, F., Santoni, A. eds. (2013), *Antiche stelle a Bisanzio. Il codice Vaticano greco 1087*, Seminari e convegni, Pisa, Edizioni della Normale.
- Hard, R. (2015), *Constellation Myths: with Aratus's Phaenomena*, Oxford, Oxford University Press.
- Kahn, C. (1970), "On Early Greek Astronomy", *JHS* 90: 99-116.
- Kanas, N. (2009), *Star Maps: History, Artistry, and Cartography*, New York, Springer Science & Business Media.
- Keydell, R. (1958), "Rec. a Martin 1956", *Gnomon* 30: 575-584.
- Lindsay, J. (1971), *Origins of Astrology*, London, Frederick Muller.
- Maass, E. (1883), *Analecta Eratosthenica*, Berlin, Philologische Untersuchungen VI.
- Miguel Querejeta (2011), "On the Eclipse of Thales, Cycles and Probabilities", *Culture* 15.1: 5-16.
- Morris, I., Powell, B. (eds.), (1997), *A New Companion to Homer*. Leiden, Brill.
- Nagy, G. (1996), *Homeric Questions*, Austin, University of Texas Press.
- Pàmias I Massana, J. (2004), "Dionysus and Donkeys on the Streets of Alexandria: Eratosthenes' Criticism of Ptolemaic Ideology", *HSPh* 102: 191-198.
- _____ (2009) "Eratosthenes and the Women: Reversal in Literature and Ritual", *CPh* 104: 208-213.
- Pàmias I Massana, J. ed. (2004), *Eratosthenes. Catasterismes*, Barcelona, Fundació Bernat Metge.
- _____ ed. (2016), *Eratosthenes' Catasterisms: receptions and translations*, Mering, Utopica.

- Pàmias I Massana, J., Zucker, A. (2013), *Ératosthène de Cyrène*, Paris, Les Belles Lettres.
- Pérez Jiménez, A. ed.(1994), *Astronomía y Astrología: de los orígenes al Renacimiento*, Madrid, Ediciones Clásicas.
- Reymond, A. (1963), *History of the Sciences in Greco-Roman Antiquity*, New York, Biblo & Tannen Publishers.
- Solmsen, F. (1942), “Eratosthenes as Platonist and Poet”, *TAPhA* 73: 192-213.
- Speidel, M. (1980), *Mithras-Orion: Greek Hero and Roman Army God*, Leiden, BRILL.
- Stahl, W. (1951), “The Ancient Greek Astronomers: A Record of Remarkable Ingenuity“, *CJ* 47.1: 3-16.
- Stephenson, F. and Fatoohi, L. (2001). “The eclipses recorded by Thucydides”, *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, 50(2), 245-253.
- Tsamakda, V. (2017), *A Companion to Byzantine Illustrated Manuscripts*, Brill/Leiden/London, Brill.

(Página deixada propositadamente em branco)

INDEX NOMINVM

Autores e textos citados; figuras mitológicas [mit.]; nomes geográficos: locais, rios, montanhas, construções [top.]; patronímicos [patr.]; nomes de povos / culturas [etn.]; epíteto [epit.]; *Constelações do Zodíaco* (Ἀστροθεσία Ζωδίων) [AZ]

ABREVIATURAS: As abreviaturas usadas de autores e obras da Antiguidade Greco-Latina são as de Liddell, H., Scott, R. (1992), *A Greek-English Lexicon*, New York, Oxford University Press, e Glare, P. (1982), *Oxford Latin Dictionary*, New York, Oxford University Press.

A

- Aaboe, A. – 20 n. 18
Acrópole [top.] – 79
Actéon da Beócia [mit.] – 59
n. 90
Adamath [mit.] – 85 n. 146
Admeto [mit.] – 100
Afrodite [mit.] – cf. Vénus –
16 n. 5, 17 n. 6, 46, 66,
102, 117
Afrodite, filha de [mit.] –
49, 110, 110 n. 190
Aglaóstenes
Naxica – 62
Fragmenta
FGrH 499F1 – 43 n. 69,
62 n. 96
Aglau, filho de [mit.] – 27 n. 38
Agripa, Marco – 23 n. 24
Águia [AZ] – 101, 117
Alcíone [mit.] – 91
Alcméon
24 B 12 DK, apud Arist. De
anima 405 a 19 – b 1 – 16 n. 4
Alexandre [Magno] – 27, 49-52,
52 n. 87, 81 n. 139
Alexandre Étolo – 44
Alexandria [top.] – 21 n. 21, 27 n.
40, 50 n. 86, 73 n. 117,
Alexandrino, o – 52
Aliates, súbditos de – 21 n. 19
Altar [AZ] – 12, 37, 111-112
Amalteia [mit.] – 80
Ambrósio, filho de – 27 n. 38

- Amon, filho de [mit.] – 52
- Anatólios [etn.] – 16
- Anaxágoras de Clazómenas
[Anaxag.] – 21 n. 19, 21,
23 n. 24, 24, 24 n. 24, 25
fr. 18 Diels – 24 n. 31
- Anaximandro – 20 n. 18, 22
n. 23, 25 n. 34
fr. 74 Diehl – 22 n. 22
- Anaxímenes – 24 n. 24, 24 n. 31
- Andrómeda [mit.] – 11, 36,
41, 46, 48, 83 n. 141, 84
n. 145, 85, 85 n. 146,
Andrómeda, pai de [mit.] –
83
- Ânfis – 43, 60 n. 91
- Antepé [AZ] – 75
- Anticítera [top.] – 20 n. 16
- Antiguidade – 15, 17, 17 n.
8, 19,
- Antístenes
Héracles – 43, 112
Antologia Grega – 26 n. 36
- Apolo [mit.] – 46, 48, 63 n.
100, 68, 92, 92 n. 163,
93 n. 167, 168, 100, 100
n. 179, 113
- Apolo, arco de [mit.] – 100
- Apolo, Vacas de [mit.] – 92
- Apolo-sol [mit.] – 93 n.
167
- Apolodoro (Apollod.)
- Bibliotheca (Bibl.)*
1.4.1 – 63 n. 100, 70 n.
114
2.5.2 – 63 n. 101
3.4.1 – 63 n. 100
3.4.4 – 59 n. 90
3.8 – 59 n. 89
3.8.2 – 59 n. 89, 60 n. 92
- Epitome (Epit.)*
2.3 – 70 n. 114
- Apolónio de Rodes (Apollon.)
– 27 n. 40
3.517 – 20 n. 17
3.1003 – 28
5. 956 – 20 n. 17
- Apóstato – Cf. Juliano de
Bizâncio
- Aquário [AZ] – 12, 39, 95,
110,
Aquário, jorro de água de
[AZ] – 110
- Aquiles, escudo de [mit.] –
15 n. 1, 17
- Aquiles, preceptor de [mit.] –
112
- Ara* [AZ] – 36-37
- Arato de Solos (Arat.) – 29,
31, 31 n. 46, 33, 36
n. 54, 37 n. 55, 43,
62, 73, 73 n. 117, 86,
109
- Aratea* – 47

- Φαινόμενα, Phaenomena*
(Phaen.) – 24 n. 32, 24
 n. 33, 29, 34-35, 37,
 44, 47 n. 82
 49-54 – 43 n. 70, 62 n.
 98
 68-9 – 19 n. 14
 99-136 – 43 n. 71
 138 – 74 n. 121
 216 sq. – 43 n. 72
- Aratus Latinus*
schol. Arat. Latinus e Vati-
canus Graecus 1087 – Cf.
Vaticanus Graecus 1087 –
 32 n. 48
- Arcádia [top.] – 59
- Arcadianos [etn.] – 60, 60 n.
 91
- Arcádio [mit.] – Cf. Licáon –
 59 n. 89
- Arcas [mit.] – 40 n. 59, 59 n.
 89, 60, 60 n. 91, 70-71,
 71 n. 114
- Arcebispo João – 29 n. 44
- Arctofilax (*Arctophylax*) [AZ]
 – 60 n. 91
- Arcturo [AZ] – 43 n. 76, 72
- Arctus* [AZ] – 62 n. 95
- Ardente – Cf. Marte – 16 n.
 6
- Ares [mit.] – Cf. Marte – 16
 n. 5, n. 6, 46, 91, 117
- Ares, Fonte de [top.] – 63 n. 100
- Areto
FGrH 316F2 – 59 n. 89
- Argo, nau [mit.] – 12, 36, 40,
 107, 109, 109 n. 188
- Argonautas [mit.] – 46
- Argos [top.] – 85
- Ariadne [mit.] – 66 n. 106,
 n. 108
- Ariadne, [coroa] de – 28,
 66
- Áries [mit.] – 36, 39, 88 n.
 156
- Aristarco de Samos (Aris-
 tarch.Sam.) – 21 n. 21, 23
 n. 23, 25 n. 34, 27 n. 38
- Περὶ μεγεθῶν καὶ
 ἀποστημάτων ἡλίου
 καὶ σελήνης, *Sobre as*
dimensões e distâncias do
Sol e da Lua – 22 n. 23
- Aristides – 27 n. 38
- Aristófanes (Ar.)
Aves (Av.)
 179 – 121 n. 197
- Pax*
 832-3 – 44
- Thesmophoriazusae (Th.)* –
 73 n. 117
- Scholia*
schol. Ar. p.424, 22.23 –
 37 n. 56

- Aristófanes de Bizâncio (Ar. Byz.) – 27 n. 38
- Ariston de Quios – 27 n. 38
- Aristóteles (Arist.) – 43, 48 n. 83
- De Caelo (Cael.)*
13.293a – 22 n. 23
13.293b1-10 – 22 n. 23
21-23 – 22 n. 23
291b22-23 – 24
- De Generatione Animalium (GA)*
775a – 73 n. 117
- Metaphysica (Metaph.)*
983b 20-2 – 22 n. 22
1091a14 – 22 n. 23
- Meteorologica (Mete.)*
1.7 – 23 n. 24
- Politica (Pol.)*
1.1259a – 19
- Περὶ τῶν Ζώων, *Acerca dos Animais* – 43, 106, 113
- Fragmenta*
fr. 159 Gigon – 47, 47 n. 83
- Arquíloco (Archil.)
fr. 74 Diehl – 22 n. 22
fr. 91 West – 24 n. 24
- Arquimedes (Archim.) – 26 n. 36
- ψαμμίτης (*Aren.*)
- 1.4-6 – 22 n. 23
- Arquipo – 21 n. 21
- Arriano (*Ann.*)
5.3.1-4 – 50
- Artemidoro – 42 n. 60
- Elegias Amorasas* – 44, 102
- Ártemis – Cf. Diana – 48, 59, 59 n. 90, 60 n. 91, n. 92, 62, 69, 86, 103
- Ártemis, filho de – 52
- Ártico, Círculo [top.] – 83
- Asclépio [mit.] – 46, 68, 68 n. 109, n. 110, 100
- Asclépio, preceptor de [mit.] Cf. Quíron – 112
- Ásia Menor [top.] – 62 n. 97
- Ásio
fr. 9 Bernabé – 59 n. 89
- Asno [AZ] – 76 n. 127
- Asnos [AZ] – 76, 77
- Atargatis [mit.] – 73
- Atena [mit.] – 46, 48, 79, 79 n. 131, n. 132, n. 135, 83, 83 n. 141, 85, 90, 107
- Atenas [top.] – 21 n. 21, 27 n. 38
- Atenienses [etn.] – 21 n. 20
- Ateneu (Ath.)
5.200e – 50 n. 86
- Ática [top.] – 79, 94
- Atlântides [mit.] – 92

Atlas [mit.] – 46, 63, 102
 Atlas, filha de [mit.] – 43 n. 76
 Atlas, filhas de [mit.] – 63, 91, 92 n. 164
 Atlas, ilhas de [top.] – 102
 Augusto (Aug.) – 23 n. 24
Commentarii de vita sua
 fr. 6 Malcovati – 23 n. 24
Vindemitor (Vindemiatrix) – 74 n. 121
 Aureliano – 27 n. 40
 Auriga [mit.] – 11, 36, 40, 79
 Autólico de Pitane
 Περὶ ἔριτολῶν καὶ δύσεων, *De levantes e Ocasos* – 20 n. 18, 24 n. 30
 Avieno – 36 n. 54

B

Babilónios [etn.] – 16
 Bacantes [mit.] – 59 n. 90
 Baikouzis – 19 n. 14
 Baima – 34
 Balbilo – 23 n. 24
 Bâmbice [top.] – 102
 Basílica do Monte Siao [top.] – 39 n. 58
 Beck – 21 n. 19
 Belerofonte [mit.] – 86
 Berenice a Benfeitora – 78

Cabeleira de Berenice [AZ] – 78 n. 130
 Berlim [top.] – 26 n. 35
 Bernabé [*et al.*] – 92 n. 163
 Bernhardt, G. – 26 n. 35
Biblia
 Isaías (Is.)
 47:13 – 18 n. 11
 Mateus (*Mt.*)
 2:2 – 23 n. 24
 2:7 – 23 n. 24
 2:9 – 23 n. 24
Números (Num.)
 24:17 – 23 n. 24

Biblioteca Apostólica Vaticana (BAV) – Cf. Códices
 Biblioteca Cadomo – 32
 Biblioteca de Alexandria – 27
 Biblioteca de Leiden – 27, 47 n. 82
 Bodas de Hera e Zeus [mit.] – 63
 Boötes [mit.] – 19 n. 14, 36, 40, 59 n. 89, 70 n. 113
 Buhle, Johann – 34
 Burros [AZ] – 76
 dois burros (*Asini*) [AZ] – 39, 41

C

Cabra [AZ] – 80
 Cabra-Pan [AZ] – 97

- Cabritos [AZ] – 80
Cadmio [mit.] – 63 n. 100
Caen Bibliothèque Municipale 22 (C) – 32
Caldeus [etn.] – 16
Calímaco (Call.) – 27 n. 38
Hecala 26 n. 37
Hymnus in Cererem (Cer.)
6.17-20 – 73 n. 117
Fragmenta
fr. 191.54-44 Pfeiffer – 22 n. 22
Calíope, filho de [mit.] – 40 n. 59, 92
Calisto [mit.] – 59 n. 89, 60 n. 91, 62 n. 95
Calisto e Zeus, filho de [mit.] – 70
Câncer [AZ] – 75
Canopus[AZ] – 109
Cão (Κύων, Κύνος) [AZ] – 12, 20 n. 17, 38, 114
Cães de Perséfone [mit.] – 48 n. 83
Canis Maior, ‘Cão Maior’ [AZ] – 19 n. 14, 114
Canis Minor, ‘Cão Menor’ – 36, 38
Cão de Órion [AZ] – 105, 114
Capricórnio [AZ] – 12, 36, 39-40, 47, 97
Caranguejo [AZ] – 11, 39, 76, 76 n. 125, n. 126, n. 127, 77
Carneiro [AZ] – 11, 28, 38, 87, 87 n. 153, n. 155, 88-89
Carro [AZ] – 15, 22 n. 22
Cassandria [top.] – 23 n. 24
Cassiopeia [mit.] – 11, 36, 41, 84, 84 n. 145
Catulo (Catul.)
Carmina (Carm.)
66 – 47, 78 n. 130
Cáucaso [top.] – 51
Cáucaso, Monte [top.] – 51
Cavalo [AZ] – 11, 79, 80 n. 136, 86, 98
Cavalo, Fonte do [top.] – 86
Cécrops [mit.] – 95 n. 176
Cedálion [mit.] – 103
Céfalo [mit.] – 105
Cefeu [mit.] – 11, 41, 47 n. 81, 83, 83 n. 141, 108
Centauro(s) [mit.] – 12, 37, 46, 86, 86 n. 152, 98-99 n. 178, 112
(Hipo)Centauro(s) [mit.] – 37, 98 n. 178
Cerano [mit.] – 52
Ceteu [mit.] – 59 n. 89
Ceto [mit.] – 12, 40, 108

- Céu [top.] – 15-16, 19 n. 14,
 23 n. 24, 26 n. 37, 48-49,
 71 n. 114, 94, 101, 104,
 111, 117, 121
- Ciaxares, súbditos de – 21
 n. 19
- Cícero (Cic.) – 22 n. 22,
Academica (Ac.)
 2.39.123 – 20 n. 18
De Divinatione (Div.)
 2.24.51 – 21 n. 19
De Natura Deorum (N.D.)
 1.11.27 – 16 n. 4
 2.88 – 20 n. 15
De Oratore (de Orat.)
 3.137 – 17 n. 8
De Republica (Rep.)
 1.21 – 20 n. 15
- Ciclopes [mit.] – 100
- Cílon – 21 n. 21
- Cicno, filho de [mit.] – 21
 n. 19
- Cinosura (Ursa Menor) [mit.]
 – 62, 62 n. 95, n. 98
- Cinosura [top.] – 62
- Cirenaico – Cf. Eratóstenes –
 27 n. 39
- Cirene [top.] – 26, 27 n. 38,
 30 n. 45, 51
- Cisne [AZ] – 12, 39, 94, 94
 n. 171
- Clemente de Alexandria (Cl.
 Alex.)
Protrepticus (Protr.)
 2.36.5 – 60 n. 91
- Cleantes – 21 n. 21
SVF
 1.542 – 93 n. 167
- Cleomedes – 25 n. 34
- Cleóstrato de Ténedo – 44
- Clinton – 73 n. 117
- Crisipo (Chrysipp. Stoic.)
SVF
 3.253-4 – 73 n. 117
- Códices
*Codex 83II – Aratus latinus
 recensio interpolata* – 32
 n. 48, 36
 f. 3v – 36
 f. 6v – 36
 f. 8v – 36
 f. 10v – 36
 f. 22v – 36
 f. 12v – 36
 f. 16v – 36
 f. 18v – 36
 f. 20v – 36
 f. 22v – 36
 f. 24v – 36
 f. 26v – 36
 f. 28v – 36
 f. 30v – 36
 f. 32v – 36

- f. 34v – 36
f. 36v – 36
f. 38v – 36
f. 40v – 36
f. 42v – 36
f. 44v – 36
f. 46v – 36
f. 48v – 36
f. 50v – 36
f. 52v – 36
f. 54v – 36
f. 56v – 36
f. 58v – 36
f. 60v – 36
f. 62v – 36
f. 64v – 36
f. 66v – 36
f. 68v – 36
f. 70v – 36
f. 72v – 36
f. 76v – 36
f. 78v – 36
f. 80v – 36
f. 82v – 36
f. 93v – 36
Codex 199 BAV
f. 16r – 32
Codex de Omôncio 444 –
32
Codex Oxoniensis inter
Baroccianos 119 (O) –
30-31
Codex Parisinus Graecus
1310 – 16 n. 6
ff. 37-37v – 17 n. 6
Codex Venetus B – 28 n. 43
Codex Vindobonensis 341 (S)
– 31
schol. Codex Vindobonensis
341 – 16 n. 6
Cometa Halley – 23 n. 24
Cónon de Samos – 78 n. 130
Constantinopla [top.] – 29,
39 n. 58
Contra-Terra [top.] – 22 n. 23
Copérnico – 22 n. 23
Cora, ‘Coroa’ [top.] – 36 n.
53, 39 n. 58
Cora, Igreja de [top.] – 39
n. 58
Cora, Mosteiro de [top.] –
29
Corinto [top.] – 92 n. 167
Corona [AZ] – 36, 40
Corvo [AZ] – 12, 37 n. 56,
38, 113
Cráter [AZ] – 12, 36, 37
n. 56, 38, 113
Cratino – 94
*Némesis** – 43
Creso, filho de – 21 n. 19
Creta [top.] – 62, 63 n. 100,
80-81, 101, 103
Cristo – 23 n. 24, 39 n. 58

- Cristo *Pantocrator* – 39 n. 58
 Cronos [mit.] – 16 n. 5, n. 6, 80. 101 n. 181, 111
 Cronos, lágrimas de – 48 n. 83
 Croto [mit.] – 98
 Ctésias – 42, 110
Cypria
 fr. 10 PEG – 94 n. 171
- D**
- Danae [mit.] – 90
 Dárdano [mit.] – 91
 Delfos [top.] – 23 n. 24, 63 n. 100
 Deméter [mit.] – 28, 73, 73 n. 117, 100
 Deméter-Dike [mit.] – 73 n. 117
 Demetrius Triclianus – 33
 Demócrito (Democr.)
 68 B 115 DK – 19 n. 13
 Demóstenes (D.)
 378 – 20 n. 18, 24 n. 26
 566W. 28 – 2 n. 18
 Derceto, filha de Afrodite [mit.] – 49, 110
 Deucalião [mit.] – 95 n. 176
 Deusa Síria [mit.] – 110
 Dia, ilha de [top.] – 66, 66 n. 107
- Diana [mit.] – 60 n. 92
 Dike [mit.] – 73, 73 n. 117
 Dio Cássio (D.C.)
 29 – 79 n. 24
 45.7 – 23 n. 24
 54 – 79 n. 24
 61 – 79 n. 24
 79 – 79 n. 24
 Diógenes Laércio (D.L.)
 1.23 – 19 n. 1322 n. 22
 1.24 – 22 n. 22
 8.1.25 – 24 n. 27
 8.25.8-10 – 22 n. 23
 8.84 – 24 n. 26
 8.85 – 24 n. 26
 8.84.48 – 24 n. 27
 9.3.21 – 24 n. 28
Fragmenta
 fr. 38 D – 19
 Dionísio (Diónisos) [mit.] – 44, 46, 49-50, 50 n. 86, 51-52, 66, 66 n. 106, n. 108, 76, 92, 92 n. 163, n. 165, 93, 93 n. 168
 Dionísio (Diónisos) ctónico [mit.] – 92 n. 163
 Dionísio de Cízico – 26 n. 36
 Diónisos, ama(s) de [mit.] – 52 n. 87, 81 n. 139
 Diónisos, culto de (Culto Dionísíaco) – 59 n. 90, 92 n. 163

- Diónisos, estátua de – 50
 n. 86
 novo Dionísio [mit.] – 52
 Dionísio Sículo (D. S.)
 1.11.2 – 93 n. 167
 3.73.7 – 50
 4.70.1 – 98 n. 178
 13.12.6 – 21 n. 19
 Dióscoros [mit.] – 75
 Dolan – 47 n. 82
 Dragão [AZ] – 11, 38, 63, 63
 n. 99, 65
- E**
- Éaco [mit.] – 52
 Ecfanto de Siracusa – 20
 n. 18
 Écio (Aet.)
De Placitis
 1.3.10 – 23 n. 23
 2.1.1 – 20 n. 18
 2.7.7 – 23 n. 23
 2.20.2 – 24 n. 31
 3.11.3 – 23 n. 23
 3.13 – 24 n. 26
 3.13.3 – 20 n. 18
 7.313b 16-17 – 21 n. 21
Editiones
 edição D (*recensio codd.*
 LMOS) – 45, 53, 70
 n. 113
- edição de Morélio
 f.109 – 31
 ff. 109-111 – 31
 f. 109v – 32
 f.110 – 32
 f. 110v – 32
 f. 111 – 32
 edição de Olivieri – 32, 32
 n. 48, 34, 34 n. 49, 45,
 53-54, 92 n. 163, 110
 n. 190, n. 191
 edição R (*Venetus Marcianus*
 444) – 31, 34 n. 49, 53,
 70 n. 113
 edição Φ – 29, 31, 35
editio princeps – 31 n. 46,
 33
 Eetes, casa de [top.] – 87
 Egeu [top.] – 50
 Egípcios [etn.] – 16, 22 n. 22
 Egito [top.] – 27 n. 40, 88
 Egospotami [top.] – 24 n. 24
 Eletra [mit.] – 91
 Empédocles de Agrigento
 (Emp.) – 25 n. 34
FVS
 31A23 – 93 n. 167
 Enómao [mit.] – 91
 <Enómao>, auriga de [mit.]
 – 80
 Enópio [mit.] – 103
 Enópio, filha de [mit.] – 103

Éolo [mit.] – 86

Eosphorus, ‘Estrela da Manhã’
[AZ] – 19 n. 14

(Pseudo)epicarmo (Ps.
Epich.)

fr. 239 Kaibel – 16 n. 3

Epiménides

*Cretica**, Créticas – 43, 97

Época Alexandrina – 13, 93
n. 168

Época de Augusto – 74
n. 121

Época Imperial – 29

Eratóstenes de Cirene (Eratosth.) / Πένταθλος
– 13, 26, 26 n. 35, n.
36, 27, 27 n. 41, 35-36,
44, 50-51, 52 n. 87, 59
n. 89, 60 n. 91, 94 n. 171

Acerca dos Princípios Filosóficos – 27 n. 38

Erigone – 26

Hermes – 26

Sobre a liberdade da dor –
27 n. 38

Γεωγραφικά, *Geografia*
– 26-27

Περὶ τῆς αρχαίας
κωμωδίας, *Sobre a*
Comédia Antiga – 26

Χρονογραφία, *Crono-*
grafias – 26-27

Fragmenta

FGrH 241 F28 – 52 n. 87

FGrH 241 T1 – 26 n. 38

FGrH 721 F 3b – 50

fr. I B, 24 ed. Berger –
50

(Pseudo)eratóstenes (Ps. –
Eratóstenes) – 13, 28,
30, 35

Καταστερισμοί /
Ἴαστροθεαία ζωδίων
/ Κατάλογοι, *Cata-*
sterismi / *Catasterismos* /
Constelações do Zodíaco /
Astronomia – 11, 13, 26,
26 n. 35, n. 36, 27, 27
n. 38, 31 n. 46, 32-35,
41, 43-44, 47, 50 n. 85,
52-53, 81 n. 139

Epítome – 13, 16 n. 6,
30-31, 31 n. 46,
32, 32 n. 48, 34, 34
n. 49, 35, 41, 44, 47,
47 n. 81, 66 n. 18, 92
n. 165

#1 – 38, 42-43, 46-49,
59 n. 89, 62 n. 96, 70
n. 114

#1-4 – 32

#1-42 – 45

#2 – 27 n. 38, 38, 43,
46, 48-49

Constelações do Zodíaco

- #3 – 43, 46, 48, 48 n. 84,
49
- #4 – 40, 42, 46, 47 n. 81,
48, 48 n. 84, 49
- #4-8 – 32
- #5 – 30, 34 n. 49, 40,
42-43, 46, 48-49, 53
- #6 – 30, 34 n. 49, 40,
42, 46, 53, 71 n. 116
- #6-8 – 48-49
- #7 – 39, 40, 42, 46,
48-49
- #8 – 30, 34 n. 49, 42,
46, 53, 59 n. 89, 71
n. 116
- #9 – 39-40, 42-43, 46,
47 n. 81, 49
- #9-11 – 32
- #10 – 39, 46, 48, 48
n. 84, 49
- #10-14 – 49
- #11 – 30, 32, 34 n. 49,
39, 43, 46, 48-49
- #12 – 39-40, 43, 46, 48
n. 84
- #12-14 – 48
- #13 – 31, 34 n. 49, 40,
42-43, 46
- #14 – 31, 34 n. 49, 39,
41, 43, 46, 52 n. 87
- #15 – 41, 43, 46, 48
- #16 – 41, 43, 46-47, 49
- #17 – 32, 41, 43, 46,
48, 48 n. 84, 49
- #18 – 31, 34 n. 49, 39,
43, 46, 48-49
- #19 – 31, 34 n. 49,
38-39, 42-43, 46, 48
n. 84, 49
- #20 – 30, 34 n. 49, 39,
46, 48-49
- #21 – 30, 34 n. 49, 39,
45, 49
- #22 – 30, 34 n. 49, 39,
43, 46-49
- #23 – 42 n. 60, 44-46,
49
- #24 – 30, 34 n. 49, 39,
43, 46-48, 48 n. 84,
49, 53
- #24-28 – 48
- #25 – 30, 34 n. 49, 39,
43, 46, 48-49, 53
- #26 – 39, 46, 48
- #27 – 39, 40, 43, 46
- #28 – 39, 40, 43, 46, 49
- #29 – 30, 34 n. 49, 43,
46, 48, 48 n. 84, 49,
71 n. 116
- #30 – 30, 34 n. 49, 39,
40, 43, 46, 48-49
- #31 – 31, 34 n. 49,
40, 42 n. 60, 44, 46,
48-49

- #32 – 37, 42, 46-48, 48
n. 84, 49
- #33 – 30, 34 n. 49, 38,
46, 48-49
- #34 – 31, 34 n. 49, 40,
43, 46, 49
- #35 – 40, 46, 48-49
- #36 – 31, 34 n. 49, 40,
43, 48 n. 84, 49
- #37 – 31, 34 n. 49, 43,
47, 49
- #38 – 30, 34 n. 49, 37,
42, 48-49, 53
- #39 – 30, 34 n. 49, 46,
48 n. 84, 49, 53
- #40 – 17 n. 6, 30, 32,
34 n. 49, 37, 43, 46,
48-49
- #40-44 – 32
- #41 – 30, 34 n. 49,
37, 38, 43, 46-48, 48
n. 84, 49, 53
- #41-44 – 17 n. 6, 32
- #42 – 30, 34 n. 49, 42,
49, 53
- #43 – 16, 16 n. 6, 38,
45-46
- #44 – 39, 45-46
- Ericciónio [mit.] – 46, 79, 79
n. 131
- Erídano [AZ] – 36, 109, 109
n. 187
- Escola Eleata – 24
- Escorpião [AZ] – 11, 39-40,
68-69, 69 n. 111, 103,
103 n. 185
- Espiga [AZ] – 74
- Ésquilo (A.) – 93
- Agamemnon (Ag.)*
4-6 – 20 n. 17
6-7 – 16 n. 3
177 – 68 n. 109
967 – 20 n. 17
- Bacchae*(?)*, *Bacantes* – 43,
92 n. 163
- Phorcides*, *Fórcides** – 43, 90
- Prometheus Vincitus (Pr.)*
429 – 121 n. 197
- Estácio (Stat.)
Thebais (Theb.)
3.685 – 59 n. 89
- Estéropo [mit.] – 91
- Estilbonte [AZ] – 117
- Estobeu (*Stob.*)
Eclogae
I 21 8 – 23 n. 23
- Estratão de Lâmpsaco (Str.) –
21 n. 21
- Estrela da Manhã [AZ] – 17
n. 6, 19 n. 14
- Estrela da Tarde [AZ] – 17
n. 6, 19 n. 14
- Etíopes, rei dos – 83
- Eudemo (Eudem.) – 24 n. 31

- fr. 144 Wehrli – 19 n. 13
fr. 145 Wehrli – 24 n. 31
Eudoxo de Cnido (*Eudox.*) –
20 n. 15, 24 n. 32, 44
Ars astronomica (*Ars*) – 16
n. 6
Ars Eudoxi col. V Blass – 16
n. 6
Eufeme, filho de [mit.] – 98
Eumelo (*Eumel.*)
apud Apollod.
3.8.2 – 59 n. 89
Euriale, filho de [mit.] – 103
Eurípides (E.) – 42, 79, 83
Alceste – 43, 100
*Andrómeda** – 43
Bacchae (*Ba.*)
64-169 – 59 n. 90
660-713 – 59 n. 90
Cyclops (*Cyc.*) – 76 n. 127
*Frixo** – 43, 81
fr. 820 N – 43 n. 73
Helena (*Hel.*)
16 sq. – 94 n. 171
Ion
1078-9 – 20 n. 18
Iphigenia Taurica (*IT*)
387 – 70 n. 114
*Melanipe**, *Melanipa* – 43, 86
fr. 488 N – 43 n. 74
Orestes (*Or.*)
1685 – 121 n. 197
Fragmenta
fr. 925 N – 43 n. 65
Scholia
schol. ad Or. 1642 – 59 n. 89
schol. Tr. 822 – 95 n. 176
Europa [mit.] – 81, 81 n. 137
Europa, guardião de [mit.]
– 105
Eustácio (Eust.)
in Iliadem
18.251 – 18
Euxino, Mar [top.] – 51
Euxino, Ponto [top.] – 87
- F**
- Fabrizio – 26 n. 36
Faetonte [mit.] – 16 n. 6
Faetonte [AZ] – Cf. Saturno
– 16 n. 6, 46, 117
Fanes-Hélio [mit.] – 93 n. 167
Fanes-Mitras [mit.] – 93
n. 167
Fellus, Io. – 33
Fellus, Th. Galeus – 33
Fenícia [top.] – 62, 81
Fenícios [etn.] – 22 n. 22
Fenonte [AZ] – 16 n. 6, 117
Ferécides (Pherecyd.) – 43
Casamento Sagrado 2, *apud*
schol. A.R. 4.1396 – 43
n. 66, 63 n. 101

- Kretika* – 43, 63, 81 n. 139,
87
- Fragmenta*
fr. 58 – 43 n. 67
FGrH I p. 86 – 43 n. 67
FGrH 3F157 – 59 n. 89
FGrH 328, F 135a
FGrH 3F16-17 – 43 n. 66,
63 n. 101
- Filipe – 52
- Filocalo, Fúrio Dionísio – 37
- Filócoro [mit.] – 21 n. 19
- Filolau de Crotona (Philol.)
– 21 n. 21, 23 n. 23, 24
fr. 7 – 22 n. 23
fr. 44 A16 DK – 22 n. 23
- Filóstrato (*Philostr.*)
Philostrati majoris imagines
(*Im.*)
1.17 – 70 n. 114
1.30 – 70 n. 114
- Flecha [AZ] – 100
- Florença [top.] – 31
- Fortuna [mit.] – 28
- Fósforo [AZ] – 117
- Fragmenta Vaticana* – 30 n. 45,
31, 31 n. 46, 34, 34 n. 49,
43, 53-54, 60 n. 91, 66
n. 108, 81 n. 139, 92
n. 163, 110 n. 190
- Frígia [top.] – 62 n. 97
- Fronto, Marcus Lucretius,
casa de [top.] – 50
- G**
- Gaia [mit.] – 63, 79, 80
- Galácia [AZ] – 121, 7986131
- Galeus, Th. – 23
- Galileu – 22 n. 23
- Gallia Narbonensis* [top.] – 23
n. 24
- Galo, Sulpício – 22 n. 22
- Ganimedes [mit.] – 70 n. 114,
95, 95 n. 176, 101
- Gauleses [etn.] – 15
- Gémeos [AZ] – 11, 39, 41,
75
- Germânico (*Caesar* – Germ.)
– 36 n. 54, 37
- Scholia*
schol. Arat. p. 381 – 59
n. 89
schol. Germ. G. p. 114,
19 – 62 n. 95
- Gigantes [mit.] – 76
- Gigantomaquia – 63 n. 100,
76 n. 127
- Ginásio de Abidos – 23 n. 24
- Gláucon [mit.] – 18 n. 9
- Golfinho [AZ] – 12, 40, 102
- Gónatas, Antígono – 37
n. 55

- Górgona [mit.] – 90
Górgonas [mit.] – 90
Górgona, cabeça da – 39, 47, 80, 90
Górgona, cabeleira da – 90
Gosciny – 15
Graças [mit.] – 90
Graham – 24 n. 25
Grandes Panateneias (Panatenaicas) – 79, 79 n. 15
Grécia [top.] – 17, 18 n. 9, 28
Greenbaum – 52 n. 87
Gregoras, Nicéforo – 29 n. 44
Carta de Gregoras a Teodoro Metóquites – 29 n. 45
Περὶ κατασκευαζῆς καὶ γενέσεως ἀστρολάβου, *Acerca da construção e origem do astrolábio (Acerca do Astrolábio)* – 30 n. 45
Gregos / civilização Grega [etn.] – 16 n. 5, 19, 22 n. 22
Guerra do Peloponeso – 21 n. 19
Gugaliana – 16 n. 5
Guidetti – 39 n. 58
- H**
- Hades [top.] – 69 n. 112, 71 n. 114, 92 n. 163
Hard – 44 n. 77
Hecatombaeon de 356 a.C., 6º dia de – 82
Hefesteio [top.] – 79
Hefesto [mit.] – 15, 17, 66 n. 108, 67, 76, 79, 90, 103
Hegésias – 52
Heitor [mit.] – 18
Hele [mit.] – 87, 87 n. 154
Helena [mit.] – 94
Helesponto [top.] – 87
Hélice (Ursa Maior) [mit.] – 62, 62 n. 98
Hélicon [top.] – 98
Hélicon, Fonte de [top.] – 86
Hélio [mit.] – 79, 79 n. 131, 92, 92 n. 163, 93 n. 167, 103, 117
Hélio, filha de [mit.] – 80
Hélio, filho de [mit.] – 16 n. 6
Hélios Hiperion – 19 n. 14
Hélios-Mitras – 23 n. 23
Hemisphaerium Australe, mapa – 41
Hemisphaerium Boreale, mapa – 41
Heptaestrelas [AZ] – 91
Heptásteras [AZ] – 81
Hera [Mit.] – Cf. Juno – 48, 60 n. 92, 63, 63 n. 102, 65, 76, 121

- Hera, matrimónio de – 63, 1.74.2 – 19 n. 13
 63 n. 100 2.4 – 22 n. 22
- Héracles / Hércules [mit.] – 2.53 – 17 n. 8
 36, 46, 49, 51-52, 63, 65, 7.37 – 21 n. 19
 65 n. 105, 76, 112, 121
- Hesíodo (*Hes.*) – 17 n. 8, 18
 n. 12, 44, 59, 59 n. 89,
 87, 103
*Astronomia** – 43
 fr. 181 Rzach – 42 n. 61
Catálogo de Mulheres
 fr. 163 M-W. – 42 n. 61
Opera et Dies (Op.)
 14 sq. – 73 n. 119
 383-4 – 43 n. 76
 564-70 – 43 n. 76
 598 – 20 n. 17
 609-22 – 43 n. 76
 615 – 20 n. 17
 619 – 20 n. 17
 784-821 – 43 n. 71
 fr. 163 M-W. – 59 n. 89
 fr. 181 Rzak – 42 n. 61
Theogonia (Th.) – 73
 333 sq. – 63 n. 101hsd.
 901-2 – 42 n. 62
Fragmenta
 fr. 188 Markscheffel – 42
 n. 63
- Héracles, trabalho(s) de [mit.] – 28, 63 n. 100, 76
 n. 124, 78
- Hércules, trabalho de [mit.]
 trabalho 11 de Hércules
 [mit.] – 65 n. 103
- Heraclides Pôntico (Hera-
 clid. Pont.) – 20 n. 18, 23
 n. 23
Sobre a Justiça – 43, 100
- Heraclito (Heraclit.) – 18 n. 10
Allegoriae / Quaestiones
Homericæ (All.)
 6.6 – 93 n. 167
De incredibilibus (Incred.)
 5 – 99 n. 178
Fragmenta
 fr. 22 B 38 DK – 19 n. 13
 fr. DK B105 – 18
- Hermes [Mit.] – Cf. Mercú-
 rio – 16 n. 5, 17 n. 6, 28,
 44, 46, 49, 80, 88, 91-92,
 106, 117, 121
- Hermes, capacete de, sandá-
 lias 90
- Heródoto (*Hdt.*)
 1.74 – 21 n. 19
- Hespérides, jardim das – 40
- Hespérides, maçãs de ouro
 das – 40, 63, 63 n. 100,
 65 n. 103, n. 104

- Hesperus*, ‘Estrela da Tarde’
[AZ] – 19 n. 14
- Héstia [mit.] – 22 n. 23
- Heynius, C. G.
Epistola – 33
- Híades [mit.] – 15, 19 n. 14,
52 n. 87, 81, 81 n. 139, 82
- Hicetas de Siracusa – 20 n.
18
- Hidra [mit.] – 12, 38, 76,
113
- Hiereu [mit.] – 91
- Higino (*Hyg.*) – 46 n. 80
Fabulae (Fab.) – 27 n. 41
155 – 59 n. 89
176 – 59 n. 89
177 – 59 n. 89
181 – 59 n. 90
- Poetica Astronomica (Astr.)* –
26 n. 35, 27 n. 41, 35
livro 2
2.1 – 60 n. 91, n. 92
2.2 – 62 n. 95
livro 3
3.24 – 74 n. 121
quatro livros – 47
- Hinos Homéricos (h.Hom.)*
hymnus ad Bacchum
(*h.Bacch.*)
1 – 52
hymnus ad Apollinem
(*h.Ap.*) – 63 n. 100
- Hinos Órficos (Hymn. Orph.)*
5 – 93 n. 167
5.2 – 22 n. 23
20 – 22 n. 22
34.6 – 22 n. 22
84.2 – 22 n. 23
- Hiparco de Niceia (Hip-
parch.) – 20 n. 15, 24
n. 33, 44, 46 n. 80, 91
- Τῶν Ἀράτου καὶ
Εὐδόξου φαινομένων
εξηγήσεις, *Explicaçãoes*
dos Fenómenos de Arato
e de Eudoxo – 29
2.5.5 – 74 n. 121
3.1.4 – 74 n. 121
- Hiparo – 42 n. 60
- Hipe [mit.] – 86
- Hiperbóreos [top.] – 100
- Hipérides (Hyp.)
Pro Euxenippo (Eux.)
25 – 52 n. 87
- Hipócrates (Hp.)
Περὶ Παρθενίων (*Virg.*) –
73 n. 117
- Hipólito [mit.] – 68
- Hipólito (Hippol.)
Philosophoumena
C 897C 14-16 – 20 n. 18
Refutationis Omnium Haere-
sium (Haer.)
1.15 – 20 n. 18

9.9.6 / B56 – 17
 Histos [top.] – 62
 Homann, B. – 41
 Homero – 17, 17 n. 8, 18, 18
 n. 9, n. 10, 19
 Horas [mit.] – 66

I

Iâmblico (Iamb.) – 23 n. 23
 VP 248-9 – 21 n. 1
 Ida, Monte [top.] – 62 n. 97,
 97
 Idade do Bronze – 73 n. 117
 Idade do Ferro – 73 n. 119
 Idade do Ouro – 73 n. 117
Ilias, *Iliáda (Il.)* / epopeia *Iliá-*
 dica – 17 n. 8, – 19 n. 14
 1.477 – 20 n. 17
 2.458 – 19 n. 14
 5.1-5 – 19 n. 14
 5.504 – 19 n. 14
 6.108 – 19 n. 14
 8.554-9 – 19 n. 14
 14.200 – 19 n. 14
 14.245-6 – 19 n. 14
 14.288 – 19 n. 14
 15.371 – 19 n. 14
 16.364 – 19 n. 14
 17.424-5 – 19 n. 14
 18.483-9 – 15
 18.485 – 19 n. 14

18.489 – 19 n. 14
 19.351 – 19 n. 14
 19.374 – 19 n. 14
 20.231 sq. – 101 n. 180
 20.231-5 – 95 n. 176
 22.25-31 – 19 n. 14
 22.317-21 – 19 n. 14
 23.226 – 19 n. 14
 26.188 – 21 n. 20

Scholia

schol. Il. 18.251 – 18 n. 10
schol. Il. 22.29 – 28 n. 43
 Índia [top.] – 49-51
 Indianos [etn.] – 51
 Infernos [top.] – 49, 71 n. 114
 Ío [mit.] – 81
 Ísis [mit.] – 73, 105
 Istar – 16 n. 5
 Ixíon [mit.] – 98 n. 178

J

Jasão [mit.] – 109 n. 188
 Jerusalém [top.] – 39 n. 58
 João de Alexandria (Filó-
 pono) – 30 n. 45
 Joelhos, o de [AZ] – 11, 65
 Julgamento de Páris [mit.] –
 63 n. 100
 Juliano de Bizâncio, Imperador
 Oratio 4
 135b1-6 – 23 n. 23

Júlio César – 23 n. 24
Juno [mit.] – 60 n. 92
Juno, ave de – 38
Júpiter [mit.] – 16 n. 6, 22
n. 23, 37-38, 46
Justiça, Δίκη [mit.] – 39
n. 57, 73

K

Keydell – 31 n. 47

L

Lacedemónio [mit.] – 91 –
Lacónia [top.] – 75
Lactâncio – 59 n. 89
Lanterna [Mercúrio] [AZ] –
17 n. 6
Lascaris, Constantino – 31
Latinos [etn.] – 16 n. 5, 20
n. 17, 35
Leão [AZ] – 11, 28, 39-40,
78, 78 n. 129
Leão de Nemeia [mit.] – 28
Lebre [AZ] – 12, 40, 106,
114
Leda [mit.] – 94 n. 171
Leiden [top.] – 37
Lemnos [top.] – 103
Lerna [top.] – 76 n. 124
Leto [mit.] – 103

Libânio (Lib.)
34 – 59 n. 89
Libetros [top.] – 93
Licáon [mit.] – 59 n. 89, 60,
60 n. 91, 70, 70-71 n. 114
Licáon, casa de [top.] – 70
n. 114
Licáon, filha de [mit.] – 59,
59 n. 89
Licáon, neta de [mit.] 59
n. 89
Liceu, Monte [top.] – 60
n. 91
Lico [mit.] – 91
Lídios [etn.] – 21 n. 19
Lindsay – 15 n. 2
Lira [AZ] – 12, 28, 39, 44,
47 n. 81, 92-93, 93
n. 170
'lira das Musas' – 48 n. 83
Lisânia de Cirene – 27 n. 38
Lísis – 21 n. 21
Lua – 15-16, 19 n. 14, 20
n. 16, 21 n. 19, 22 n. 23,
24, 39
Lucrécio (Lucr.)
5.878-891 – 98 n. 178
Licofronte (Lyc.)
1.31-69 – 70 n. 114
Scholia
schol. ad Lyc. 481 – 60
n. 91

Logoteto, Teodoro
sobre *opera Ptolemaei* – 30
n. 45
(Pseudo)longino
Περὶ Ὑψους, *Acerca do
Sublime (Subl.)*
33.5 – 26 n. 37

M

Maass, E. – 13, 34, 44 n. 78
Maça [AZ] – 65
Macedónia [top.] – 37 n. 25
Macedónios [etn.] – 51
Magnasco – 19 n. 14
Magos – 52
Reis Magos – 23 n. 24
Maia [mit.] – 91
Manjedoura [AZ] – 76, 76
n. 127, 77
Manuscritos (Ms.)
*BAV*Cod. 199
f. 16r – 32
f. 16v – 32
f. 17r – 32
f. 17v – 32
f. 18r – 32
f. 18v – 32
f. 19r – 32
f. 19v – 32
Edimburgensis Adv. 18.7.15
(E) – 33

Harvard University Library
Typ. 18 (H) – Cf. Rhosos,
Iohannes
ff. 1447-1497 – 31
Laurentianus mediceus 87
plut. 28 (L)
ff. 5-18v – 31
Leiden Aratea [*latina*]
(VLQ) – 36, 36 n. 54, 37
VLQ 79 – 39-40
f. 3v – 38
f. 8v – 40
f. 10v – 40
f. 12v – 40
f. 20v – 40
f. 22v – 40
f. 24v – 41
f. 26v – 41
f. 28v – 41
f. 30v – 41
f. 32v – 39
f. 34v – 39
f. 36v – 39
f. 38v – 37, 39
f. 40v – 39
f. 44v – 39
f. 46v – 39
f. 48v – 39
f. 52v – 37, 40
f. 54v – 39-40
f. 56v – 40
f. 58v? – 37

- f. 60v? – 38
 f. 62v – 40
 f. 64v – 40
 f. 66v – 40
 f. 72v – 37
 f. 76v – 38
 f. 78v – 38
 f. 80v – 38
 f. 93v – 38
- Londinensis Mus. Brit. Add.*
 11886 (*Butlerianus*) (B)
 – 31
- Marcianus Gr.* 444 (R) –
 31, 34, 34 n. 49, 53, 70
 n. 113
- Matritensis* 4629 (M)
 ff. 188-205 – 31
- NL.W. 735C f. 10v – 37
- Oxoniensis Baroccianus* 119
 (O) – 30, 53
 ff.113-130 – 32
 ff.117-130 – 31
 (O), apógrafo de – 32
 (O), cópia de – 32
- Parisinus Graecus* 1310 (P),
 Biblioteca Nacional Paris
 – 16 n. 6
 ff. 37r-37v – 17 n. 6, 32
- Parisinus latinus* (*Par. Lat.*)
 5543 – 29
- Recensio codd. LMOS:*
L(aurentianus mediceus 87
plut. 28)M(*atritensis* 67)
O(xoniensis inter Baroccia-
nos 119)S(*Vindobonensis*
 841 *apud Nesselium*, 127
ap. Lambecium) – 45, 70
 n. 113
- Salmanticensis* 233 (Q) – 32
- Scorialensis* Σ III 3 (S) – 32
- Vaticanus Graecus* 199 (W)
 – 32
- Vaticanus Graecus* (*Vat. Gr.*)
 1087 (ms. BAV) – 29,
 34, 37, 39 n. 58, 47, 54,
 60 n. 91, 92 n. 165
- f. 1r-v – 29 n. 45
 ff. 2r-221v – 29 n. 45
 ff. 2r-v – 29 n. 45
 ff. 3r-v – 29 n. 45
 ff. 4v-122v – 29 n. 45
 ff. 123r-147r – 30 n. 45
 ff. 148r-22 1v – 30 n. 45
 f. 150r – 29 n. 45
 f. 222r/v – 30 n. 45
 ff. 223r-299v – 30 n. 45
 f. 300r – 30, 30 n. 45
 ff. 300r-312v – 30, 30
 n. 45
 f. 300v – 37
 ff. 300v-308r – 30, 30
 n. 45
 f. 301r – 37
 f. 301v – 37 n. 56

- f. 301v-308r – 32, 35
 f. 302r – 38
 f. 302v – 36 n. 53
 f.303r – 37
 f. 303v – 39
 f. 304r – 39
 f. 304v – 39
 f. 305r – 38
 f. 305v – 40
 f. 306r – 40
 f. 306v – 40
 f. 307r – 40
 f. 307v – 40
 f. 308r – 41
 ff. 308r-309r – 30
 ff. 308v-309r – 30 n. 45
 ff. 309v-310r
 ff. 309v-310v – 30
 f. 311r – 30
 ff. 311r-312r – 30
 f. 311v – 30
 ff. 311r-312r – 30 n. 45
 f.312r – 31
 ff. 312r-320v – 30 n. 45
Scholia
schol. Arat. Latinus e
Vaticanus Graecus
 1087 – 60 n. 91
Vat. Gr. 1087, apógrafo
 de – 34
Vaticanus Graecus (BAV Vat.
Gr.) 1291 – 35 n. 52
- Vindobonensis* 196 (142),
 (V) – 31
Vindobonensis 341 *apud*
Nesselium, 127 *ap. Lam-*
becium (S) – Cf. *Vindo-*
bonensis phil. philol. 341
 48 sq. – 31
Voss. Lat. Q. 79 – 47 n. 82
 ‘Mãos de Reia’ – 48 n. 83
 Mapas de Doppelmayr, I.
Hemisphaerium Coeli Aus-
trale – 41
Hemisphaerium Coeli Bo-
reale – 41
 Marduk – 16 n. 5
 Marte [mit.] – 16 n. 5, n. 6,
 22 n. 23, 38, 46
 Martins, J. – 35
 Matthiaeus, F. C. – 34
 Matthia, F. – 41
 Medici, Paulo – 31
 Medos [etn.] – 21 n. 19
 Medusa, cabeça de [mit.]
 – 90
 Megisto [mit.] – 59 n. 89
 Menandro (Men.) – 27 n. 39
 Mene [mit.] – 19 n. 14
 Mercúrio [mit.] – 16 n. 5,
 16-17 n. 6, 22 n. 33, 37
 n. 56, 38, 46
 Mérope [mit.] – 91, 103
 Mesa [top.] – 71

- Metóquites, Teodoro – 29-30
n. 45
resumol/comentário sobre
Almagest – 30 n. 45
Stoicheiosis Astronomike –
29 n. 45
- Mínos [mit.] – 66 n. 108, 95
n. 177, 105
Mínos, filha de [mit.] – 103
- Mírtilo [mit.] – 80
- Mnáseas – 27 n. 38
- Morris – 17 n. 8
- Musas [mit.] – 46, 48, 92-93,
98, 102
Musas, ama das [mit.] – 98
Musas, Lira das – 48 n. 83
- Museu – 42, 80
fr. 7 *Kinkel* – 42 n. 64
- N**
- Nabu [AZ] – 16 n. 5
- Nagy – 17 n. 8
- Naxos [top.] – 66 n. 107,
n. 108, 101
- Néfele [mit.] – 87, 98 n. 178
- Nemeia [top.] – 78
- Némesis [mit.] – 94, 94
n. 171
- Neoptólemo [mit.] – 52
- Nereidas (-es) [mit.] – 84,
102, 108
- Nereu, filhas de [mit.] – 84
n. 144
- Nergal – 16 n. 5
- Nero – 23 n. 24
- Newton – 24 n. 32
- Nícias – 21 n. 19
- Nicóstrato [mit.] – 62
- Nicteu [mit.] – 59 n. 89
- Nigídio (Nigid.)
De Sphaera – 47
- Nilo [top.] – 88, 109
- Ninfa(s) [mit.] – 52 n. 87, 59
n. 89, 66, 84 n. 144, 98
n. 178
- Ninfas Dodónidas [mit.] –
81 n. 139
- Ninfa dos Idas [mit.] – 62
- Ninurta [AZ] – 16 n. 5
- Nisa [top.] – 52
- Nono (Nonn.)
Dionysiaca (D.)
1.246-54 – 26 n. 37
5. 275 – 20 n. 17
18.20 sq. – 60 n. 91
- O**
- Obsequente, Júlio
68 – 23 n. 24
- Oceano [mit.] – 15, 19 n. 14
Odysea, Odisseia (Od.) / epe-
peia Odisseica – 17 n. 8,
19 n. 14

- 1.53-4 – 19 n. 14
 1.68-9 – 19 n. 14
 1.8 – 19 n. 14
 1.26-43 – 66 n. 108
 3.2 – 19 n. 14
 5.271-7 – 19 n. 14
 5.272-7
 6.242-5 – 19 n. 14
 7.324 – 70 n. 114
 11.572-5 – 69 n. 112
 15.329 – 19 n. 14
 17.565 – 19 n. 14
 11.309 – 70 n. 114
 20.350-5 – 19 n. 14
 20.356-7 – 19 n. 14
Scholia
schol. Od. 5.272 – 63
 n. 100
 Ofiúco [mit.] – 11, 40, 68
 Olímpia de Molosso – 52
 Olimpíada – 52 n. 87
 48^a – 22 n. 22
 78^a – 23 n. 24
 126^a – 27 n. 38
 Olímpicos – 70 n. 114
 Olimpo [top.] – 19 n. 14, 49,
 71 n. 114
 Olimpo, Monte [top.] – 93
 n. 169
 Olivieri, A. – 32, 32 n. 48, 34,
 34 n. 49, 45, 53-54, 92
 n. 163, 110 n. 190, n. 191
 Oráculo de Delfos – 63
 n. 100
 Oráculo de Siwah – 52
 Orfeu [mit.] – 46, 92, 92
 n. 163, n. 166, 93 n. 167,
 n. 168
 Orfeu, culto de (Culto
 Órfico) – 92 n. 163, 95
 n. 176
 Orfeu apóstata – 92 n. 163,
 n. 165
 Orígenes
Contra Celsum (Cels.)
 1.58 – 23 n. 24
 Órion [mit.] – 12, 15, 19
 n. 14, 20 n. 17, 28,
 36-37, 43 n. 76, 44, 46,
 49, 69, 69 n. 11, n. 112,
 70 n. 114, 103, 103
 n. 183, n. 186, 105, 109,
 114,
Orphica Fragmenta (OF)
 247 v. 24-26 – 24 n. 29
 536 – 93 n. 167
 538-45 – 93 n. 167
 60 I – 93 n. 167
 678 – 93 n. 167
 Ovidio (Ov.)
Fasti (Fast.) – 50 n. 85
Metamorphoses (Met.)
 1.220 sq. – 59 n. 89
 2.409-507 – 59 n. 89

- 2.410 – 60 n. 92
3. 131 sq. – 59 n. 90
4.285-388 – 76 n. 124
15.745-851 – 23 n. 24
- Tristia* (*Tr.*)
1.27 – 22 n. 22
4.3.1-2 – 22 n. 22
- P**
- Pã [mit.] – 112
Paléfato (Palaeph.)
1 – 99 n. 178
Pâmias I Massana, J. – 31 n.
46, 34, 35 n. 50, 47 n. 81,
50 n. 85, 54, 73 n. 117
Panatenaicas – 79
Pandora [mit.] – 59 n. 89
Pangeu [top.] – 92
Paníasis
Heracleia – 43, 76
Fragmenta
fr. 3 Kinkel – 43 n. 75
fr. 6 Bernabé – 43 n. 75
fr. 11 Bernabé – 43 n. 75
Papiro Derveni
col.14.3 – 93 n. 167
col.23.9 – 93 n. 167
Papo – 25
Parapamisadanos [etn.] – 51
Parapamiso, Monte [top.] –
51
Parménides de Eleia – 24, 25
n. 34
FVS
28A20 – 93 n. 167
Pausânias (Paus.)
1.25.1 – 59 n. 89
1.44.8 – 59 n. 90
2.1.6 – 92 n. 167
7.27.10 – 73 n. 117
8.3.6 – 59 n. 89
9.2.3 – 59 n. 90
Pégaso [mit.] – 28, 28 n. 42,
36, 39, 46, 86, 86 n. 148
Peixe [AZ] – 11-12, 30, 110
Peixe Austral [AZ] – 37, 89
Peixe Boreal [AZ] – 89
Peixes [AZ] – 11, 39, 89
Peixes, dois [AZ] – 37, 89,
110
Peixe, Grande [AZ] – 89, 110
Pélion, Monte [top.] – 98
n. 178, 112
Pélops [mit.] – 71 n. 114
Penélope [mit.] – 19 n. 14
Penteu [mit.] – 59 n. 90
Péon [mit.] – 87
Pérez Jiménez – 15 n. 2
Péricles – 21 n. 19, n. 21
Período Claudiano – 50
Perseu [mit.] – 11, 36, 39,
46, 83, 85, 85 n. 147, 90,
90 n. 159, 108

- Píndaro (Pi.)
Odae Olympicae, Odes Olímpicas (O.)
 1.44 – 70 n. 114
 1.46 sq. – 70 n. 114
 1.54-5 – 70 n. 114
 1.82 – 68 n. 109
Odae Pythiae, Odes Píticas (P.)
 4.81 – 70 n. 114
Fragmenta
 fr. 44 Bowra – 21 n. 20
Scholia
schol. O. 1.69 – 70 n. 114
 Piroente [AZ] – 117
 Pisandro – 43, 78
 fr. 1 Kinkel – 43 n. 68
 Pitágoras – 20 n. 18, 22
 n. 23, 24, 48 n. 83
 Pítón [mit.] – 63 n. 100
 Planetas [AZ] – 12, 117
 Planudes, Maximus – 33
Épitome – 34
 Platão (Pl) – 18, 22 n. 23,
 26, 27 n. 38
Apologia (Ap.)
 26d – 21, 21 n. 20
Cratylus (Cra.)
 409a – 24 n. 31
Epinomis (Epin.)
 990a – 18 n. 12
 987b-c – 16 n. 6
Hipparchus (Hipparch.)
 228 b6-c1 – 17 n. 8
Leges (Lg.)
 701c – 73 n. 119
Respublica (R.)
 508a – 21 n. 20
 516a – 21 n. 20
 606e-607a – 17 n. 9
Symposium (Smp.)
 186b – 81 n. 137
 188b – 18 n. 12
Timaeus (Ti.)
 22d – 18 n. 23
 38d2 – 16 n. 6
 41d – 26 n. 37
 Pléiade(s) [AZ] – 12, 36, 41,
 91
 Pléiades – 15, 19 n. 14, 43
 n. 76, 48 n. 83, 81
 Pléiades [mit.] – 43 n. 76
 Plínio (Plin.) – 23 n. 24
Historia Naturalis (HN)
 2.23.94 – 23 n. 24
 2.36 – 26 n. 37
 2.59 – 23 n. 24
 7.81 – 99 n. 178
 7.202 – 99 n. 178
 12.53 – 22 n. 22
 Plutarco (Plu.)
Alexander (Alex.)
 2-3 – 52 n. 87

- 2.1-4 – 52
 3.3-5 – 52
De facie in orbe lunae
 923A – 21 n. 21
De placitis philosophorum
 2.24 – 22 n. 23
Moralia
 922f-923a – 22 n. 23
Nicias (Nic.)
 23.1 – 21 n. 19
 23.2 – 25
 23.5 – 21 n. 19
 23.6 – 21 n. 19
Numa (Num.)
 1 – 22 n. 23
Pericles (Per.)
 38.2 – 21 n. 19
Platonicae Quaestiones
 H1 915, vol. XIII1,
 76-8
 (Pseudo)plutarco (Ps. Plu.)
De Homero
 1098-1106 – 16 n. 4
 Polidamante [mit.] – 18
 Polideuctes [mit.] – 90
 Politiano, Ângelo – 31
 Políxena [mit.] – 52 n. 87
 Pompeios, zona V 4, a PPM
 III 1010-13 – 50
 Porfírio (Porph.) – 17 n. 8
Vita Pythagorae (VP)
 41 – 46, 47 n. 83
 Posídon [mit.] – 46, 48, 70 n.
 114, 84, 87, 91, 102, 108
 Posídon, filha de [mit.] –
 103
 Posidónio – 20 n. 15
 Powell – 17 n. 8
 Proción [AZ] – 12, 114
 Prócris [mit.] – 105
 Prócris, esposo de [mit.] – 105
 Prometeu [mit.] – 51, 72
 n. 116
Protrigeter (Προτρυγητήρ),
 ‘Vindimadora’ [AZ] – 74,
 74 n. 121
 Ptolemeu I – 27 n. 40
 Ptolemeu II – 50 n. 86
 Ptolemeu III – 27 n. 38,
 n. 39
 Ptolemeu IV – 26 n. 37
 Ptolemeu V – 27 n. 38
 Ptolemeu, Cláudio (Ptol.) –
 22 n. 23, 25, 29, 35
Tetrabiblos (Tetr.)
 2.9 – 23 n. 24
 Ptolemeu Evergetes, esposa
 do rei – 78 n. 130

Q

Quatro estações (personifica-
 das) – 36

Querejeta , Miguel – 22 n. 22
 Questão eratósténica – 26
 n. 35
 Questão homérica – 17 n. 8
 Quios [top.] – 103
 Quios, colina da Ilha de
 [top.] – 69
 Quíron [mit.] – 86, 112, 112
 n. 193
 Quíron, filha de [mit.] – 86

R

Ramnunte da Ática – 94
 Ratdolt, Erhard – 34
 Rehm, A. – 31 n. 46, 32
 n. 48, 33-34, 34 n. 49, 54
 n. 88
 Reia [mit.] – 48 n. 83, 80
 Renascimento – 22 n. 23
 República Romana – 21
 n. 19
 Raymond – 17 n. 7
 Rhosos, Iohannes
 fl. 1447-1497 (H) – 31
 Rio [AZ] – 12, 109
 Robertus, C. – 34
 Roma [top.] – 23 n. 24
 Romanossaturni
 [etn.] – 22 n. 22
 Rzach – 42 n. 61, 59 n. 89

S

Sagitário [AZ] – 12, 36-37,
 39-40, 98
 Samash – 16 n. 5
 Santoni, Anna – 34
 Satanás – 71 n. 114
 Sátiros [mit.] – 50 n. 86, 76,
 98
Saturnia regna [mit.] – 73
 n. 117
 Saturno [mit.] – 16 n. 5, n. 6,
 22 n. 23, 38, 46
 Schaubachius, Io. Conradus
 – 33-34, 41
Scholia Basileensia – 31 n. 46
 Scutariota, João Tessalo – 31
 Seleuco (Seleuc.) – 23 n. 23
 Semintes – 44
 Séneca (Sen.)
 Quaestiones Naturales
 7.17.2 – 23 n. 24
 Serpente [AZ] – 36, 37 n. 56,
 38, 63, 63 n. 99, 67,
 Sérvio (Serv.)
 In Vergilium Comentarius:
 Aeneis (A.)
 1.287 – 23 n. 24
 6.790 – 23 n. 24
 8.681 – 23 n. 24
 In Vergilium Comentarius:
 Eclogae (Ecl.)

- 9.47 – 23 n. 24
In Vergilium Comentarius:
Georgica (G.)
1.138 – 59 n. 89
Sicília [top.] – 21 n. 19
sidus Iulium – 23 n. 24
Silenos [etn.] – 50 n. 86
Sin [AZ] – 16 n. 5
Sinésio de Cirene – 30 n. 45
Siproites [mit.] – 59 n. 90
Sírio, estrela [AZ] – 19 n. 14,
20 n. 17, 38, 105
Sírios [etn.] – 105
Sísifo [mit.] – 91
Sócrates-personagem – 21
n. 20
Sófocles (S.)
Antigone (Ant.)
1146-7 – 20 n. 18
*Andrómeda** – 43, 84, 108
Oedipus Tyrannus (OT)
660 – 21 n. 21
Fragmenta
fr. 672 Nauck – 21 n. 20
fr. 752 Radt – 92 n. 167
Sol – 15.16, 20 n. 16, 21
n. 20, 22 n. 23, 24, 39
Solmsen – 26 n. 37
Sositeu – 43
Stachys (Spica), estrela [AZ] –
28
Stephenson-Fatoohi – 21 n. 19
Stilbides – 21 n. 19
Suetónio (Suet.)
De Grammaticis (Gram.)
10 – 26
Iulius (Jul.)
88 – 23 n. 24
Nero
36 – 23 n. 24
Su(i)da (Suid.)
ε 2898 – 26 n. 38
- T**
- Tácito (Tac.)
Annales (Ann.)
14.22 – 23 n. 24
15.61 – 23 n. 24
Taígete [mit.] – 91
Tales de Mileto – 19, 20
n. 15, 22 n. 22, 62 n. 94
Tântalo [mit.] – 24 n. 24
Tebas [top.] – 63 n. 100, 105
Témis [mit.] – 73, 80
Teoclimeno – 19 n. 14
Teofrasto – 22 n. 23
Teógnis
1039-1040 – 20 n. 17
Téon de Alexandria – 25
Comentário do Almagest –
30 n. 45
Téon de Esmirna
198.14 Hiller – 24 n. 31

Expositio rerum mathematicarum ad legendum Platonem utilium – 20 n. 18

p.198 – 22 n. 22

Terion [mit.] – 112

Terra – 15, 19 n. 14, 20 n. 18, 22 n. 23, 23-24 n. 24, 24, 37, 73, 79, 84, 98, 103

Teseu [mit.] – 46, 66 n. 108, 67

Teseu, filho de [mit.] – 46, 68

Tesmofórias – 73 n. 117

Tétis [mit.] – 19 n. 14

Tibério – 36 n. 54

Tique [mit.] – 73

Tirnaviense, João Sambuco – 31

Titãs [mit.] – 80, 97, 101

Títio [mit.] – 70 n. 114

Touro [AZ] – 11, 16 n. 5, 36, 38, 41, 81, 81 n. 139, 91

Trácia [top.] – 23 n. 24

Triângulo [AZ] – 11, 36, 39, 88

Tritónida, Lago [top.] – 90

Tsamakda – 35 n. 51

Tucídides (Th.)

7.50.4 – 21 n. 19

7.85-6 – 21 n. 19

Tzetzes (Tz.)

Ad Lycophronem (ad Lyc.)

481 – 59 n. 89

U

Uderzo – 15

Ulisses [mit.] – 49

Ulisses, companheiros de [mit.] – 70 n. 114

Universo – 22 n. 23

Ursa [AZ] – 15, 60

Ursa, Guardiã da [AZ] – 11, 70

Ursa Maior [AZ] – 11, 19 n. 14, 22 n. 22, 36, 38, 59, 60 n. 93, 62 n. 98

Ursa Menor [AZ] – 11, 22 n. 22, 36, 38, 62 n. 98

Ursas [AZ] – 48 n. 83, 64, 67

Ursas, duas [AZ] – 44, 63

V

Vacantios – 23 n. 24

Vénus [mit.] – 16 n. 5, n. 6, 19 n. 14, 22 n. 23, 38, 46

Virgem, constelação / *Virgo* [AZ] – 11, 28, 37, 39, 39 n. 57, 40, 44, 73, 74 n. 121, 113

- Virgílio (Verg.)
Georgica (G.)
 1.265-6 – 23 n. 24
- Vésper [AZ] – 117
- Via Láctea [AZ] – 12, 24, 24
 n. 33, 39, 41, 121
- W**
- Westermann, A. – 26 n. 35,
 34
- Wolf, F. – 17 n. 8
- X**
- Xenofonte (X.)
Memorabilia (Mem.)
 4.7.7 – 21 n. 21
- Xenófanes (Xenoph.)
Cyropaedia
 4.3.19-20 – 99 n. 178
- Fragmenta*
 21 B 19 DK – 19 n. 13
- Z**
- Zenódoto de Éfeso – 27 n. 40
- Zeus [mit.] – Cf. Júpiter – 16
 n. 5, n. 6, 39, 39 n. 58,
 44, 46, 48, 52, 59, 59
- n. 89, 60, 60 n. 91, n. 92,
 62, 63, 63 n. 100, 65,
 68, 68 n. 109, 69-71,
 71 n. 116, 75, 78-79, 79
 n. 131, 80-81, 81 n. 137,
 88, 90-91, 93-94, 94
 n. 171, n. 172, n. 174,
 95, 95 n. 177, 97-98,
 100-101, 103, 105, 111-
 -112, 117
- Zeus e Témis, filha de [mit.]
 – 73
- Zeus sobre águia – 41
- Zeus, ama de [mit.] – 62
- Zeus, descendente de [mit.]
 – 70 n. 114
- Zeus, diadema de – 39
 n. 58
- Zeus, filho de [mit.] – 83
- Zeus, filhos de [mit.] – 121
- Zeus, matrimónio/bodas de
 – 63, 63 n. 100
- Zeus, raio de – 70 n. 114,
 71 n. 116, 100
- Zeus, recinto [sagrado] de
 [top.] – 60
- Zodíaco – 20 n. 16, 35, 39,
 41, 47, 69, 70, 76, 78,
 115
- Zucker, A. – 31 n. 46, 34, 54

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seica, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibiades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípidés. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecfrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calíroo*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
56. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epitáfios (livro VII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).
57. Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão: *Plutarco. Vidas Paralelas – Alexandre e César*. Tradução do grego, introdução

e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).

58. Aldo Dinucci: *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
59. Karen Amaral Sacconi: *Fragmentos de Aristófanes (Aristophanis fragmenta)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
60. Reina Marisol Troca Pereira: *Eratóstenes. Constelações do Zodíaco*. Introdução, tradução do grego, notas e índices (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).

Este escrito pseudoeratosténico que se traduz nesta publicação retrata um grupo de episódios que não se limita a 12 constelações. Tampouco discorre acerca de influências/condicionalismos deterministas sobre eventualidades e comportamentos diários, mensais ou anuais das criaturas terrenas da Época Alexandrinista. Embora não se trate de um tratado astronómico e o estilo prime por um carácter simples e sucinto, muito há para descodificar nos pouco mais de quarenta episódios. De conotações astronómicas, apresenta-se como um exercício de aproximação, ao proporcionar ao recetor explicações de algo visível, mas não atingível - as constelações, através de imagens do saber comum, radicadas em cenas e aspetos mitológicos. Ademais, são vastos os *topoi* desenvolvidos, como *philia*, traição, cólera, justiça, crime e castigo, reverência, eponímia, etiologia, metamorfose, mitologia.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

